

PATRICK LOGAN

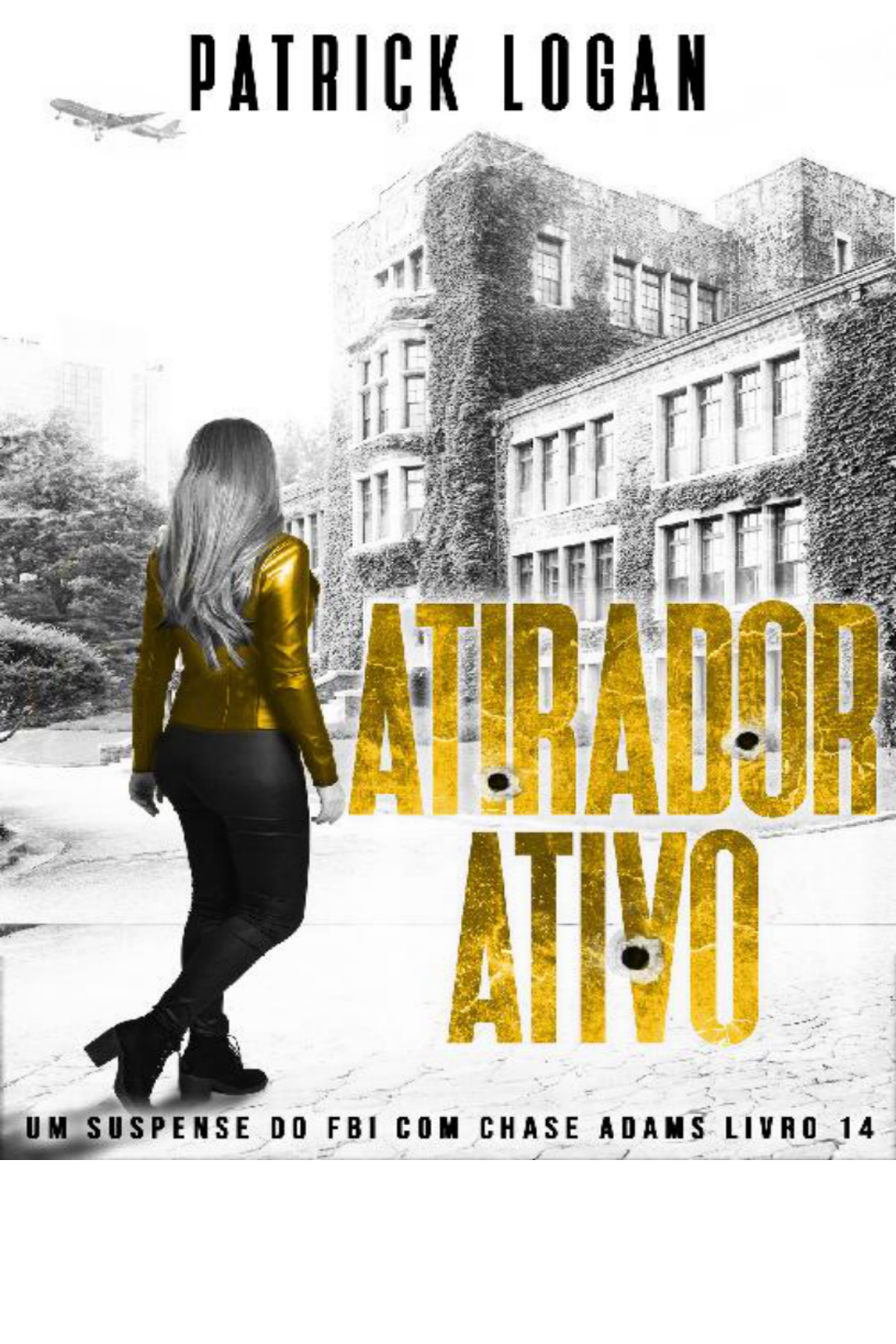


ATIRADOR ATIVO

UM SUSPENSE DO FBI COM CHASE ADAMS LIVRO 14

VISIT...

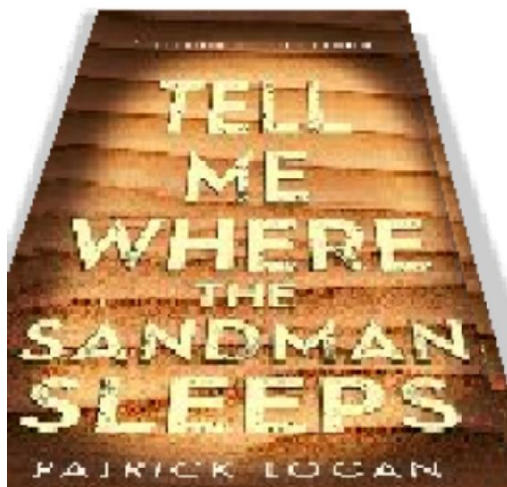
LANZAROTE
Caliente.COM

A woman with long dark hair, wearing a shiny gold leather jacket and black pants, is walking away from the camera on a paved path. In the background is a large, multi-story building covered in ivy. An airplane is visible in the sky in the upper left corner.

PATRICK LOGAN

**ATIRADOR
ATIVO**

UM SUSPENSE DO FBI COM CHASE ADAMS LIVRO 14



Quer um livro gratuito?

Inscriva-se no meu boletim informativo *sem spam* para receber gratuitamente o livro *Tell Me Where the Sandman Sleeps*.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!



Também não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:

www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Atirador ativo

Um thriller do FBI sobre Chase Adams

Livro 14

Patrick Logan

Prólogo

PARTE I - Explosão

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

PARTE II - Mentalidade de multidão

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

PARTE III - Aviso de acionamento

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Epílogo

O fim

Nota do autor

Outros livros de Patrick Logan

Atirador ativo

Prólogo

Meu celular toca e o brilho da tela penetra na escuridão.

Imediatamente a pego e a coloco em meu rosto.

Um texto simples.

Uma linha.

Uma *palavra*.

Eu estava esperando por esse momento - esperando por ele desde que tivemos aquela primeira conversa, há mais de seis meses.

Meus dedos de repente se sentem vivos com uma explosão de adrenalina. Pequenos formigamentos tornam difícil continuar segurando o telefone.

Já é tarde, quase meia-noite, mas, como na maioria das noites, estou bem acordado.

Porque eu estava esperando por essa mensagem.

Isso vai mudar *tudo*.

Ainda assim, eu estaria mentindo se dissesse que não estava nervoso. Afinal de contas, o texto não apenas significava o início de algo novo, violento e empolgante, mas também marcava o fim.

O fim de tudo.

Levanto-me lentamente da cama, com o celular na mão e os olhos fixos na tela, enquanto me dirijo ao armário.

Abro a porta e observo as roupas dispostas em cabides. Em seguida, meus olhos se voltam para o punhado de pares de sapatos no fundo, o cesto cheio de roupas sujas atrás dele.

Lenta e metodicamente, tiro os sapatos e os coloco de lado. Em seguida, pego o cesto e o puxo para fora.

Meu coração está batendo rapidamente no peito, palpitando, na verdade - posso sentir meu pulso batendo na garganta e nos pulsos. Com a mão livre, alcanço o baú na parte de trás, afastando casualmente a roupa suja que não foi colocada na lixeira e cobriu a parte superior. É pesado, e sou forçado a largar o telefone para puxá-lo completamente para fora.

Quando ele finalmente está descansando na minha frente, eu o olho fixamente e o escuto.

Minha casa está silenciosa.

Todos estão dormindo.

Todos menos eu.

A chave do baú está pendurada em uma corrente em meu pescoço,

como sempre faz.

Eu nunca o tirei. Nem quando tomo banho, nem quando participo da aula de ginástica, embora o professor diga a todos os alunos que não é permitido usar joias. Nada de pulseiras, anéis, brincos e, definitivamente, nada de colares.

Mas, como todo mundo, o professor não presta atenção em mim.

Ninguém sabe.

Em breve, eles o farão.

Uso a chave para abrir a caixa, mas antes de virar a tampa, hesito. Este é o momento da verdade.

Ainda posso empurrar o peito para trás, cobri-lo com roupa suja e excluir o texto.

Nenhum deles saberá o quão perto chegaram.

Ninguém além de mim.

E essa, na minha opinião, é a verdadeira definição de poder.

Conhecimento de uma tragédia iminente, enquanto outros chafurdam na feliz ignorância.

É a palavra "*iminente*" que me atrai.

Impending implica inevitabilidade.

Meus olhos se voltam para o celular que está no tapete ao meu lado.

A tela ainda está ligada, e aquela única palavra brilha acusadoramente.

Eu aceno com a cabeça, como se estivesse aceitando meu destino, o destino de todos nós, e então abro a caixa.

Embora eu saiba o que há lá dentro, a visão do metal reluzente ainda provoca um pequeno tremor de terror.

Um dos itens é maior do que os demais. Mais intimidador, mais indutor de medo.

Mas esse não é para mim.

Os outros são menores, portáteis, facilmente escondidos no cós de uma calça jeans suja.

Pego um dos objetos, viro-o em minha mão enquanto olho para a forma. Não há muita luz no armário, mas o brilho do meu celular é suficiente para iluminar meu rosto, permitindo que eu veja meu reflexo.

Meu rosto. Aquele com o qual vivi minha vida inteira.

É feio.

Chato.

Não é especial de forma alguma.

E os outros... os outros se certificaram de que eu soubesse disso.

Bem, tudo isso está prestes a mudar.

Enquanto ajusto minha mão na coronha da arma prateada, olho para o texto uma última vez.

Uma simples palavra que mudará tudo.

Amanhã.

Amanhã, as coisas serão diferentes.

O amanhã não será nada normal e entediante.

E depois de amanhã, as pessoas se lembrarão do meu nome.

Suspiro e estremeço novamente, desta vez de prazer, e então coloco a arma de volta na caixa.

Voltei para a cama e, pela primeira vez desde que me lembro, adormeci com um sorriso no rosto.

Amanhã *tudo* mudará.

PARTE I - Explosão

Capítulo 1

"Ele vai fugir", murmurou a agente do FBI Chase Adams. "Ele vai fugir, porra."

"Eu não acho..." Tate Abernathy nem teve a chance de terminar a frase antes que o homem que eles estavam seguindo na última semana fizesse exatamente isso: corresse.

Mas não antes de tirar o paletó, revelando seu corpo completamente nu por baixo.

"Que diabos?" Chase ouviu seu parceiro sussurrar.

Ela não se distraiu com a carne de alabastro do homem, nem com a visão das bochechas nuas de sua bunda enquanto ele corria.

Ela já estava em movimento, largando os binóculos e correndo atrás dele.

Atrás dela, ela ouviu Tate fazendo o mesmo, xingando repetidamente, dizendo algo sem sentido sobre como ele ainda odiava correr depois de todo esse tempo.

Mas, por mais que Tate detestasse correr, o treinamento constante o tornara muito bom nisso.

Tanto que, na verdade, ele era mais rápido do que ela, apesar de Chase ter corrido a vida inteira.

De seu passado.

De suas escolhas.

De tudo.

Enquanto os sapatos de Chase rangiam na fina camada de neve que cobria a grama, Tate a alcançou rapidamente.

"FBI! Pare!", ela gritou.

O homem não tinha a menor intenção de parar. E, por mais forte que fosse, ele também era rápido.

De repente, Chase teve a ideia de que, se não fosse por Tate, ele poderia ter fugido. No entanto, ela não tinha certeza de até onde ele teria ido, já que eram quase seis da manhã e ele estava completamente nu.

"Pare!"

O homem continuou correndo. Chase se esquivou de um balanço, de uma gangorra, de um dinossauro de plástico.

Eles estavam se aproximando dele.

Seu parceiro também estava gritando agora, mas com o sangue rugindo em seus ouvidos, Chase não sabia dizer se ele estava instruindo o homem a parar ou se ainda estava irritado por ter sido forçado a correr.

Não importava.

O homem chegou a meio caminho da escola quando Tate finalmente o pegou.

Chase continuou a bombear seus braços e pernas, diminuindo a distância entre eles. Tate esticou a mão e bateu no ombro esquerdo do homem. Foi um movimento pouco ortodoxo, mas se mostrou eficaz. Chase teria colocado sua perna para fora, cortando o calcanhar do homem, fazendo com que suas pernas se enroscassem. Mas a técnica de Tate era melhor porque permitia que ele continuasse a se mover, caso o golpe fosse ineficaz.

Não foi.

O homem grunhiu ao cair de cara no chão, com as mãos estendidas à sua frente. Ela ouviu o som de algo estalando ou quebrando, e o homem gritou de dor.

Ele teve sorte. Se tivesse caído um metro antes, teria colidido com a peça de madeira 4x4 que emoldurava a caixa de areia em vez da neve coberta de grama.

Tate foi para cima do homem instantaneamente, pulando em suas costas e puxando seus braços finos para trás.

O homem uivou. Chase calculou que pelo menos um, talvez os dois, ombros dele haviam se deslocado na queda.

"Meu braço! Meu braço!", reclamou o homem. "Está quebrado."

Não estava quebrado, Chase sabia, mas ela não se sentiu obrigada a corrigi-lo.

Tate não teve piedade do homem, algemando-o com força e, em seguida, puxando-o para que se levantasse. No processo, o braço esquerdo do homem escorregou de volta para o encaixe e ele gritou novamente.

"Eu não fiz nada", disse o homem em meio a uma respiração dolorosa e difícil. "Eu não fiz *nada*!"

Chase observou o suspeito por um momento enquanto recuperava o fôlego.

Ele era incrivelmente magro, quase emaciado. Ela podia contar cada uma de suas costelas, e a falta de gordura corporal fazia com que o tufo escuro de pelos em seu peito inexistente se destacasse como se fosse uma tatuagem terrível.

O mesmo acontece com sua espessa mecha de cabelo pública.

Chase fez uma careta de desgosto.

"Você não fez *nada*?", repetiu ela. "Você está completamente nu do lado de fora de uma escola primária e *não fez nada*?"

"Minha jaqueta acabou de cair!", argumentou.

"Sim, claro", disse Tate. "Aconteceu a mesma coisa na semana passada, quando você se expôs para as crianças neste mesmo pátio da escola?"

Para seu crédito, apesar de ter sido pego em uma posição tão comprometedora, o homem, que Chase sabia ser Dennis Mason, ainda tentou alegar sua inocência.

"Não sei do que está falando - nunca estive aqui antes."

Chase sabia o contrário.

Houve três relatos anteriores nessa área de Dennis se expondo a menores de idade. As primeiras foram à noite - ele abriu o casaco para um homem e uma criança que estavam passeando com o cachorro. Na última vez, Dennis veio durante o horário escolar e jogou seu casaco, o mesmo que estava usando hoje, no chão.

As crianças, sete delas, que estavam tentando aproveitar o recreio, ficaram traumatizadas.

Chase ficou feliz por terem pego o pervertido antes que suas ações inevitavelmente se transformassem em algo ainda mais desprezível.

"Você sabe do que estou falando, Dennis", afirmou ela, olhando nos olhos do homem.

Ele nem mesmo tentou disfarçar a surpresa que sentiu por ela saber seu nome.

"Deixe-me perguntar uma coisa", disse Chase lentamente. "Como você se sentiria se alguém se expusesse na frente de *seus* filhos?"

Os olhos de Dennis quase saltaram de sua cabeça.

Uma das coisas que Chase sempre teve dificuldade em entender é como esses cretinos podiam viver vidas tão dicotômicas.

Dennis Mason era um homem de classe média que trabalhava como especialista em projetos em uma grande empresa de construção. Ele era casado com uma mulher bonita, embora mais grossa, e tinha dois filhos gêmeos de sete anos.

Sua pesquisa revelou que Dennis era, na verdade, um pai decente. Ele tinha apenas um antecedente, uma condução sob efeito de álcool anos atrás, quando estava na faculdade.

E, no entanto, o homem tinha um segredo obscuro.

"Isso é nojento", cuspiu Dennis, e Chase, apesar de tudo, achou que o homem estava falando sério.

Como ele podia ficar horrorizado com a ideia de alguém fazer exatamente a mesma coisa que ele fazia era quase *inacreditável*.

Dennis começou a tremer e seus dentes rangeram ruidosamente.

No estacionamento do outro lado, uma viatura da polícia do condado de Prince William parou, com as luzes piscando.

"Você é patético", disse Chase.

Eles voltaram ao paletó do homem e ela o pegou, apertando-o entre dois dedos como se estivesse contaminado. Ela a colocou frouxamente sobre os ombros de Dennis.

"Tudo não passa de um mal-entendido", protestou ele.

Chase e Tate ignoraram Dennis e esperaram que o policial se

aproximasse.

"É Dennis Mason", disse Tate, e o policial assentiu.

O policial deu a Dennis o velho olhar de cima para baixo, e seu lábio se curvou em repulsa.

"Obrigado. Eu cuido disso a partir daqui."

Tate retirou suas algemas e segurou Dennis com firmeza enquanto o policial aplicava as suas.

"Policial, não sei o que esses caras lhe disseram, mas..."

"Cale a boca", advertiu o policial.

Chase e Tate observaram enquanto Dennis era praticamente arrastado para o carro da polícia. Ele defendeu seu caso o tempo todo, mas o jovem policial nem sequer lhe deu uma resposta.

Quando empurrou Dennis para o banco de trás, ele não abaixou a cabeça do homem o suficiente, e ela o ouviu gritar quando sua testa bateu na moldura da porta.

O policial tinha um leve sorriso no rosto quando fechou a porta. Depois, olhou de volta para eles e fez uma saudação com dois dedos.

"Bem", disse Chase, esticando e arqueando as costas enquanto o carro se afastava da escola, "a boa notícia é que não precisaremos sair para correr hoje".

Quando Tate não disse nada, ela olhou para ele. Ele não estava reagindo à piada da maneira que ela esperava.

Ele estava franzindo a testa, com apenas os cantos dos lábios visíveis sob o espesso bigode marrom.

"O que há de errado?"

Take deu de ombros e Chase pressionou.

"Não, me diga."

"Eu só... isso vai parecer estranho, mas eu estava esperando por algo mais."

Quase todo mundo teria questionado esse comentário, mas não Chase.

Depois de derrubar a Dra. Helen Niccolo e The Path to Eden, em comparação, os casos seguintes da Unidade de Vítimas Infantis foram bem pequenos. E o piscador Dennis Mason não foi exceção.

Os sentimentos de Tate eram familiares para a maioria das pessoas, mesmo que tangencialmente envolvidas com a aplicação da lei.

Não era incomum que policiais ou agentes, ao saírem de um grande caso, sentissem que suas tarefas regulares eram um pouco decepcionantes.

De certa forma, isso lembrava Chase de seu próprio vício em heroína, que, embora ela tivesse largado o vício anos atrás, ainda era uma luta constante.

Você estava sempre em busca de sua primeira sensação, experimentando diferentes compostos, diferentes métodos de

administração, tudo e qualquer coisa para reproduzir aquelas sensações iniciais.

Mas você nunca conseguiu recuperar essa sensação.

No entanto, o fato de não haver grandes casos para a CVU foi, sem dúvida, uma coisa *boa*.

"Dennis Mason é um canalha", disse Chase com naturalidade, enquanto olhava para o rosto de seu parceiro e noiva. "Por enquanto, ele estava apenas se expondo às crianças. Em um mês, porém..." Ela deixou a frase se arrastar. Ambos conheciam a psicologia e a patologia de indivíduos como Dennis Mason. Seus padrões de progressão.

Começava com flashes, mas, se nunca fossem pegos, aumentava para toques.

E então ficava muito ruim.

"Você tem razão", disse Tate com um sorriso cansado. "E, diabos, se isso significar que não teremos que correr hoje, então estou totalmente a favor."

Chase estava prestes a comentar que eles haviam corrido menos de 800 metros e que normalmente faziam oito quilômetros por dia, quando seu celular tocou. Ela o pegou e viu que não se tratava de uma chamada, mas de um alarme pré-programado.

"Merda", disse ela, anotando a hora.

"O quê?"

"Tenho que ir - prometi que levaria Georgina à escola hoje." Ela olhou por cima do ombro para o carro deles, estacionado a mais de um quilômetro de distância. "Vamos, Tate, só mais um pouco de corrida."

E então Chase decolou antes que seu parceiro pudesse reclamar, como ela sabia que ele faria.

Capítulo 2

"Georgina!" Chase gritou quando entrou na casa. "Georgina, você está acordada? Temos que ir!"

Tate seguiu atrás dela, e Chase tirou os sapatos.

"Georgina?"

Chase ficou irritada consigo mesma quando sentiu uma pontada familiar de ansiedade. Ela estava melhorando em dar espaço a Georgina, em não precisar ter olhos nela a todo momento, em não se sentir ansiosa e desconfortável se a garota não respondesse imediatamente. E ainda assim...

Chase usou o corrimão para se impulsionar escada acima. A porta de Georgina estava fechada e ela a abriu com força.

Quando ela não notou imediatamente a sobrinha, sentiu sua ansiedade aumentar em alguns níveis.

Então Chase viu um contorno familiar na cama e foi até ele. Ela puxou o lençol e Georgina, grogue de sono, rolou de costas.

"O que está fazendo?" perguntou Chase, com seu ritmo cardíaco voltando ao normal.

A garota piscou várias vezes, tirou o cabelo laranja brilhante do rosto e tossiu levemente.

"Não estou me sentindo bem."

Sua voz era tímida e calma.

Chase franziu a testa.

Georgina não estava bem na segunda e na terça-feira, e havia tirado os dois dias de folga da escola. Mas ontem à noite, ela estava bem no jantar, brincando e com um apetite saudável.

"Georgina, você tem que ir à escola hoje", disse Chase. "Você já faltou dois dias esta semana."

Georgina tossiu novamente, mas dessa vez pareceu forçado.

Chase estendeu a mão e colocou o dorso de sua mão na testa da garota.

Estava quente, mas não excessivamente.

"*Ainda não* estou me sentindo bem", reclamou Georgina.

Chase deu um passo para trás e observou sua sobrinha.

Ela parecia bem. Seus olhos, de um verde vibrante, estavam claros e brilhantes, e sua pele não estava úmida.

Chase inclinou a cabeça e disse: "O que está acontecendo? Você não está doente".

"Eu estou!" Georgina protestou. "Chase, eu estou, de verdade."

Se não fosse pela tosse patética que Georgina estava produzindo agora, Chase poderia ter caído na armadilha.

Só que ela não o fez. Era falso, artificial.

Ela cuidou e viveu com a sobrinha por tanto tempo que conhecia os

truques da garota.

Todos eles - e eram muitos.

Não há surpresa nisso. Georgina Adams, afinal, era uma adolescente quase brilhante, e esses espécimes eram manipuladores por natureza.

O ensino médio era difícil para todos, e era duplamente difícil para Georgina. Embora ela estivesse estudando em uma escola pública há algum tempo - os dias em que estudava em casa eram uma lembrança distante -, a maior parte desse tempo foi sob o olhar atento dos dois filhos de Louisa. Apenas um ano mais velhos que ela, Brandon e Lawrence eram bons garotos. Crianças bem ajustadas.

Espertos, engenhosos e, às vezes, traiçoeiros.

Mas eles protegiam Georgina ferozmente.

Esse talvez tenha sido o principal motivo pelo qual Chase permitiu que sua sobrinha fosse para a escola.

Mas isso foi quando eles estavam em Nova York. Depois do noivado, Chase e Tate compraram uma casa na Virgínia e os quatro, Chase, Georgina, Tate e sua filha Rachel, foram morar juntos. Isso significava que Georgina estava destinada a frequentar uma escola local. E, embora o Williamsburg Collegiate Institute fosse uma escola particular de prestígio, uma das melhores do estado, ainda era um ambiente novo.

Novas pessoas.

Novos desafios.

Novas oportunidades para outros alunos descobrirem sobre o passado conturbado da garota.

Chase verificou seu telefone. A escola começava às 8:30 e já eram 8:10. Além de Georgina ainda não ter saído da cama, levaria pelo menos dez minutos de carro até a escola.

Por um breve momento, ela se perguntou se Georgina estava apenas sendo uma adolescente comum ou se havia algo mais profundo em jogo.

Chase queria perguntar, mas simplesmente não havia tempo. Além disso, ela estava cansada, pois havia passado as primeiras horas da manhã esperando que o perverso Dennis aparecesse.

"Levante-se", instruiu Chase com severidade.

"Mas..."

"Nada disso, Georgina. Você faltou nos últimos dois dias. Não sei o que está acontecendo com você, mas hoje você vai para a escola. Agora, levante-se."

Parecia que Georgina estava prestes a discutir, mas Chase apertou o cobertor com força e o jogou no chão.

"Agora."

"Tudo bem", disse Georgina, levantando-se da cama.

Chase esperou que a garota fosse ao banheiro antes de descer as escadas, balançando a cabeça o tempo todo.

"O que está acontecendo com ela?" perguntou Tate. Ele entregou a Chase uma xícara de café fresco e ela tomou um gole.

"Eu não sei. Talvez ela esteja tendo dificuldades para se adaptar."

Tate fez uma careta.

"Já estamos há quase dois meses no ano letivo, Chase."

"Eu sei", respondeu ela com mais força do que pretendia. Ela suspirou e bebeu mais de seu café. "Vou falar com ela hoje à noite."

No andar de cima, Chase ouviu a água ser fechada quando Georgina terminou o banho.

"Apreste-se, Georgina!"

A garota respondeu algo que Chase não captou, o que provavelmente foi melhor assim.

Georgina era uma boa garota, às vezes uma ótima garota, mas mesmo as ótimas garotas tinham atitudes de vez em quando.

"Você quer vir comigo? Depois que eu a deixar em casa, podemos ir juntos para o trabalho. Terminar a papelada sobre aquele idiota do Dennis Mason."

Tate balançou a cabeça.

"Eu vou ver a Rachel hoje, lembra? Tirei o dia de folga."

"Ah", disse Chase, lembrando-se da conversa que tiveram na noite anterior.

A Virginia Tech estava organizando uma espécie de dia de Open House, e Tate estava planejando passar o dia com sua filha, levando-a para almoçar.

"Parece que você vai cuidar da papelada do Dennis Mason por conta própria", brincou ele, "se conseguir lidar com todas as minúcias".

Chase sorriu.

Nada do que Tate dizia era por acaso e, nos últimos anos em que viveram juntos, Chase descobriu que o homem era uma das pessoas mais espirituosas que ela já havia conhecido.

"Quero dizer, estava frio lá fora", comentou Chase.

Tate riu.

Ele terminou o café e a beijou no rosto.

Em seguida, ele virou a cabeça para as escadas.

"Tenha um bom dia na escola, Georgina!"

"Tchau, Tate", Georgina respondeu secamente.

Chase revirou os olhos.

"Falaremos com ela hoje à noite - juntos", disse Tate, tentando acalmar os nervos de Chase. "Ela ficará bem."

Depois que Tate saiu, Chase colocou um pedaço de pão na torradeira e, quando ele apareceu, ela espalhou geleia nele.

Momentos depois, Georgina entrou na cozinha vestindo uma blusa

branca, dobrada para dentro, e uma saia azul de tartã que chegava até um pouco acima do joelho.

"Aqui, pegue isto", disse Chase, oferecendo o brinde.

"Não estou com fome."

É claro que você não está.

"Você precisa comer alguma coisa."

"Bem, não estou com fome. Tenho um intervalo no segundo período, então vou comer."

Só que Chase sabia que Georgina não havia preparado um almoço.

"Mas..."

"Vou pegar algo na cafeteria. Puxa, relaxe."

E com isso, a garota girou, foi até a porta e calçou os tênis.

Chase, ainda balançando a cabeça com irritação, calçou os sapatos novamente. Eles ainda estavam úmidos.

"Uma jaqueta!", disse ela. "Você precisa de uma jaqueta!"

Mas Georgina já estava do lado de fora e não tinha intenção de voltar.

Ultimamente, as interações entre eles têm seguido um padrão semelhante ao dessa manhã. No fundo, Chase sabia que isso era uma coisa boa, que as rotinas, mesmo aquelas que a incomodavam muito, eram normais. Isso significava que Georgina estava se tornando uma criança normal e chata.

Surpreendente, considerando tudo o que ela havia passado.

Mas desde que Rachel se mudou para a residência na Virginia Tech, deixando Georgina sozinha no quarto que dividiam, a garota se tornou mais introvertida, mais reservada.

E quanto mais Chase pressionava, mais Georgina se fechava em sua concha.

Ela *não* estava ansiosa pela conversa desta noite.

Chase entrou em seu BMW e deu a partida.

Eles dirigiram em silêncio durante os primeiros cinco minutos e, então, Chase, que deveria estar acostumada a esse tratamento desde o tempo em que trabalhava com Jeremy Stitts, sentiu uma forte compulsão de quebrá-lo.

Ela lutou contra esse desejo por mais trinta segundos antes de ceder.

Chase podia ficar olhando para um suspeito sem dizer uma única palavra por quase uma hora, divertindo-se ao vê-lo se contorcer.

Mas com Georgina?

Todas as apostas foram canceladas.

"O que há de errado com você? Por que você não quer ir para a escola?"

Era a pergunta errada a ser feita, a abordagem errada, *tudo* errado.

Pensando na vida dupla de Dennis Mason, Chase não pôde deixar

de sentir uma profunda ironia em sua situação atual.

Quando apenas observar um suspeito não funcionava, ela sabia exatamente qual abordagem adotar.

Nem sempre era a abordagem *correta* - Chase estava ciente de que suas táticas eram muitas vezes agressivas demais - mas, na maioria das vezes, elas eram eficazes.

E, no entanto, ao falar com a sobrinha, Chase sempre se via dizendo o oposto do que deveria estar dizendo.

"Não há nada de errado na escola", respondeu Georgina de forma agressiva. "Só estou doente."

Uma mentira.

"Alguém está incomodando você?"

Georgina olhou para ela, claramente insatisfeita por ter sido desafiada.

"Não, estou apenas doente, está bem? Esqueça isso."

Não me diga para parar com isso, estava na ponta da língua de Chase, mas ela mordeu com força.

Havia algo incomodando Georgina.

De repente, Chase se lembrou de seus anos de juventude com a irmã, antes... antes de serem levadas.

Embora essa época de sua vida ainda fosse um borrão, uma bagunça confusa, Chase sabia que ela e sua irmã costumavam brigar.

Depois de alguns de seus confrontos mais intensos, Chase não hesitava em pedir desculpas.

Mas Georgina não quis saber disso.

Ela se afastava e ficava de mau humor. Às vezes isso durava uma hora, às vezes um dia.

Chase deu uma olhada em sua sobrinha pelo canto do olho.

A garota não era apenas parecida com a irmã de Chase, mas também agia da mesma forma.

Deus, sinto falta dela.

Chase cerrou a mandíbula e olhou fixamente para frente.

O Williamsburg Collegiate Institute, conhecido mais informalmente como WCI, começou a ser visto lentamente.

Era um edifício impressionante. Com o formato de um "A" maiúsculo gigante, a fachada de pedra estava coberta de hera.

A WCI lembrava a Chase uma versão muito menor de Harvard. Outra semelhança era o fato de ser igualmente difícil de entrar - apenas cerca de 3% dos candidatos eram aceitos a cada ano.

Os custos também eram comparáveis.

Graças a Deus por Stu Barnes.

Chase parou diante dos enormes portões de ferro que cercavam a escola. Somente o corpo docente e os alunos podiam entrar no prédio, o que era um importante recurso de venda para ela. Enquanto,

durante a visitação pública, a maioria dos pais passava o tempo avaliando as instalações, como o refeitório e o ginásio, e se interessava pelo tamanho das salas de aula - os telefones celulares também tinham sido um tópico importante e a maioria dos pais ficou aliviada ao saber que todos os telefones eram confiscados na porta e devolvidos no final do dia - o foco de Chase era diferente.

Ela se preocupava quase que exclusivamente com a segurança.

Suas perguntas sobre protocolos de bloqueio e guardas de plantão foram recebidas com olhares cautelosos dos outros, inclusive de sua sobrinha.

"Tenha um bom dia, ok?" Chase disse suavemente quando Georgina saiu do carro. A garota deu dois passos e, por um momento, Chase pensou que ela iria embora sem dizer nada.

No último segundo, porém, Georgina se virou, olhou para ela e disse: "Te amo, Chase".

Chase repetiu as palavras e tentou dar um sorriso tranquilizador.

Mas algo nos olhos de sua sobrinha a fez parar.

Sim, vamos ter uma conversa de verdade hoje à noite, Georgina. Não importa o quanto isso nos deixe desconfortáveis.

Capítulo 3

"Rachel!" exclamou Tate, estendendo bem as mãos. "Rach, dê um abraço em seu pai".

Rachel estava sentada à escrivaninha em seu dormitório quando Tate chegou. Ele encontrou a porta aberta e entrou.

Ela se virou, com uma expressão de espanto no rosto.

"Oi, pai, eu não o esperava até mais tarde, até o almoço."

Tate deu de ombros.

"Você deveria ter visto minha manhã - estou com fome agora. Além disso, por favor, não fique *muito* feliz em me ver."

Ele esperava que sua filha risse disso, mas ela não riu.

"É que..."

"Vamos, me dê um abraço", insistiu ele.

Tate notou que os auxiliares de locomoção de Rachel, bastões que podiam ser amarrados em seus pulsos, estavam perto da porta e os pegou. Mas Rachel já estava se empurrando para fora da cadeira. Vendo a determinação em seu rosto, Tate segurou os bastões, mas não os ofereceu.

Rachel deu quatro passos, quatro passos *firmes* , e depois o abraçou com força, enterrando o peito na frente da camisa de botão dele.

"Senti sua falta, Rach", disse Tate, abraçando-a de volta.

Ele se inclinou e cheirou o cabelo dela.

Tate adorou o cheiro.

Isso o fez lembrar de quando ela era um bebê - um bebê irritado que chorava o tempo todo - e ele a segurava e a embalava.

Tate abriu os olhos e olhou por cima da cabeça de sua filha. Ao lado do laptop dela havia meia dúzia de copos de Starbucks e duas latas vazias de energético.

Isso o fez sorrir. Assim como Chase, ele ainda estava se acostumando a viver uma vida normal com essa nova família mista. As pequenas coisas, como aquelas bebidas energéticas, o lembravam de quão longe eles haviam chegado.

Mas então ele viu outra coisa, e esses sentimentos desapareceram.

Um aparador de barba elétrico preto.

"Venha, vamos comer alguma coisa", disse Rachel. "Acabei de comer..."

"Ei, garota, encontrou meu barbeador elétrico? Estou parecendo um yeti aqui."

Em resposta à voz que vinha do corredor, Rachel se afastou. Ela deu uma olhada por cima do ombro de Tate e ele a viu balançar a cabeça levemente.

Tate se virou bem a tempo de ver um homem se abaixar na porta.

Não, você não precisa.

Ele empurrou as varas para Rachel, deu um passo para trás e disse: "Ei, ei, você!"

Inclinando-se para o corredor, Tate viu um homem alto e loiro com ombros largos que parecia pronto para correr.

Ele se lembrou de Dennis Mason, e teve a desagradável imagem mental das bochechas pálidas da bunda do homem balançando para cima e para baixo.

Mas Dennis estava emaciado, e esse homem era tudo menos isso.

"Ei!"

O homem se virou para encará-lo.

Seu cabelo loiro de comprimento médio era penteado para um lado e tinha covinhas profundas nas duas bochechas - bochechas que mal tinham pelos, para constar. Seu suéter com gola em V era decotado e revelava uma parte superior do tórax grossa.

O garoto sorriu.

"Sr. Abernathy", disse ele com um aceno de cabeça. Ele se adiantou e estendeu a mão.

Tate fez uma careta ao ver o membro estendido.

"Quem é você?"

Tate sabia que deveria agir com calma, que deveria apertar a mão do homem e se apresentar.

Era isso que a situação exigia.

Mesmo após o acidente de carro, quando os policiais começaram a interrogá-lo, Tate sabia exatamente o que dizer e fazer.

Ele deixou de lado todos os seus sentimentos pessoais e se tornou a pessoa que precisava ser para garantir que sua esposa não passasse o resto de sua vida natural atrás das grades.

Mas, desde que ele contou a Chase o que realmente havia acontecido naquela noite, quem realmente estava dirigindo o carro que resultou em um morto e um quase paralisado, ele achou mais difícil sua capacidade de se tornar um camaleão.

E, neste momento, isso era impossível.

"Meu nome é Billy Dalton", disse o rapaz sem hesitar. Ele abaixou a mão. "Sou amigo da Rachel."

"Uma amiga que, por acaso, deixou uma lâmina de barbear em seu quarto?"

"Pai", implorou Rachel, aparecendo ao seu lado.

Billy se contorceu desconfortavelmente.

"Em que ano você está, Billy?" exigiu Tate.

Rachel era sua garotinha, sempre seria, mas ela também tinha dezenove anos.

Dito isso, Billy não parecia um calouro.

"Terceiro."

"Terceiro ano?" Tate fez uma careta.

"Vamos almoçar, papai." Rachel puxou seu braço, mas ele a ignorou.

"O que um aluno do terceiro ano está fazendo aqui no dormitório?"

"Eu só estava..." O homem franziu o rosto.

Tate sabia que o fato de ter perdido os 20 quilos extras o tornava uma figura menos imponente, mas ele tinha muita experiência em intimidar os outros.

E ele colocou isso em prática agora.

"Eu lhe fiz uma pergunta: o que um aluno do terceiro ano está fazendo aqui no dormitório dos calouros?", repetiu ele.

Rachel puxou seu braço novamente e, dessa vez, Tate olhou para ela. Ela estava olhando para ele com olhos suplicantes.

Olhos que imploravam: "*Não me envergonhe*".

Mas que tipo de pai seria Tate se ele não envergonhasse sua filha? Isso fazia parte do território.

Ainda assim, ele estava em dúvida sobre o que fazer em seguida. Rachel era adulta, podia tomar suas próprias decisões.

Ele observou enquanto ela colocava os bastões em seus pulsos.

Não faz muito tempo que Rachel estava praticamente acamada. Ela havia superado muitas coisas nos últimos quatro ou cinco anos.

Muito.

Não, pensou Tate. Que se dane isso. Posso ter perdido sua mãe, mas não vou perder você.

"Billy?", ele desafiou.

"I-"

"Sabe de uma coisa?" interveio Tate. "Mantenha esse pensamento. Vamos discutir isso durante o almoço."

"Papai", reclamou Rachel.

"O quê? Acho que é uma ótima ideia. O que você acha, Billy? Você parece ser um cara grande, precisa de proteína e tudo mais. O que acha de comermos alguma coisa?" Tate sentiu sua sobrancelha baixar. "E enquanto comemos, você pode explicar por que sua lâmina de barbear está na mesa da minha filha."

Capítulo 4

Chase ainda estava pensando sobre sua interação com Georgina quando chegou ao escritório.

Ao refletir sobre si mesma, ela percebeu que Georgina estava agindo de forma estranha não apenas nesta semana, mas pelo menos no último mês. No início, a entrada de sua sobrinha no ensino médio tinha sido uma transição fácil. Georgina estava animada, chegando em casa todos os dias e contando as novidades sobre seus colegas de classe, seus professores, algumas das atividades extracurriculares das quais ela estava animada para participar. E quando Georgina expressou interesse em tentar entrar para a equipe de atletismo, Chase sentiu orgulho. Mas, com o passar do tempo, as coisas começaram a mudar lentamente. Já se foram os dias em que Georgina chegava em casa e lhe contava sobre o que havia acontecido na escola.

Ela se tornou reservada e introvertida, o que não era nada do feitio da garota.

Chase achava que isso era porque Georgina estava sentindo falta de Rachel, o que fazia sentido. As duas meninas eram inseparáveis desde que foram morar juntas. Em sua nova casa, elas tinham um quarto extra, mas, mesmo quando os terrores noturnos de Rachel haviam diminuído até quase não existirem mais, Georgina insistiu que elas continuassem a dividir um quarto.

Mas Rachel já havia partido há mais de dois meses, e Georgina só estava piorando.

Chase tentou ser o pai consolador, dizendo à garota em várias ocasiões que ela poderia conversar com ele sobre qualquer coisa. Sexo, drogas, tornar-se uma mulher, qualquer coisa.

Georgina disse que apreciava essa abertura, mas que, até o momento, não havia tirado proveito dela.

E quando Chase pressionou, pareceu ter o efeito oposto.

Depois da estranha interação que tiveram essa manhã, Chase se amaldiçoou por não ter se esforçado ainda mais. Mas ser pai não era como seu trabalho no FBI - você não recebia semanas de treinamento, tanto em sala de aula quanto em campo.

Em um dia, você era responsável apenas por si mesmo, comendo, cagando e tomando banho sempre que se sentisse motivado; no outro, você tinha uma pessoa de verdade para cuidar.

Um ser humano.

Claro, você podia ler livros sobre criação de filhos, ouvir podcasts ou até mesmo conversar com profissionais. E, em geral, os conselhos deles eram úteis.

Mas cada criança era diferente, cada interação era única e impactante. Não havia como refazer.

Não há redefinições ou reinicializações.

Até mesmo sua experiência anterior em criar o filho - bem, talvez *criar* fosse um pouco exagerado. Estar presente quando seu filho Felix estava sendo criado por seu ex-marido, Brad, foi de pouca ajuda.

Chase suspirou pesadamente enquanto caminhava até o segundo andar das instalações de treinamento do FBI em Quantico. Ela passou por uma série de escritórios e cubículos sem ser notada.

Há seis semanas, o diretor interino do FBI em Quantico, Jeremy Stitts, que a essa altura já era apenas uma formalidade, havia transferido a CVU para fora da área principal e para seu próprio escritório separado.

Chase estava em frente a essa porta agora, olhando para a etiqueta da CVU antes de entrar.

Eles percorreram um longo caminho desde aquele dia em que ela e Tate praticamente forçaram o então Diretor de Quantico Hampton, agora Diretor *do FBI* Hampton, a chefiar sua própria unidade. Agora, eles tinham um orçamento, recursos, seu próprio escritório e até mesmo uma espécie de "funcionário". Linus Bowen manteve sua posição como Diretor de Treinamento da Divisão Cibernética do FBI, mas ele era, em essência, tão parte da CVU quanto Tate e Chase.

Chase finalmente abriu a porta e entrou. Ela se deparou com três mesas, todas desocupadas no momento.

Tate optou por colocar fotos da família, incluindo uma sua, da ex-mulher e da filha, e Linus personalizou seu espaço equipando o computador com luzes RGB.

Não o Chase.

Sua mesa, na qual ela estava sentada agora, era sem graça e sem inspiração. Quando Tate lhe perguntou sobre isso um dia, ela simplesmente ignorou o assunto e lhe deu uma resposta genérica.

A realidade era que, por mais difícil que tivesse se tornado trabalhar com sua noiva, Chase estava desesperado para manter alguma aparência de separação entre o trabalho e a vida privada.

Quando elas tendiam a se misturar, as coisas se tornavam... complicadas.

E perigoso.

Chase mexeu no mouse para despertar o computador e fez o login. Ela pretendia passar a próxima hora ou mais preenchendo a papelada para Dennis Mason antes de encaminhá-la para o PWCPD, tentando entorpecer sua mente.

Mas ela não conseguia parar de pensar em Georgina.

Eu amo você, Chase.

Mais uma vez, ela se resignou a ter uma conversa com a sobrinha esta noite para descobrir o que a estava incomodando.

Apesar de ter se fortalecido com essa conclusão, Chase ainda

colocou Dennis Mason em segundo plano.

A CVU estava devendo outro caso. Um *grande* caso, um caso importante. Stitts não era como Hampton - ele estava menos preocupado com a percepção pública e não tinha aspirações políticas. Mas Chase não ignorava completamente o fato de que o financiamento da unidade não era infinito. E era muito mais fácil manter seus contracheques quando o público via uma necessidade real da CVU.

Linus havia criado um script personalizado que pesquisava todas as agências locais de aplicação da lei, bem como várias agências nacionais. Era simples, mas eficaz: se houvesse menção de uma criança envolvida em algum caso recente, eles receberiam um relatório. Embora não fosse oficialmente sancionada, a regra não escrita era que a CVU tinha o primeiro direito de recusa em qualquer caso que envolvesse crianças menores de dezesseis anos - em todo o país.

Nesta manhã, havia três relatórios desse tipo, mas apenas um deles prendeu sua atenção por mais de alguns segundos.

Era um caso conhecido.

Há alguns anos, enquanto investigava o Grupo Duffy, ela se deparou com detalhes de algo estranho acontecendo com os números do Seguro Social de crianças em um grande sindicato de creches. A maioria das pessoas atribuiu o fato a um erro administrativo, mas um detetive local, Ethan Perry, começou a fazer barulho, sugerindo que havia algo muito mais nefasto em jogo.

Ele deu a entender que havia uma possível rede de tráfico de crianças. O detetive Perry admitiu que não havia nenhuma evidência real e concreta para apoiar sua alegação e que não conseguiu descobrir nenhuma sujeira sobre o CEO da associação multimilionária.

Ainda assim...

Chase acessou o site da creche.

Era exatamente o que ela esperava encontrar: crianças sorridentes, playgrounds, pinturas com os dedos.

O lema da *Little Tots*, que alegava ser uma creche Montessori para a primeira infância, era "Desenvolvimento com Propósito", seja lá o que isso signifique.

Chase continuou a olhar para o site por um momento, sua mente voltando para os corpos das vítimas que haviam encontrado no caminhão de carga, as crianças que haviam sido infectadas com o vírus do sarampo armado.

O *Little Tots* era um dos locais visados?

Ela não conseguia se lembrar.

Talvez.

Chase mudou sua abordagem e encontrou uma imagem do detetive Ethan Perry na Internet. O homem era mais jovem do que ela

imaginava, mais jovem até do que ela.

O site da polícia não listava as datas de nascimento, mas ela suspeitava que Ethan Perry, se a foto fosse recente, estava na casa dos 20 e poucos anos. Ele também era incrivelmente bonito, com um maxilar quadrado, olhos escuros, quase ameaçadores, e cabelos curtos.

Havia um número de telefone listado e Chase estava digitando-o em seu celular quando houve uma batida na porta.

Era o Linus.

Como Ethan, Linus era jovem, mas, ao contrário do detetive tradicionalmente bonito, o Diretor de Treinamento da Divisão Cibernética do FBI tinha um estilo eclético, uma mistura de nerd de computador e gótico, com cabelos escuros marcantes, feições pálidas e o tom de pele de alguém que não tocava na grama há meses.

Em seguida, o homem estava sorrindo.

"Por que está sorrindo?" perguntou Chase.

"Nada. Acabei de saber que você derrubou Dennis Mason esta manhã."

Não havia segredos na CVU, e as notícias circulavam na velocidade da luz.

"Nós fizemos. Então, o que está acontecendo com esse sorriso?" Chase não costumava ser tão dura com o homem, mas ela estava cansada e irritada.

O sorriso se desfez no rosto de Linus.

"É que eu recebi uma ligação da polícia de PWCP... eles disseram que você e o Tate perseguiram a bunda nua do Dennis pelo pátio da escola. Se isso não significa uma quarta-feira feliz, não sei o que significa."

"Sim, é exatamente assim que eu queria passar minha manhã de quarta-feira." Chase suspirou e apontou para a imagem de Ethan Perry em sua tela. "Na verdade, estou investigando esse caso de tráfico de crianças em uma creche."

Linus passou a mão pelo cabelo, que agora estava sendo penteado para baixo.

"Certo, dei uma olhada nisso meses atrás, como você pediu. Não há nada lá, Chase. Apenas um erro com os números do Seguro Social das crianças. Está tudo certo."

Chase bateu em seu queixo com dois dedos.

"Sim, eu sei", ela admitiu. "Ainda assim, eu gostaria de conversar com esse Ethan Perry. Você pode marcar uma reunião?"

Ela ainda estava com o celular na mão e ele tocou, assustando-a.

"Chase..."

O tom de Linus a lembrou de que o homem não trabalhava para ela. Eles eram parceiros - na verdade, ele era tecnicamente seu superior.

Mas eles também eram uma equipe.

"Se você tiver uma chance", disse Chase. Ela não esperou que Linus respondesse, em vez disso, olhou para o celular. Suas sobrancelhas se franziram quando ela leu a mensagem de texto de Tate.

Isso está uma bagunça. Chase, preciso de sua ajuda.

"Tudo bem, vou lhe dar um toque", disse Linus, caminhando até sua mesa e sentando-se na cadeira.

Chase ligou para Tate, mas a ligação foi para o correio de voz. Ainda com a testa franzida, ela escreveu uma mensagem de texto.

Tate? O que há de errado? Está tudo bem?

Capítulo 5

"Bom dia, G."

G - havia apenas uma pessoa que chamava Georgina G.

Ajustando as alças de sua mochila, ela olhou para o segurança corpulento da WCI.

"Bom dia, Martin", respondeu ela suavemente.

Georgina não tinha certeza se Martin era sempre tão gentil com ela porque realmente gostava dela ou apenas porque Chase havia passado um tempo considerável falando com ele durante a visita pública.

Ainda assim, independentemente dos motivos do homem, ela gostava dele. Martin era sempre gentil e respeitoso, algo que ela não podia dizer sobre os alunos da WCI.

"Você está bem?", perguntou o homem, com a expressão agradável caindo de seu rosto cheio de rugas.

Os olhos de Martin eram suaves e a cor deles combinava com seus cabelos grisalhos.

"Tudo bem, só estou cansada." Georgina mentiu.

As sobrancelhas do homem, também grisalhas, baixaram em sinal de preocupação.

"Tem certeza?"

Georgina deu uma olhada ao redor. Ela estava dez minutos atrasada para a aula e a impressionante entrada da escola estava relativamente vazia de atividade. Alguns alunos estavam se aglomerando, ela contou pelo menos quatro deles, mas a maioria dos alunos do último ano, que só começavam mais tarde, estava no refeitório ou ainda do lado de fora, vagando pelo campo.

"Sim", Georgina mentiu novamente.

Ciente de que havia outras pessoas ao alcance da voz, Martin ajustou o cinto do uniforme e se aproximou dela.

Abaixando o tom de voz, ele disse: "Sabe, se você quiser conversar, sou um bom ouvinte. Tudo o que você precisa fazer é ir ao meu escritório. A qualquer hora, em qualquer dia".

Georgina estava tentada, tentada a dizer: "Ei, você acha que podemos ir lá agora?"

E juntos caminhariam até o pequeno escritório do homem, aquele que, apesar de ter trabalhado na WCI por quase duas décadas, só tinha "Segurança" escrito na porta, e não seu nome.

Mas ela não o fez.

Em vez disso, Georgina disse: "Obrigada, Martin. Talvez em outra ocasião".

Ela começou a se afastar, indo em direção às escadas que a levariam à sua primeira aula do dia, Estudos Sociais.

"Sabe de uma coisa, por que não escrevo um bilhete para você?"

ofereceu Martin.

Georgina se virou.

"Isso seria ótimo."

O que Chase não sabia era que, além de Georgina ter faltado nos últimos dois dias, ela se atrasava com tanta frequência para a aula de Estudos Sociais, geralmente chegando pouco antes do término da aula, que não fazia ideia do que eles estavam estudando.

Martin tirou um bloco de papel do bolso do paletó e rabiscou algo em uma página. Em seguida, ele a arrancou e a entregou a ela.

Georgina pegou o pedaço de papel, mas Martin não o soltou.

"Estou falando sério, *G*", disse Martin, sua expressão facial agora correspondendo à seriedade de suas palavras. "Se quiser conversar, você sabe onde fica meu escritório."

De repente, Georgina sentiu um enorme sentimento de culpa.

Ela estava a ponto de se abrir com esse quase estranho e, ainda assim, havia excluído Chase - Chase, que havia feito tudo por ela. Chase, que realmente não tinha nenhuma obrigação com ela, mas que havia reorganizado toda a sua vida para garantir que Georgina tivesse uma educação equilibrada.

Mas o que ela diria?

Apesar de tudo o que você fez para tentar manter meu passado em segredo, alguém descobriu? Eles sabem sobre minha mãe, sobre como ela fazia parte daquele culto, que sofreu lavagem cerebral e foi assassinada? Que eles sabem tudo sobre Brian e Tim Jalston... e que eles sabem sobre você, Chase?

E agora não posso ir para a aula porque todos estão olhando para mim, com pena de mim, falando de mim pelas costas?

"Estou bem, de verdade", disse Georgina.

Martin a encarou com seus olhos gentis, mas acabou acenando com a cabeça e soltou o deslizamento.

"Ok, bem, você conhece o procedimento".

Agora era a vez de o segurança estender a mão, esperando algo.

Georgina ficou olhando.

"Celular, *G*. Preciso do seu celular."

"Certo, é claro."

Ela passou seu telefone e o homem o pegou.

"Não se esqueça de passar por aqui e pegá-lo antes de sair hoje."

E se você quiser conversar, então... não foi dito, mas a mensagem de Martin foi claramente transmitida.

"Tenha um bom dia, Martin."

"Você também, *G*."

E então Georgina se apressou, passando rapidamente pelo corredor e subindo as escadas.

A pequena conversa com Martin a convenceu a ir à aula hoje. O

bilhete ajudou.

Mas então, assim que dobrou a esquina e viu a porta - adornada com um mapa gigante e colorido do globo - Georgina o viu.

Brendan Baxter.

Ele estava caminhando com sua arrogância típica, erguendo os ombros e dando passos largos à medida que se aproximava dos Estudos Sociais.

Brendan não a notou - e por que notaria?

Ele era importante demais para dar atenção à pequena Georgina Adams. Pelo menos *agora* ele era.

Georgina se escondeu atrás de uma fileira de armários e ficou observando.

Brendan tinha um coque masculino, com as laterais completamente raspadas. Ele também ostentava um bigode, mas, ao contrário dos outros meninos da classe, o dele tinha alguma substância.

Com base na maneira como as outras garotas o olhavam, ela supunha que ele era bonito. Mas Brendan não era seu tipo.

Nem de perto. Nem mesmo o gênero certo.

Por isso, quando, durante as duas primeiras semanas de aula, Brendan se aproximou dela e a convidou para ir ao cinema, Georgina recusou. Ela o decepcionou levemente e foi simpática com relação a isso.

Inicialmente, Brendan havia se comportado com calma.

Se ao menos tivesse continuado assim.

Brendan abriu a porta da sala de aula e entrou.

"Você está atrasado, Brendan", Georgina ouviu a Sra. Hyatt dizer. "*De novo.*"

A resposta de Brendan, algo tímida e evasiva, foi interrompida pelo fechamento da porta atrás dele.

Georgina balançou a cabeça.

De jeito nenhum ela estava indo para a aula agora. Chegar atrasada, logo depois de Brendan, só faria com que os boatos comesçassem a se espalhar novamente.

E conhecendo Brendan, ele se inclinaria para isso... *com força.*

O papel em sua mão estava ficando úmido de suor, e ela voltou os olhos para ele.

"*Por favor, desculpe o atraso de Georgina Adams. Ela estava me ajudando com um problema técnico.*"

Ela foi assinada por *Martin Martchenko.*

Georgina, agora carrancuda, amassou o bilhete e começou a andar na direção completamente oposta à de Estudos Sociais.

De jeito *nenhum eu vou para a aula hoje de manhã.*

Capítulo 6

Tate esperou que os aperitivos fossem servidos antes de fazer a pergunta novamente.

"Billy, o que você está fazendo ao sair com um calouro?"

"Pai, por favor", implorou Rachel.

Tate tinha plena consciência de que estava sendo injusto e simplesmente maldoso, mas não conseguia evitar.

Rachel era sua filhinha. Ela não deveria estar namorando, *ponto final*, muito menos com um homem pelo menos três anos mais velho que ela.

"Sou assistente técnico na aula de literatura inglesa da Rachel", disse Billy, desconfortável. Ele olhou para sua cerveja intocada enquanto falava.

Tate insistiu para que todos tomassem uma cerveja no almoço. Billy recusou educadamente, então Tate pediu uma para ele.

Que universitário não gosta de cerveja de graça?

"E você acha que isso é apropriado? Namorar minha filha quando você é efetivamente o professor dela?"

"Oh, não, eu não sou seu professor - sou apenas seu assistente."

"A mesma coisa."

Billy se contorceu em seu assento e seus olhos se voltaram para Rachel em busca de apoio. Rachel abriu a boca para ajudá-lo, mas Tate não lhe deu a chance de falar.

"Não olhe para ela. Você é o assistente técnico, você é o chefe. Diga-me se acha que é apropriado ou não".

"Pai... *por favor*."

A temperatura de Tate estava subindo, e ele só via duas saídas para isso: uma, admitir que havia exagerado e se acalmar.

Dois, dobrem.

Foi realmente uma escolha?

"Sr. Abernathy, assim como sua filha, também sou aluna da VT. E não há regras sobre ver alunos em sua classe - eu verifiquei primeiro. Mas se você acha que..."

"Não estou perguntando sobre seu perfil de namoro, *Bill*. Estou perguntando, especificamente, o que você está fazendo saindo com uma garota que é pelo menos três anos mais nova que você?"

A voz de Tate estava alta o suficiente para que os outros clientes do restaurante percebessem.

O mesmo aconteceu com o garçom, que se apressou.

"Senhor, há algum problema?"

Tate bateu com raiva em seu distintivo do FBI, aberto, sobre a mesa. Os olhos do garçom se arregalaram.

"Não, não há problema."

O garçom inclinou a cabeça e os deixou sozinhos.

"Gosto de sua filha, Sr. Abernathy", foi tudo o que Billy conseguiu dizer.

Tate suspirou e se inclinou para frente enquanto entrelaçava os dedos de forma dramática.

"Você sabe o que eu fiz hoje de manhã, Billy?"

"Não, senhor."

A voz do homem era trêmula. Assim como o garçom, seus olhos foram atraídos para o intimidador distintivo do FBI.

"Esta manhã, eu persegui um pedófilo -" Rachel inalou audivelmente, mas Tate continuou rolando. "- que estava correndo nu pelo pátio da escola."

Billy não estava apenas se contorcendo em seu assento agora - parecia que sua bunda estava pegando fogo.

"Senhor, Rachel tem dezenove anos e eu tenho apenas..."

"Eu sei quantos anos minha filha tem!" rugiu Tate. "Você não tem nada que estar com ela."

O silêncio tomou conta de todo o restaurante e, pelo canto do olho, Tate viu duas coisas: o garçom, sem saber se deveria ou não se aproximar novamente, e sua filha.

Ela estava chorando.

"Sinto muito." E, com isso, Billy se levantou e, cautelosamente, sem tirar os olhos de Tate, saiu do restaurante.

Quando ele finalmente se foi, Tate olhou em volta com raiva.

"Volte para suas refeições", ele cuspiu. "Não há nada para ver aqui."

O tom de sua voz e sua presença imponente foram suficientes para convencê-los a cuidar de seus próprios negócios.

Tudo ficou em silêncio por um momento, os garfos pararam de bater nos pratos e os copos pararam de tilintar, e então Rachel se levantou. Ela ainda não estava firme em seus pés e derrubou sua cadeira. Tate tentou agarrá-la, mas ela o afastou. Ao fazer isso, tropeçou e caiu sobre um joelho.

Mais uma vez, Tate tentou ajudar a filha, mas ela não o deixava nem chegar perto. O garçom teve que ajudá-la a se levantar. Rachel agarrou suas varas e, com lágrimas nos olhos, olhou para ele.

"O que há de errado com você?", ela exigiu. Agora, quando Tate tentava falar, era ela quem o interrompia preventivamente. "Eu odeio você. Eu odeio você, *porra*."

Apoiando-se em seus bastões, Rachel saiu do restaurante.

Tate, atônito, apenas a observou partir. Seu rosto ardia e ele sentia um aperto no peito.

O que diabos acabou de acontecer? O que diabos eu acabei de fazer?

Hoje era para ser um bom dia, um dia divertido. Fazia quase seis semanas que ele não via sua filha.

Seis semanas... o maior tempo que eles já passaram separados.

E ele tinha estragado tudo.

Ele deixou a Rachel muito envergonhada, e ela foi embora chorando.

E por qual motivo? Porque ela estava namorando - na verdade, ele não tinha certeza de que estavam *namorando* - um aluno um pouco mais velho?

Que diabos há de errado comigo?

Tate voltou a se sentar e, com a mão trêmula, pegou sua cerveja.

Seu copo ficou vazio em três longas viagens. Em seguida, ele foi para o de Rachel com a intenção de beber a cerveja de Billy depois da dela.

Em algum momento durante o desastre, seu telefone tocou, mas ele não recebeu a ligação de Chase.

E um texto.

Tate? O que há de errado? Está tudo bem?

Ele não confiava em si mesmo para falar, então, em vez de ligar de volta para a parceira, escreveu outra mensagem para ela, essa tão enigmática quanto a primeira que ele havia enviado antes mesmo de as coisas explodirem.

O melhor dos prenúncios.

A merda bateu no ventilador, Chase. Eu estraguei tudo... Eu estraguei muito mal.

Capítulo 7

Vou para o segundo período, pensou Georgina, racionalizando suas ações. História. Só não vou para Estudos Sociais - estou atrasada de qualquer forma.

É incrível o quanto você se esforça para enganar alguém, inclusive a si mesmo.

Quase todos os corredores da WCI tinham uma câmera e Georgina sabia que, se fosse vista em um vídeo, eventualmente Martin ou outra pessoa se aproximaria e perguntaria por que ela não estava na aula. Isso não era um problema tão grande para os alunos do último ano, pois eles geralmente tinham horários flexíveis - a escola lhes oferecia autonomia em preparação para a faculdade. E se você estivesse no final da adolescência e não quisesse ir à aula?

Bem, isso foi sua perda.

Mas para os alunos mais jovens, especialmente os calouros, a WCI gastou recursos consideráveis acompanhando seu progresso, tanto acadêmico quanto psicológico.

Georgina, apesar de frequentar a WCI há apenas alguns meses, sabia que havia pontos cegos nessas câmeras. Um desses pontos cegos ficava no segundo andar, logo após sua aula de Estudos Sociais e em frente aos banheiros.

Ela se instalou ali, sentando-se no chão e pressionando as costas contra uma série de armários.

Mais cedo, ela havia dito a Chase que não queria tomar café da manhã porque não estava com fome. Era mentira, mas ela estava irritada com a tia e sabia que Chase ficaria chateado se ela não comesse.

Agora, ela desejava ter comido alguma coisa, ou pelo menos ter parado na cafeteria antes de subir as escadas. Ela não podia voltar para baixo porque a aula já havia começado e ela seria vista. Georgina se resignou a tomar um gole de sua garrafa de água enquanto tirava um bloco de notas da bolsa.

Enquanto bebia, Georgina começou a escrever.

O que ela colocava no papel não podia ser considerado um diário e também não era exatamente um diário; era mais uma combinação de rabiscos e palavras aleatórias que surgiam em sua cabeça.

Hoje foi diferente. Hoje, ela fez um desenho - uma caricatura - de Brendan. Era apenas um esboço composto de linhas hachuradas e sombras soltas, mas quando se tratou de desenhar a boca do homem, ela optou por dar a ele longas presas em vez de dentes.

Ela transformou Brendan em um vampiro, um vampiro *bebê*, com uma chupeta na mão e uma fralda na cintura.

Brendan *era* um bebê, afinal de contas; um bebê que não conseguia

lidar com a rejeição e atacava com quase nenhum autocontrole. No topo, ela escreveu a palavra "VAMPIRE" em letras grandes e em negrito.

Um sorriso se formou em seus lábios.

Sim, você é apenas um bebê. Pobre bebê Brendan.

Georgina estava adicionando uma capa e um colarinho cômicos quando ouviu pessoas se aproximando e fechou rapidamente o bloco de notas.

Temendo que fosse Martin, ela preparou mentalmente uma desculpa.

Desculpe, mas não estou... não estou me sentindo bem. Meu estômago está... perturbado.

O segurança de olhos bondosos havia lhe dado passagem antes, mas ela sabia que dessa vez ele não teria escolha a não ser chamar Chase.

Pensando bem, talvez alguém *já tenha ligado* para ela. Apesar da perturbação de Brendan, a Sra. Hyatt teve que notar que seu aluno ruivo havia faltado à aula... *novamente*.

Mas não foi o Martin.

Ela ouviu duas vozes, vozes jovens de um homem e de uma mulher.

Fazendo uma careta, Georgina tentou ficar o mais pequena possível para evitar ser vista.

Felizmente, os dois alunos que estavam falando não tinham interesse nela. Ela os viu no final do corredor. Ambos usavam moletons escuros, com os capuzes puxados sobre a cabeça. Georgina pensou que eles deviam ser alunos do último ano, pois tinham mochilas, o que indicava que ainda não tinham ido aos armários, muito menos à aula.

Enquanto falavam em voz baixa, com as cabeças baixas, Georgina achou que os reconhecia: Mia Cross e John Schaffer.

E, como ela, os dois eram párias.

Todos na WCI sabiam quem eles eram - era difícil não notá-los. A escola tinha uma política rígida de uniformes, mas o bronze permitia *algum* nível de autoexpressão.

Mia e John levaram isso ao extremo. Ambos pintaram as unhas de preto, ambos usaram delineador grosso e, enquanto John se absteve do batom escuro, Mia usou o suficiente para os dois.

Mesmo como aluna do primeiro ano, Georgina tinha ouvido os rumores sobre a dupla, que aparentemente havia começado em algum momento do ano passado.

Mia e John foram flagrados aos beijos no vestiário feminino antes da aula de ginástica.

Não era nada demais, pelo menos não se isso tivesse acontecido com alunos populares. Afinal de contas, era o ensino médio e os hormônios corriam soltos nos corpos dos adolescentes. Mas para dois

garotos que usavam maquiagem e se mantinham quietos?

Essa era uma receita para um desastre.

Ninguém sabe quem começou o boato e, embora Georgina não tivesse provas, em sua mente, ela sabia que tinha de ser Brendan Baxter.

Tinha que ser aquele idiota.

Como um jogo distorcido de telefone quebrado, o beijo logo se tornou outra coisa. Eles estavam se apalpando - não, Mia estava fazendo sexo oral em John... não, não, não era isso. Eles estavam fazendo sexo.

Sexo sem proteção.

Após o incidente, que levou os dois a serem suspensos por uma semana, os boatos começaram a ganhar força.

Mia engravidou e John foi forçado a fazer um aborto. A forma como o aborto foi realizado variava de acordo com quem estava alimentando o boato. Alguns disseram que ele usou um cabide, outros disseram que ele forçou Mia a beber Everclear e que ela perdeu o bebê dessa forma.

Rumores mais radicais sugeriam um ritual satânico.

Georgina não acreditava em nenhuma dessas histórias e se recusava a sequer considerá-las. Mas outros alunos, aqueles desesperados para se encaixar e talvez apenas satisfeitos por não serem o alvo dessas alegações, não hesitaram.

Apesar de nunca ter sido apresentada formalmente, Georgina sentiu uma estranha afinidade com Mia e John.

Os párias se unem e tudo mais.

No entanto, apesar de observá-los apenas à distância, Georgina percebeu instantaneamente que algo estava diferente no casal hoje.

Para começar, Mia estava sorrindo, com os lábios negros e escuros virados para cima nos cantos, uma expressão que Georgina não se lembrava de ter visto no rosto da garota antes.

E John... ele estava... *fazendo careta?*

Talvez tenha sido um sorriso também.

Georgina não sabia dizer.

Por mais que quisesse ficar fora de vista - com ou sem parentesco, os boatos eram como vírus, espalhando-se de uma pessoa para outra -, Georgina estava inclinada a seguir em frente e observar Mia e John mais de perto.

Eles não a notaram quando entraram no banheiro dos meninos.

Isso é estranho.

A WCI era moderadamente progressista quando se tratava de fluidez de gênero, mas, até onde ela sabia, Mia se identificava como ela/ele e John como ele/ele.

Antes que a porta se fechasse atrás deles, Georgina viu John tirar a

mochila, que parecia excessivamente pesada, dos ombros.

Georgina, ainda com a testa franzida, observou quando a porta parou de balançar antes de voltar sua atenção para o bloco de anotações. Assim que ela passou para o desenho do Brendan Nosferatu, a porta do banheiro se abriu novamente.

"Saia daqui!" gritou Mia.

Ela empurrou um garoto que mal tinha a metade do seu tamanho. Como Mia e John, ele também usava uma mochila e um capuz.

Pesando apenas cem quilos, o garoto voou pelo corredor e caiu de bunda no chão.

"Dê o fora daqui!" disse Mia, retirando-se para o banheiro.

Apenas cuide de sua vida, G.

Essa era a melhor maneira de ficar fora dos holofotes e, sabe Deus, com os rumores sobre ela finalmente diminuindo, esse era o curso de ação correto.

Mas ela não era assim.

Georgina colocou seu bloco de anotações no chão e se levantou. Ela estava indo até o garoto caído quando ele se levantou.

"Você está bem?", ela perguntou baixinho, sem querer ser ouvida por Mia e John. Afinal, o parentesco deles era imaginário.

O garoto grunhiu.

"Tudo bem", disse ele, sem olhar para ela.

Georgina também o reconheceu - ela o tinha visto andando pelos corredores em uma ou duas ocasiões em que decidiu faltar aos Estudos Sociais - mas não conseguia se lembrar do nome dele.

O lábio superior do rapaz estava curvado e ele começou a massagear seu traseiro.

"Tem certeza?" Georgina pressionou. "Porque..."

Ela estendeu a mão, com a intenção de tocar o ombro do rapaz, oferecendo-lhe apoio enquanto ele se recompunha, mas, no último segundo, ele moveu a mão para ajustar a alça da mochila. E, em vez de colocar a mão no ombro dele, Georgina entrou em contato com o pulso do rapaz.

Algo estranho aconteceu.

Georgina sentiu uma pressão atrás dos olhos, como se uma dor de cabeça tivesse surgido de repente, e então viu um lampejo de algo.

Não era uma visão, mas mais um sentimento.

E não foi bom.

Georgina sentiu seu estômago revirar e sua pele de repente começou a suar frio.

Ela puxou a mão para trás como se tivesse sido escaldada.

Que diabos foi isso?

Georgina finalmente encontrou os olhos do rapaz. Eles eram frios e escuros, e havia bolsas pesadas penduradas sob eles.

"Você..."

-*Sente isso?*

Suas palavras lhe foram roubadas quando uma explosão sacudiu o segundo andar do WCI e Georgina se viu subitamente no ar.

Capítulo 8

O celular de Chase tocou novamente, e ela olhou para a mensagem. *A merda bateu no ventilador, Chase. Eu estraguei tudo... Eu estraguei muito mal.*

Ela balançou a cabeça.

Que diabos está acontecendo?

Mais uma vez, Chase telefonou para Tate, mas ele não atendeu. Frustrada, ela enviou algumas mensagens de texto, exigindo esclarecimentos.

"Acabei de falar com Ethan Perry", disse Linus.

A atenção de Chase era tão singular que, a princípio, ela não tinha ideia do que o homem estava falando.

"Hmm?"

Chase viu os três pontos na tela indicando que Tate estava digitando uma mensagem. Mas então eles desapareceram.

Não houve mensagem.

"Você me ouviu?" perguntou Linus.

"Não, desculpe." Ela colocou o telefone no colo e se virou para olhar para Linus. "O que você disse?"

O homem parecia não estar impressionado com a falta de concentração dela.

"Eu disse que Ethan Perry tem uma vaga hoje à tarde, se você quiser se encontrar com ele. Eu disse a ele que analisei as irregularidades com os números do Seguro Social, que provavelmente foram apenas um erro, mas ele pensa diferente. Não sei o que vai acontecer com isso..."

O telefone de Chase vibrou em seu colo e, por mais que ela quisesse se concentrar no que Linus estava lhe dizendo, era impossível.

Ela olhou para baixo e sua carranca se aprofundou.

Algo aconteceu. Preciso de sua ajuda.

Chase se levantou de repente.

"Chase, está tudo bem?"

"Sinto muito, Linus. Problemas pessoais. Acho que vou tirar o resto do dia de folga. Por favor, remarque a reunião com Ethan Perry para outro dia."

O homem estava claramente descontente com isso, e Chase não o culpava. Afinal, ela havia lhe dado ordens como um reles estagiário, fazendo com que ele fizesse algo que ela mesma poderia e deveria ter feito, e quando ele finalmente concordou, ela mudou de ideia.

"Sinto muito", repetiu ela.

"Você quer ver se o Tate pode participar da reunião?" sugeriu Linus, sempre tentando ser complacente.

"Ele tem o dia de folga." Ela fez uma pausa. "Para ver a filha dele."

A Rachel está bem? Aconteceu alguma coisa com a Rachel?

"Tudo bem, vou avisar o Stitts, se ele perguntar."

Chase ficou olhando para o homem por mais um momento, percebendo a sorte que ela e Tate tinham por ter Linus ao seu lado. Ele percorreu um longo caminho desde aquele dia em que se conheceram, quando Tate pediu ao homem que investigasse o Grupo Duffy sem saber exatamente no que estavam se metendo.

Isso quase lhe custou a vida.

Mas, nesse processo, Chase ganhou mais uma pessoa em seu pequeno, *infinitamente* pequeno, grupo de colegas em quem ela podia confiar. Tate, Linus, Stitts, Floyd e o diretor Hampton.

Por um tempo, ela questionou a lealdade do diretor Hampton, mas isso foi um erro. O homem era forte, duro como pregos e tão implacável quanto um pedaço de vergalhão.

Mas ele havia se empenhado por ela em mais de uma ocasião. E isso significava muito.

"Se quiser, você mesmo pode ir falar com Perry", disse Chase, dando de ombros.

"Uhh... você me conhece melhor do que isso. Eu não vou a lugar nenhum."

Chase não pôde deixar de sorrir.

O homem era quase patologicamente avesso a ir a campo. Fazia sentido, considerando que duas das três vezes em que Linus saiu do escritório em uma capacidade profissional, ele quase acabou morto.

A parte triste é que Chase conhecia agentes, agentes de campo muito mais experientes, que se curvavam e desistiam sob pressão.

Não o Linus.

O homem havia se comportado como um veterano experiente.

"Sim, eu sei", disse Chase com um pequeno sorriso. "Veja se você pode remarcar a reunião para amanhã, então. E obrigado, Linus. De verdade, obrigado."

Ela acenou com a cabeça rapidamente e saiu do escritório da mesma forma que havia entrado: de cabeça baixa, sem cumprimentar ninguém.

De volta ao carro, ela tentou entrar em contato com Tate novamente.

Onde você está? Ela digitou. *O que está acontecendo? A Rachel está bem?*

Chase fez uma careta e continuou sem resposta.

Tate não era de ficar em silêncio. Na maioria das vezes, seu parceiro fazia o oposto, dizendo praticamente tudo para obter uma reação dela. A linguagem do amor dele, ela supunha.

Chase ligou o carro e estava saindo do estacionamento do FBI quando seu telefone fez um barulho estranho. Não era o zumbido

típico que acompanhava uma mensagem recebida, mas um som diferente.

Também não foi um alarme.

Quando ela viu a mensagem que acompanhava esse som bizarro, envolto em um banner amarelo na parte superior da tela, seu sangue gelou.

Era um alerta em nível estadual e dizia o seguinte: *Explosão abala escola local da Virgínia.*

Capítulo 9

A explosão foi tão forte que Georgina foi jogada de pé. Ela foi empurrada para trás, esmagando-se contra a parede de caminhantes contra a qual estava sentada anteriormente. Não ficou claro se foi a onda de choque ou a força da colisão, que foi forte o suficiente para produzir um formidável amassado em três dos armários, que embaralhou seus sentidos.

Ela viu estrelas e a escuridão começou a fazer cócegas nas bordas de sua visão. Milhares de abelhas também haviam entrado em seus canais auditivos e estavam desesperadas para sair.

O peito de Georgina estava apertado, seus pulmões só conseguiam se expandir até a metade da capacidade.

Ela balançou a cabeça, mas isso apenas exacerbou seus sintomas.

O pandemônio que se seguiu também não estava ajudando.

Imediatamente após a explosão, as luzes de emergência, LEDs brancos e ofuscantes instalados acima de cada porta, começaram a piscar.

Segundos depois, os sprinklers foram acionados.

Georgina estava vagamente ciente do fato de que estava ficando encharcada rapidamente e, atordoada, levantou a mão e tocou a parte de trás da cabeça, que estava particularmente úmida.

Seus pequenos dedos voltaram vermelhos de sangue.

Isso é estranho...

Georgina inspecionou sua mão, observando como a cor lentamente se tornava rosa à medida que seu sangue se misturava com a água dos aspersores antes de escorrer.

O alarme, um som insanamente agudo, finalmente a trouxe de volta.

Que diabos aconteceu? Que diabos...

De repente, uma figura emergiu da espessa fumaça negra que saía do banheiro. A porta havia sido completamente arrancada de suas dobradiças e estava esmagada a menos de quinze metros à esquerda de Georgina. Se ela tivesse optado por se sentar diretamente em frente ao banheiro, não havia dúvida de que ele a teria esmagado até a morte.

Mas ela não passava muito tempo considerando sua própria mortalidade.

Não quando um morto-vivo estava vindo em sua direção.

A boca de Georgina se abriu em um grito silencioso. Ou talvez não tenha sido nada silencioso, e o alarme estridente apenas abafou o som.

De onde eles vieram?

Ela tentou se lembrar do que aconteceu antes de bater nos armários, mas sua memória estava confusa, desarticulada. Georgina

achava que se lembrava de ter visto alguém - ou talvez *dois* - entrar no banheiro, mas não conseguia imaginar seus rostos.

Quem quer que fosse, não era *essa* pessoa. Porque a maior parte do cabelo dessa pessoa havia sido completamente queimada, e a pele do lado esquerdo do rosto estava completamente preta.

Mas o olho deles - apenas uma órbita parecia ter um olho de verdade - era o que mais causava pesadelos. Pior ainda do que a bagunça nodosa e sangrenta onde deveria estar o olho.

Era tão grande que Georgina considerou a possibilidade real de que as pálpebras tivessem sido destruídas pelo fogo.

Enquanto Georgina observava, horrorizada, a figura deu dois passos trêmulos e depois tombou.

Georgina, apesar de suas pernas estarem igualmente instáveis, de alguma forma conseguiu correr.

Por algum milagre, ela não caiu.

Georgina chegou à escada e abriu a porta. Ela esperava encontrar outros alunos aqui, outras crianças confusas segurando pastas sobre a cabeça para se proteger da água que caía sobre elas.

Mas ela estava vazia.

Georgina chegou ao andar térreo antes de perceber por que isso estava acontecendo.

Em sua primeira semana na WCI, houve uma assembleia obrigatória durante a qual o diretor Prentiss repassou o protocolo de emergência. No caso de uma emergência, a escola entraria imediatamente em modo de bloqueio automático. As travas eletrônicas nas portas de cada sala de aula seriam acionadas e ninguém poderia entrar ou sair de uma sala de aula até que a autorização fosse dada e o diretor colocasse um código especial em seu computador.

Se você não estava em uma aula no momento do bloqueio, foi instruído a ir diretamente para o refeitório e a biblioteca.

Os poucos alunos que Georgina via agora não iam a lugar algum.

Eles estavam apenas parados.

Vários deles estavam até rindo.

"Saia!" Georgina gritou ao se aproximar. Sua voz era fraca demais para ser ouvida por cima do som do alarme. "Saia!"

Dessa vez, eles se viraram para olhar para ela.

"Ei, é o Culty!", disse uma garota de cabelos longos e escuros.

Culty - era assim que a chamavam depois que Brendan contou a todos sobre sua mãe.

Normalmente, isso deixaria Georgina irritada, mas não agora.

"Saia!", gritou ela pela terceira vez.

A garota cruzou os braços sobre o peito.

"Relaxe, Culty, é só um exercício." Ela enxugou a água do rosto. "É

só um..."

"Não é uma furadeira!" Georgina gritou. "Houve uma explosão."

A garota parecia prestes a dizer algo, com o rosto úmido empalidecendo, quando um dos meninos, provavelmente um jogador de futebol americano, a julgar pela largura dos ombros, falou.

"Vá se danar. É um exercício. Eles nos disseram que haveria um exercício em breve." Ele estendeu as mãos. "Mas eu não sabia que eles iriam ativar os sprinklers. Isso é uma merda."

Outra garota, de rosto anguloso e olhos incrivelmente pequenos, puxou o suéter de lã.

"Esta escola está pagando minha lavagem a seco. Meu suéter custa..."

Georgina estendeu a mão, agarrou a garota pelos ombros e a estrangulou.

"Não é a porra de um exercício! É uma bomba - uma bomba explodiu lá em cima!"

O rapaz retirou fisicamente as mãos de Georgina dos ombros de sua amiga.

"Culty, você precisa relaxar. Tome um Xanax ou algo assim. Você..."

"Jim? Jim!"

Era a garota que Georgina havia agarrado. Ela estava segurando o suéter, mas dessa vez estava indicando as manchas de sangue dos dedos de Georgina e não a água.

"Oh, merda!"

E então Jim começou a correr. Assim que ele decolou, os outros o seguiram, esquecendo-se completamente de Georgina e de seus ferimentos.

Como uma debandada de touros, eles reuniram outros alunos desgarrados enquanto corriam para a frente da escola.

Agora eles também estavam gritando, reiterando o que Georgina lhes dissera sobre o fato de *não* ser um exercício.

Ainda desorientada por causa da explosão, Georgina se moveu muito mais devagar do que os outros e evitou o aperto nas portas da frente.

"G?"

A voz era calma e uniforme, o que fez com que ela se destacasse em meio ao resto do tumulto.

Ela se virou e caiu nos braços de Martin.

"G! Que diabos aconteceu?", perguntou o segurança. Ela sentiu as mãos dele roçarem a parte de trás de sua cabeça e estremeceu. "Oh meu Deus, você está machucada!"

Georgina se afastou.

"Estou bem, na verdade, mas eu vi que ela estava..."

Martin a abraçou com força e olhou fixamente em seus olhos

verdes.

"O quê? O que você viu?" Agora, ele só falava de negócios. Martin se importava com ela, mas também tinha um trabalho a fazer.

E outros alunos para proteger.

"Eles colocaram uma bomba, Martin. Uma *bomba*." Quatro letras, duas das quais eram iguais. Mas elas pareciam tão estranhas em sua língua.

Uma bomba.

Uma maldita bomba.

"Está bem", disse Martin com um aceno de cabeça. Georgina tinha certeza de que ele estava falando consigo mesmo. "Ok...", ele levantou a voz. "Todos, fiquem calmos."

"Fique calmo?" Alguém gritou. "Há uma maldita bomba na escola. Deixem-nos sair! Deixem-nos *sair*!"

Martin correu para a frente do prédio, abrindo caminho entre os cerca de doze alunos que estavam pressionados contra as portas, empurrando-as, embora precisassem puxá-las.

"Afaste-se!"

Alguns dos alunos se mudaram e Martin deslocou fisicamente os que não se mudaram.

Georgina observou o único segurança da escola puxar a maçaneta.

A porta não se moveu.

Ele tentou novamente, com o "V" grosso acima de seus olhos se aprofundando.

"Deixe-nos sair!"

Martin não disse nada enquanto tirava um molho de chaves do cinto e colocava uma na fechadura. Ele a girou e, em seguida, abriu a porta novamente.

Ainda nada.

Martin repetiu isso mais três vezes, mas como o resultado foi o mesmo, ele finalmente desistiu.

"Há algo errado com as fechaduras", disse Martin.

Foi a coisa errada a se dizer.

"Oh, droga!", alguém gemeu. "Oh, droga, todos nós vamos morrer!"

Martin foi empurrado para o lado pelo jogador de futebol americano que chamava Georgina de Culty e bateu na porta. Mas o metal grosso era ignorante para todas as horas que ele havia passado na academia e no campo.

Eles não cederam.

Os alunos já estavam em pânico antes, mas agora seus gritos frenéticos atingiram novos patamares.

Ela ouviu referências a Columbine, Virginia Tech e até mesmo a Osama Bin Laden.

E Georgina sentiu o aperto, que havia diminuído desde então,

voltar ao seu peito.

Não.

Ela se endireitou.

A convivência com Chase Adams havia lhe ensinado algumas coisas sobre a vida.

Sobre emergências e sobre pânico.

O pânico fez com que você morresse.

E Culty estava determinado a não morrer aqui hoje.

Martin ainda estava testando a fechadura, trabalhando com chaves diferentes.

Então ele parou.

"Ela não abre."

Ela o viu estremecer e depois, como ela, ele conseguiu esconder o medo e a ansiedade.

"Todos atrás de mim", ordenou ele. "Todos para a cafeteria. Fiquem atrás de mim. Não corram. Não entrem em pânico."

O timbre de sua voz impunha ordem e os alunos, procurando alguém em posição de autoridade para assumir o controle, obedeciam.

"Fique..."

Um som, alto e claro, apesar do alarme de emergência que ainda estava tocando, interrompeu Martin no meio da frase.

Isso foi seguido por mais dois ruídos idênticos, claros e distintos.

Três no total.

Todos os tiros.

Apesar da determinação de Georgina em manter a calma, ela sentiu sua garganta apertar.

E quando alguém gritou, o inferno começou no andar principal do Williamsburg Collegiate Institute.

Capítulo 10

Era incompreensível. Após o devastador tiroteio na escola Virginia Tech, há mais de quinze anos, a cidade havia sido novamente abalada por uma explosão.

Chase correu pela cidade, pensando nas mensagens enigmáticas de Tate.

Ele estava lá? Ele estava presente durante a explosão? Ele se machucou? A Rachel estava?

Ela esperava ser parada por uma cavalcada de carros de polícia, mas ficou surpresa com o tráfego bastante regular que levava ao campus principal da universidade. Durante todo o tempo em que dirigia, ela continuou ligando para Tate.

Quando ele não respondeu, ela ficou desesperada. Tate tinha um dispositivo de rastreamento em seu carro, todos eles tinham - era algo que o diretor Hampton havia tornado obrigatório antes de se mudar para Washington - e ela o usou para localizar o veículo dele.

Só que o carro não estava na universidade, como ela esperava. Em vez disso, ela o encontrou estacionado em frente a um restaurante a cerca de seis quadras da residência onde Rachel morava.

Ele estava sendo isolado? Ou ele havia levado Rachel e alguns dos outros alunos para fora do campus?

Mas no momento em que ela entrou pela porta da frente do restaurante, Chase soube que esse não era o caso.

Não havia estudantes aqui, nem policiais.

Ela viu Tate perto do fundo do restaurante e correu até ele.

Ele estava sentado em uma mesa para quatro pessoas, sozinho, tomando uma cerveja como se... como se tudo estivesse *normal*.

Que diabos está acontecendo?

"Tate!" gritou Chase. Os poucos clientes do restaurante olharam para ela, assim como um garçom de aparência nervosa que pareceu chocado com sua aparência.

Tate não se mexeu. Com a mente confusa, ela agarrou o ombro de seu parceiro e o homem se levantou.

"Chase?"

"Tate, que diabos está acontecendo?"

"O que você quer dizer com isso?"

Os olhos de Chase se arregalaram.

"A bomba! A bomba na Virginia Tech!"

"O quê?"

Chase cerrou a mandíbula.

"O relatório! Houve uma explosão no VT!"

As pessoas no restaurante começaram a murmurar e, em sua periferia, ela viu várias delas sacando seus celulares.

"EU..."

Chase agarrou Tate e o sacudiu.

"A maldita bomba! Onde está a Rachel?"

Ainda nada.

Ela não sabia se Tate estava bêbado, chapado ou em estado de choque.

"As mensagens!" Chase gritou. "Suas malditas mensagens! Você disse que precisava de ajuda!"

Tate finalmente encontrou sua língua.

"Eu fiz isso. Não sei do que diabos você está falando... Almocei com a Rachel e o namorado dela, ou pelo menos tentei, mas..."

Enquanto ele falava, Chase pegou seu telefone.

Será que ela imaginou o relatório? Não, isso era impossível. Seria apenas uma pegadinha? Um alarme falso?

Esses pensamentos mal se materializaram antes que ela percebesse que o cabeçalho amarelo ainda estava presente.

E ainda estava escrito: *Explosão abala escola local da Virgínia.*

"Veja! Veja!" Chase empurrou o celular para Tate. Ele o pegou e olhou para a tela.

Em seguida, ele tocou com o dedo e continuou a ler.

"Chase, isso não é... isso não é na Virginia Tech."

Chase piscou os olhos.

"O quê?"

"Não é..." Chase pegou o telefone de volta. "-VT. Está no WCI."

Chase sentiu todo o seu corpo ficar tenso.

Ela leu as palavras na tela exatamente no mesmo momento em que Tate as repetiu textualmente.

"A explosão abalou o WCI, o Instituto Colegial de Williamsburg."

"Pode ser apenas uma fiação defeituosa, um problema mecânico", disse Tate de trás do volante. Ele desviou para evitar um carro estacionado e Chase sentiu seu estômago saltar para a garganta.

"Então, por que ela não está respondendo?", perguntou ela.

Seu celular estava pressionado contra o ouvido e, quando a mensagem de voz de Georgina chegou, ela bateu o aparelho contra a palma da mão. "Por que *diabos* ela não está respondendo?"

Chase discou para Linus.

"Chase? A reunião..."

"Que se dane a reunião. Eu preciso saber o que está acontecendo na escola da Georgina!"

Linus fez uma pausa.

"... A escola de Georgina? A WCI?"

Que diabos está acontecendo? Será que todos estão com seus telefones

no modo silencioso?

"Sim! Pelo amor de Deus, está havendo uma explosão no WCI. Preciso saber que porra está acontecendo!"

Ela ouviu Linus atacar seu teclado.

"Porra, tudo bem, entendi. Recebi uma ligação há cerca de quinze minutos de um segurança do WCI. Disse que houve uma explosão no segundo andar. Ele..."

"O que *aconteceu*? Qual foi a explosão?"

"Não diz, mas... oh, merda."

Ela ouviu as teclas do teclado mecânico do homem funcionando novamente.

"Oh, merda, *o quê?*"

"Ele diz - ele diz que acha que ouviu tiros".

Pela primeira vez, desde que se lembra, Chase sentiu que estava começando a perder o controle. Ela teve um flashback de uma vida anterior.

Ela pensou em Tyler.

Tyler Tisdale e suas palavras assustadoras antes de dar a ela o primeiro golpe, aquele que mudaria todo o curso de sua vida.

Eu posso fazer você esquecer... Eu posso fazer você esquecer tudo.

"Chase?"

Dessa vez não foi Linus, mas Tate.

E ele estava olhando para ela de forma estranha.

Chase percebeu que estava coçando furiosamente a parte interna do cotovelo e se forçou a parar. As lágrimas a encheram.

"O chefe de polícia de Williamsburg, Colin Archer, está *a caminho*."

Chase não conseguia falar, não conseguia respirar.

Tate, apesar de se aproximar dos 80 anos em uma rua residencial, pegou o telefone dela.

"Linus, é o Tate. O que está acontecendo?"

Tate ficou em silêncio enquanto Linus falava.

Uma enxurrada de imagens desconexas passou pela mente de Chase. Imagens de corpos no chão, cobrindo os corredores imaculados da WCI.

Tiros... explosões... gritos, choro, sangramento, morte.

"Ligue para Stitts", ela ouviu Tate dizer de algum lugar a quilômetros de distância. "Diga a Stitts para nos encontrar lá. E diga ao chefe para não fazer nada até chegarmos. Nós estaremos lá..." Tate puxou o volante novamente e Chase, que não estava mais prestando atenção, foi jogado contra a janela. O carro deu uma guinada e Tate levantou o ombro para manter o telefone pressionado contra a orelha - ele precisava das duas mãos para endireitar o veículo antes que ele entrasse em uma derrapagem mortal. "Diga ao chefe de polícia que estaremos lá em menos de cinco minutos."

Capítulo 11

Eles chegaram ao refeitório sem incidentes. Também não houve mais tiros ou explosões.

Graças a Deus, os sprinklers já haviam se desligado, e os únicos sons que enchiam a sala agora eram os da água pingando das mesas de almoço encharcadas e o detestável alarme de emergência.

Quanto maior o intervalo entre os tiros, mais todos começaram a pensar, inclusive Georgina, que talvez *não fossem* tiros, afinal de contas.

Que talvez - apenas *talvez* - tudo *isso tenha* sido apenas um engano.

Mas então Georgina viu a pessoa que havia saído do banheiro - Seu nome? *Qual era mesmo o nome dela?* - com o rosto derretido, o olho faltando, o cabelo fumegante.

Ela estremeceu e observou Martin correr para a saída de emergência nos fundos do refeitório.

Havia segurança nos números, ou pelo menos havia a impressão disso, mas quando Martin encontrou essa porta trancada também, qualquer calma que se abateu sobre os cerca de dezesseis alunos sequestrados desapareceu.

Alguns começaram a chorar, outros gemiam incontrolavelmente.

Georgina ficou parada e observou em silêncio.

Um garoto calouro - por que *ele não estava na aula? Ele também estava sofrendo bullying?* - estava tentando arrancar as barras de metal das janelas do refeitório.

Tudo o que ele ganhou com isso foram mãos doloridas.

Eles estavam presos - não havia saída e havia um atirador ativo no andar de cima.

"Quero que todos se reúnam aqui", disse Martin. O homem estava fazendo o melhor que podia para restaurar a ordem, mas o tremor em sua voz não estava ajudando sua causa. "Fiquem longe das janelas e das portas. Não..."

O alarme parou de repente e Martin, que estava gritando alto, fechou a boca.

"Já acabou?" perguntou o garoto que ainda estava agarrado às barras de ferro.

Martin tentou a saída novamente e franziu a testa.

"Isso não muda nada. Fique fora da vista das janelas". Ele apontou para as portas duplas do refeitório, ambas com janelas embutidas. "Especialmente essas."

E então, como a maioria dos alunos fez o que ele pediu, Martin voltou a usar o walkie-talkie. Ele falou em voz baixa e Georgina foi até ele.

Quando ela se aproximava, Martin se despediu.

"Eles estão chegando?", perguntou ela. Sua garganta estava irritada, provavelmente por ter que gritar para ser ouvida por causa do alarme e pelo fato de ter inalado uma quantidade considerável de fumaça quente no andar de cima. "Os policiais estão chegando?"

"A polícia de Williamsburg está a caminho", ele informou. Ele repetiu essa declaração para que os outros pudessem ouvir e depois voltou sua atenção para Georgina.

"Ótimo. Preciso - preciso do meu celular", disse ela.

Preciso ligar para o Chase. O Chase saberá o que fazer.

Martin fez uma careta.

"Eles estão trancados em meu escritório. E essa porta é como as portas das salas de aula; ela permanecerá trancada até que o diretor declare que está tudo limpo."

"Onde está a diretora Prentiss?"

Georgina imaginou o homem alto, parecido com um guindaste, com cabelos castanhos desganhados.

"Eu não sei."

Martin ficou com uma expressão distante nos olhos e seu olhar acabou caindo nas portas do refeitório.

Ele suspirou, estremeceu e depois se enrijeceu.

"Talvez ainda haja crianças por aí", disse ele. Georgina não tinha certeza se ele estava dizendo isso para o benefício dela ou para o dele, mas ela sabia o que significava.

"Não, por favor. Fique aqui, fique conosco".

As duas examinaram os alunos aterrorizados. Chase contou dezoito agora, incluindo ela mesma. Dezoito de... quantos? Quantos alunos frequentavam a WCI?

Georgina tentou se lembrar da casa aberta, mas só conseguia pensar em Chase e em como sua tia ficava perguntando sobre as medidas de segurança na escola.

Trezentos? Trezentos e cinquenta?

Seja qual for o número real, a grande maioria estava presa em suas salas de aula.

Esse fato deveria fazer com que se sentissem seguros, mas Georgina tinha visto a explosão no banheiro. A porta havia sido completamente arrancada de suas dobradiças como um pedaço de papel de seda.

Quem quer que tenha colocado a bomba - *Jesus Cristo, por que não consigo me lembrar dos nomes?* - *tinha* saído do banheiro e desmaiado, disso ela se lembrava. Isso significava que tudo havia terminado?

Desejável, porque os tiros vieram *depois da* explosão - bem depois.

O que significava... o quê? Que a pessoa havia se recuperado da explosão? E agora eles estavam executando o resto de seu plano de vingança?

Georgina fechou os olhos, tentando se lembrar do que aconteceu

depois que ela bateu nos armários. Sua memória estava... apagada, desaparecida.

Ela colocou a mão e tocou a parte de trás da cabeça novamente. Não havia mais sangue, mas o fato de que ela simplesmente não conseguia se lembrar sugeria que, no mínimo, ela havia sofrido uma concussão.

Algo brilhou por trás de suas pálpebras fechadas.

Mochilas - mochilas pesadas.

Poderia haver mais bombas?

Poderia...

"Tenho que ir lá fora, G. Tenho que ver se há outros alunos nos corredores."

A boca de Georgina se abriu.

"Não", disse ela, balançando a cabeça dramaticamente. "Fique aqui. Espere pela polícia."

Chase havia dito a ela que nunca entrasse em pânico, que entrar em pânico fazia com que você se machucasse ou morresse. Uma coisa estranha para se dizer a uma criança da idade dela, mas Chase era uma mulher estranha.

E Georgina não era uma criança comum.

Ela também disse a si mesma outra coisa.

Não fique esperando. Nunca espere que alguém o salve. Faça alguma coisa.

Georgina começou a chorar.

Por que isso está acontecendo? Por quê?

"G", disse Martin suavemente, envolvendo-a com seus braços. "Eu tenho que ir. Eu *tenho que ir*."

Ele a apertou e ela fungou.

"Está bem." A palavra saiu como um soluço úmido.

Não. Assuma o controle de si mesmo. Chorar não vai ajudar. Entrar em pânico não ajudará. Não fazer nada não ajudará.

Como Martin havia feito momentos atrás, Georgina se endireitou. Ela se afastou do homem e limpou agressivamente as lágrimas e o ranho do rosto com a manga da camisa.

"Ok." Dessa vez, a palavra saiu com mais força.

Os olhos gentis de Martin se fixaram nos dela e ele deve ter visto algo neles, pois de repente ficou mais confiante.

Recuando, ele levantou a voz.

"Eu voltarei. Fique aqui, fique calmo. Fiquem longe das janelas. Depois que eu sair, quero que você pegue as cadeiras e coloque as pernas nas maçanetas das portas para que elas não possam ser abertas pelo lado de fora. E depois quero que vocês coloquem o máximo de mesas que puderem contra elas." Todos estavam ouvindo agora, com seus rostos mascarados de terror. "Façam isso o mais rápido que

puderem e depois fiquem fora de vista. A polícia está a caminho."

A resposta foi recebida com alguns acenos de cabeça e Martin olhou novamente para ela.

"Georgina está no comando. Ouçam-na, está bem?" Um punhado de alunos resmungou. "Apenas a escutem."

O garoto que estava tentando escapar por uma das janelas se aproximou de repente. Ele se moveu com tanta determinação que, em um primeiro momento, Georgina pensou que ele fosse atingir o segurança.

Mas, no último segundo, sua postura mudou e ele agarrou o braço do homem.

"Por favor", ele choramingou. "Por favor, não nos deixe."

Martin se afastou.

"Eu voltarei. Apenas ouça o G, ouça a Georgina."

O homem se dirigiu para as portas e deu uma olhada para fora. Satisfeito com o fato de a costa estar livre, ele agarrou uma das maçanetas e puxou.

"O que está esperando?" disse Georgina. "Pegue uma cadeira."

Ninguém se mexeu.

E por que eles fariam isso?

Ela estava no comando... mas quem diabos era ela?

Ela era apenas uma garota de quinze anos aterrorizada. Uma pária.

Alguém que os outros chamavam de Culty.

Martin começou a abrir uma das portas e, em sua cabeça, Georgina ouviu a voz de Chase novamente.

Não entre em pânico. Assuma o controle. Faça alguma coisa.

Quando Martin sumiu de vista, Georgina bateu um pé. Não era o ato de uma criança petulante exigindo que comessem frango empanado pela quarta noite consecutiva.

Era o ato de um sargento militar exigindo atenção.

"Você ouviu o homem. Me ajudem com as cadeiras". Ela apontou para dois dos meninos maiores. "Você e você, peguem as cadeiras." Georgina apontou para a garota de suéter de lã e disse: "Reúna alguns amigos e comece a empurrar as mesas contra a porta. E façam isso *agora*."

Capítulo 12

Tate quase bateu na traseira de um carro da polícia de Williamsburg, freando com tanta força que Chase foi empurrado para a frente.

Apesar de quase ter batido os dentes no painel, ela saiu em segundos, correndo em direção a um homem que ela sabia que, pelo bigode branco e o escudo dourado no peito, era o chefe de polícia.

"Agente Adams e Abernathy", disse o homem, mais como uma declaração do que como uma pergunta.

"O que está fazendo? Por que não está entrando?" Chase exigiu.

As sobrelanceiras do homem, do mesmo tom do bigode, protegeram seus olhos.

"Tentamos", disse o chefe. "As portas estão trancadas."

Chase fez uma careta.

"Então, pegue a maldita chave."

O homem balançou a cabeça.

"Não é tão fácil assim."

"Para o inferno, não é."

Chase passou pelos carros de polícia e atravessou os portões de ferro forjado abertos.

"Agente? Agente!", gritou o chefe atrás dela.

Chase não se virou, mas ouviu Tate falando com o homem, acalmando-o. Ela tinha que entrar. Ela tinha que encontrar Georgina.

Mas Chase não estava tão emocionada a ponto de não reconhecer o fato de que havia outros alunos na escola além de sua sobrinha. Tampouco estava alheia ao fato de que a pessoa responsável pelo que quer que esteja acontecendo poderia estar mirando neles também.

Não seria a primeira vez que um atirador de escola dispararia balas fora do prédio, com a intenção de matar policiais.

Chase manteve os olhos fixos nas janelas e permaneceu abaixada, movendo-se de uma parede de concreto para se proteger de outra.

A WCI tinha o formato de um "A" gigante e maiúsculo, com o vértice apontado para os portões da frente.

O local da explosão, que Chase percebeu não ter sido tão grande quanto ela esperava, foi localizado no segundo andar, perto de uma das pernas. Uma fina nuvem de fumaça subia do tijolo enegrecido. De seu ponto de vista, não era possível dizer a extensão do dano, mas ela estava bastante confiante de que a integridade do edifício como um todo não estava em perigo.

Os degraus da frente, de tijolos maciços feitos à mão, levavam às portas, e Chase estava prestes a se dirigir a elas, o único momento em que estaria realmente exposta, quando avistou uma sombra escura em uma das janelas do segundo andar.

Ela rapidamente se abaixou e pressionou o ombro contra um grande pilar.

O que ela viu?

O atirador? Ou um aluno?

Um professor, talvez?

Chase contou até três e estava prestes a correr para as portas, mas mudou de ideia.

Isso não foi apenas estúpido, foi quase suicida.

E ela não estava apenas colocando sua própria vida em perigo - algo que ela trocaria de bom grado por qualquer aluno da WCI, muito menos por sua sobrinha -, mas a de todos.

Se o atirador não tivesse notado a chegada dos carros de polícia - improvável, mas possível - mas eles a tivessem visto?

Eles podem se assustar e decidir aumentar a aposta.

Chase voltou correndo pelo caminho por onde tinha vindo.

"Eu lhe disse que estava trancada", informou o chefe. Ela odiou a expressão presunçosa no rosto dele.

"Você acha que é uma boa ideia ter seus carros de polícia aqui, ao ar livre, para que todos possam ver?", acusou ela, acenando com as mãos agressivamente em direção aos carros.

De repente, o som de várias sirenes - caminhões de bombeiros, ambulâncias e mais carros de polícia - chegou aos seus ouvidos.

Que droga.

Quando o chefe não lhe respondeu, Chase perguntou: "Por que as portas estão trancadas? Você não consegue abri-las? Precisamos entrar".

"Não sabemos. Se o sistema de emergência for acionado, todas as portas internas da sala de aula se fecham. Mas as saídas devem permanecer abertas - deve ser um defeito. Quanto a forçá-las a abrir, não é tão fácil."

Um segundo oficial, bem mais jovem que o chefe, assumiu o controle.

"As fechaduras são eletrônicas e reforçadas. Será necessário algum esforço para abri-las."

O policial estava apenas tentando fazer o melhor que podia, mas isso o irritou.

"Algum esforço? Algum..."

"Chefe Archer", disse Tate, entrando na frente de Chase. "Quem controla as fechaduras da escola?"

"O diretor. Quando ele colocar sua senha no computador, todas as portas deverão se abrir. Pelo menos, é assim que deve funcionar. Mas, como eu disse, as saídas *devem permanecer destrancadas o tempo todo.*"

"E você já conversou com o diretor?" disse Chase. A intervenção a

acalmou um pouco, mas ela ainda estava excitada, com os nervos à flor da pele.

"A única comunicação que temos até agora é com o guarda de segurança."

Chase se lembrou do homem da casa aberta. Ele tinha sido simpático, mas era velho, e ela não teve a impressão de que ele tivesse alguma experiência na área.

Ela se amaldiçoou por não ter levantado essas preocupações com a escola.

Na ocasião, Chase havia feito uma anotação mental sobre Martin Martchenko, julgando-o capaz de lidar com qualquer problema que pudesse surgir. Mas seus pensamentos estavam relacionados a bullying, não a algo como... *isso*.

"Você já tentou entrar em contato com o diretor?", ela desafiou.

"Ele não está atendendo ao telefone."

"Você tentou o celular dele?"

O chefe Archer grunhiu.

"Não temos o celular dele."

Chase ficou boquiaberto.

"Como assim, *você não tem o celular dele?*"

"Oh, sinto muito por não termos o telefone celular de todos os diretores de Williamsburg em nosso Rolodex, *agente*."

"Estamos investigando. Em breve teremos o resultado", disse o jovem policial, tentando manter a paz.

"Vamos nos acalmar", disse Tate, estendendo as mãos. "Chefe Archer, o que você sabe sobre a explosão?"

Novamente, foi o oficial mais jovem que respondeu.

"Tenho um esquema aqui." Ele levou os quatro até uma planta da WCI que estava sobre o capô de seu carro. O policial colocou um dedo na área geral de onde Chase tinha visto a fumaça. "Há uma sala de serviço no andar principal. A explosão pode ter se originado lá."

Chase olhou para trás, para a escola.

"Não, não aconteceu lá", disse ela quase distraidamente.

"Como você sabe?"

Chase olhou para o chefe.

"Porque se isso tivesse acontecido no térreo e a fumaça estivesse saindo do topo daquele jeito, toda a lateral do edifício teria sido destruída."

O chefe Archer fez uma careta, mas não discutiu a questão.

"E quanto aos tiros?" perguntou Chase.

Atrás deles, chegaram mais carros, incluindo dois caminhões da SWAT, todos pretos.

"Três tiros disparados, de acordo com o segurança".

Chase sentiu sua testa enrugar.

"Três? É só isso?"

"Três."

"Arma automática?"

Archer balançou a cabeça.

"Não. Martin disse que parecia uma pistola".

Isso foi um alívio. As pistolas ainda podiam matar, mas uma AR-15 podia matar muito mais. Ainda assim, o fato de apenas uma pistola ter sido usada até o momento não significava que um poder de fogo mais avançado *não seria* usado.

"Há quanto tempo?"

Archer verificou seu relógio, um relógio prateado e de aparência barata.

"Onze minutos."

"E quando você chegou?"

"Dois minutos antes de você."

O chefe Archer era muito preciso - o Chase lhe deu essa certeza.

Uma explosão seguida de três tiros de pistola. Depois, nos últimos onze minutos, nada.

O que eles estão esperando?

Chase se permitiu respirar fundo. Quando ouviu falar de uma explosão e percebeu que era na WCI, ela temeu o pior: metade da escola destruída. Quando soube que houve disparos, imaginou vários homens armados com rifles de alta potência deixando um rastro de corpos.

"Então, os alunos estão trancados em suas classes e..."

"Os que não estavam em sua classe estão no refeitório com o guarda de segurança."

E, sem mais nem menos, a ansiedade de Chase voltou.

Ela nem sequer havia pensado nas crianças que não estavam em sala de aula.

Georgina... ela estava na aula, certo?

Chase a deixou em casa por volta das 8:20 e a primeira notificação da explosão foi logo após as nove.

Tempo suficiente para chegar à aula.

Exceto pelo fato de que, se ela tivesse que ir ao escritório para pegar outro comprovante de atraso e houvesse uma fila...

"Qual é o plano?" perguntou Tate.

"O protocolo estabelece que, assim que a SWAT chegar", o chefe apontou por cima do ombro para os caminhões, "nós entraremos e invadiremos o local. Gás lacrimogêneo, balas de borracha. Fogo real, se necessário".

Archer disse isso com naturalidade, o que era algo que não agradava a Chase. Claramente, tinha que haver um meio termo entre a atitude maníaca dela e a apatia do chefe.

Tate era a voz da razão de que ela precisava.

"Três tiros, você disse? Olhe, eu conheço o protocolo, mas três tiros há quinze minutos... talvez isso não seja o que estamos pensando."

A expressão de Archer se deteriorou.

"O que você quer dizer com isso? Temos um atirador ativo lá dentro e o protocolo..."

"Eu conheço o protocolo", interrompeu Tate. "Mas isso é para um atirador *ativo*. Três tiros não é o que eu chamaria de ativo."

Agora Archer se aproximou de Tate.

"Não discuta semântica comigo, rapaz."

Tate estufou o peito.

"Garoto? Eu não estou..."

"Ele pode estar certo", disse o jovem policial que ainda não havia se apresentado. Archer o encarou. "Quero dizer, e se for uma situação típica de reféns? Talvez possamos colocá-los na linha e se eles tiverem exigências..."

"Ou talvez eles estejam apenas reunindo todos os alunos e formando um pelotão de fuzilamento, você pensou nisso, *Oficial Pekaruk?*"

O policial recuou.

O Tate não o fez.

"Você mesmo disse que as classes estão todas fechadas."

Chase estava tentando pensar, mas era difícil com toda aquela discussão. Momentos atrás, ela estava decidida a entrar o mais rápido possível, porque era uma pessoa que fazia as coisas.

Mas será que essa era a abordagem correta? Ou seria melhor fazer o que os policiais Pekaruk e Tate estavam sugerindo e esperar?

"Você se lembra de Columbine?" Archer respondeu.

Chase não respondeu; é claro que ela respondeu - todos se lembravam de Columbine.

"Bem, em Columbine, os policiais esperaram, pensando que poderia haver mais explosivos preparados para explodir. Crianças morreram por causa de sua inação. *Muitas* crianças. Não vou ficar sentado aqui sem fazer nada."

Chase fez uma careta.

Ela conhecia a história. Foi um dos primeiros tiroteios em massa em escolas desse tipo, e os policiais decidiram esperar em vez de tentar entrar no prédio. Havia tantas incógnitas, tantas variáveis, que eles não queriam arriscar mais carnificina.

Ou suas vidas.

Mas, por mais que seja doloroso admitir isso, nem todas as vidas foram criadas iguais.

Eles deveriam ter se apressado e aproveitado a chance. Por isso, o novo SOP para atiradores ativos. Entre, inunde o local com fumaça e

gás lacrimogêneo, encontre o atirador e elimine-o.

Mas isso foi diferente.

Georgina não estudou em Columbine. Ela estava aqui, presa em uma sala de aula no WCI.

Chase estava prestes a protestar, argumentar contra a comparação - centenas de tiros haviam sido disparados em Columbine antes de os policiais entrarem - se não fosse por outro motivo que não fosse para lhe dar tempo para pensar, quando o rádio do chefe voltou a funcionar.

Ela esperava ouvir o despacho, mas em vez disso se deparou com o som da voz de um homem. Nenhum sinal de chamada, nenhum preâmbulo.

Ele parecia desesperado.

"Chefe, tenho cerca de duas dúzias de alunos no refeitório. Estou saindo agora para ver se há outros alunos nos corredores. Os tiros definitivamente vieram do segundo andar".

Os olhos de Chase se arregalaram.

"É ele?", ela exigiu. "É o guarda de segurança?"

"Sim..."

Antes que a palavra saísse completamente da boca do homem, Chase pegou o rádio do chefe de polícia e apertou o botão.

"Aqui é Chase Adams, FBI, preciso saber se você viu Georgina. Cabelo vermelho, caloura. Câmbio."

Um oficial barbudo da SWAT se aproximou, parecia pronto para dizer algo, mas viu a expressão de Chase e esperou.

Todos a encararam e ela prendeu a respiração enquanto aguardava a resposta.

O microfone tocou segundos depois, mas parecia que havia passado uma eternidade de silêncio

E durante essa eternidade, Chase imaginou o pior.

Três balas foram disparadas, duas no peito de Georgina e uma formando um olho vermelho em sua testa.

"Sim, eu a vi. Ela está bem."

Chase não conseguiu conter um suspiro.

"Ela está na cafeteria com os outros."

O peso esmagador que havia sido retirado de seu peito quando ela descobriu que Georgina estava a salvo voltou a cair.

No café... Georgina não estava em segurança dentro de uma das salas de aula trancadas.

Chase ficou atônito.

Ela entregou o rádio de volta a Archer e cerrou a mandíbula, tentando impedir que seu mundo girasse.

"Martin, mantenha as linhas de comunicação abertas - informe-nos sobre o que você vê."

"Sim."

O chefe Archer imediatamente se voltou para o oficial da SWAT. Eles apertaram as mãos.

"Sou o oficial da SWAT Jermaine Reed", disse o homem. "Meus homens estão se preparando para a invasão. Precisamos de três minutos e então estaremos prontos para ir."

"Ótimo", disse Archer. "Avise-me quando estiver pronto".

Não, isso estava errado. Se eles entrarem agora, o atirador pode entrar em pânico e começar a disparar mais tiros, disse uma voz na cabeça de Chase.

Isso foi rapidamente rebatido por uma voz igualmente forte.

Georgina está viva agora, esperamos, e ela pode ser a próxima vítima. Uma maldita estatística.

"Espere", disse Chase, com a voz mansa. "Apenas... espere."

Jermaine levantou uma sobrancelha, olhou para Archer e depois para ela.

"...e quem é você?"

"Não importa quem diabos eu sou. Nós devemos - nós devemos pensar sobre isso."

"Protocolo..."

"Eu sei, eu sei. Mas... mas..."

Chase não conseguia pensar. Felizmente, Tate veio em seu socorro.

"Jermaine, temos apenas três tiros disparados e isso foi há quase quinze minutos. Temos um homem do lado de dentro..."

"Sim, um guarda de segurança que nem sequer carrega um taser, muito menos uma arma", interrompeu Archer.

Tate o ignorou.

"- e ele diz que está tudo tranquilo."

Antes que Archer pudesse oferecer um contraponto, seu rádio se ativou.

"Acho que o estou vendo."

A voz de Martin silenciou imediatamente a discussão.

"O atirador?" perguntou Archer.

"Sim, acho que os estou vendo. Eles estão esperando..."

Ar morto.

"Quantos?"

"Um... eu acho. Sim, apenas..."

Martin foi interrompido por um tiro.

Todos eles ouviram em estéreo distorcido, do rádio e do próprio edifício.

Archer olhou para Jermaine, seu rosto finalmente demonstrando emoção.

"Vá! Vá! Entrem lá!"

Mais dois tiros, dessa vez somente do prédio, e Jermaine começou a

correr.

E então, quando o rádio voltou a tocar, ele parou com a mesma rapidez.

Dessa vez, não era a voz de Martin. Era de alguém mais jovem.

Muito mais jovem.

"Abra as portas das salas de aula", disse a voz. "Abram-nas *agora*. E se eu vir algum policial se aproximando da frente, começarei a matar os alunos. *Todos* eles."

PARTE II - Mentalidade de multidão

Capítulo 13

Depois que Martin saiu e eles terminaram de escorar a porta com cadeiras e mesas, tudo ficou em silêncio no refeitório por algum tempo. Com o alarme desligado, os únicos sons que Georgina conseguia captar eram os soluços suaves de vários alunos e a água pingando das mesas.

Tudo estava encharcado.

Os sprinklers haviam revirado o chão.

Todos estavam apavorados, inclusive Georgina.

E todos estavam esperando que algo acontecesse. Seja o retorno de Martin, a entrada da polícia ou o que eles realmente esperavam era que as luzes parassem de piscar, significando o fim dessa terrível provação.

Georgina arrastou seus sapatos encharcados.

"Ei! Ei, você, Culty."

Ela manteve os olhos baixos, mas o garoto agarrou seu braço.

"Não me toque", ela disse. "E não me chame de Culty."

Era o garoto do andar de cima. O cara do futebol.

Ele ficou surpreso com as palavras dela, mas se recompôs quando se juntou a ele a garota que havia reclamado que seu suéter estava molhado.

"Eu não me importo que aquele cretino tenha colocado você no comando, Culty, não estou ouvindo uma palavra sua..."

"Deixe-me em paz", disse ela, virando-se de costas para ele.

"Putá que pariu", ele murmurou alto o suficiente para Georgina ouvir. "Psicopata de merda. Aposto que foi você quem colocou a bomba, Culty."

Foi isso - a gota d'água. Todas as frustrações de Georgina com o andamento das coisas nessa escola, um novo ambiente do qual ela estava animada para fazer parte, chegaram ao auge.

Isso e o zumbi que ela tinha visto no andar de cima.

Ela se virou.

"Você ao menos sabe por que me chama de Culty? Ou só está fazendo isso porque está seguindo aquele idiota do Brendan Baxter?"

O garoto ficou chocado com a explosão.

"I-"

"Vou lhe dizer por quê. É porque minha mãe foi sequestrada quando era criança. Mas não era um culto - apenas dois homens

perturbados que pegavam meninas e as transformavam em suas esposas." Georgina sabia que estava parando agora, que não deveria ter dito nada disso, mas as comportas tinham se aberto. "Um desses homens é meu pai. Ele está na prisão agora. Ah, e minha mãe está morta. Ela foi assassinada."

Tanto o jogador de futebol quanto a garota do suéter ficaram momentaneamente em silêncio. Mas então um sorriso sinistro apareceu nos lábios do garoto. Ele era um valentão no sentido mais verdadeiro da palavra.

Talvez até pior do que Brandon, o Vampiro.

"Você realmente é uma aberração, assim como a Mia e o John."

Mia e John... Mia e John...

Uma lembrança começou a se formar na mente de Georgina, mas então a garota de suéter falou e ela desapareceu.

"Shawn, você acha que foram eles? Você realmente acha que a Mia e o John estão por trás disso?"

"Eu não diria isso a eles."

Por que não consigo me lembrar?

"Provavelmente *foram* eles", disse a garota com um aceno de cabeça. "Foi cerca de um ano depois do aborto deles. Faz sentido."

Não, isso não fazia sentido algum.

"O maldito Culty e os satanistas estão trabalhando juntos. Você está por trás disso, Culty?" perguntou Shawn.

"Me deixe em paz!"

As súplicas de Georgina foram ignoradas.

"Deveríamos ir lá fora", exclamou Shawn de repente, levantando a voz. Uma multidão estava se reunindo ao redor deles agora. "Levem a Mia e o John para fora."

Ele flexionou os músculos.

"Você quer levar um tiro, Shawn?", perguntou o garoto que estava tentando arrancar as barras da janela. "Porque se você for lá fora, vai levar um tiro na bunda."

"Não, eu posso eliminá-los."

A Sweater Girl agarrou o braço de Shawn.

"Não vale a pena. Apenas espere pela polícia. Estamos bem aqui."

"Não sei. Odeio ficar esperando."

Georgina não sabia dizer se o garoto estava apenas fingindo ser corajoso ou se estava falando sério.

De qualquer forma, ela ouviu Chase novamente, dizendo-lhe para não esperar, para não ficar parada.

Ficar esperando fez com que você morresse.

"Mas Martin disse para ficarmos aqui", disse Shawn, como se estivesse discutindo consigo mesmo.

"Ele também disse para ouvirmos o Culty", respondeu alguém.

Culty... pare de me chamar de Culty!

Ela grunhiu

Que se dane isso. Que se dane tudo.

"Eu vou", disse ela.

"O quê?" Shawn quase riu. "Você?"

"Sim, eu. Eu vou." Georgina dobrou o passo. Ela precisava se afastar de todos eles, de tudo isso. "Vou verificar o que está acontecendo. Se for a Mia e o John, posso falar com eles."

"Acho que ninguém deve ir a lugar nenhum", disse um garoto com desvio de septo. "Acho que devemos ficar parados. Ficar parado. Ficar quietos."

Ele parecia um disco quebrado com uma infecção sinusal.

Os olhos de Georgina se voltaram para as portas barricadas.

Parecia um obstáculo formidável, mas todos sabiam que não resistiria para sempre. Se balas suficientes fossem disparadas contra a porta, o atirador ou os atiradores acabariam entrando.

E depois? Eles ficariam presos.

Se tudo isso foi motivado por vingança, ver Shawn, a Sweater Girl e todos os outros valentões só serviria para enfurecer ainda mais os agressores.

Se Georgina esperasse até lá para tentar convencê-los, seria tarde demais, e ela provavelmente levaria um tiro como os outros.

Não, eu preciso fazer alguma coisa.

De repente, Georgina deu um passo para trás.

No fundo, ela sabia que parte do motivo pelo qual estava planejando fazer isso não tinha nada a ver com o conselho de Chase ou com o fato de ter dissuadido o atirador, ou mesmo com a autopreservação.

Era a certeza de que, se ela fizesse *alguma coisa*, se de alguma forma conseguisse salvá-los, pôr um fim a isso, talvez conseguisse a aceitação deles.

Ridículo - por que *ela queria a aceitação desses idiotas?* -, mas mesmo uma pacifista em uma horda de criminosos violentos não suportaria ficar sozinha para sempre.

Era da natureza humana tentar se encaixar.

E isso era especialmente verdadeiro para um pária de 15 anos com um passado complicado e um futuro ainda mais incerto.

Georgina se preparou e respirou fundo.

E então ela falou com a voz mais potente que conseguiu reunir.

"Ouçam todos! Eu sei que Martin disse..."

-para ficar aqui, mas estou indo para lá. Vou tentar falar com eles, quem quer que esteja por trás disso.

Era isso que Georgina pretendia dizer, mas não teve a chance.

Um tiro, seguido de uma pausa sem fôlego, e depois mais dois em

rápida sucessão, reverberou bem acima deles.

Capítulo 14

O atirador ficou em silêncio após sua ameaça mortal.

Archer tentou chamá-lo várias vezes, mas seus esforços foram recebidos apenas com ar morto.

"Isso não muda nada", disse o chefe Archer. "Ele está blefando - ele não pode matar ninguém porque não pode entrar nas salas de aula. Jermaine, coloque seus homens em posição. Vamos nos ater ao protocolo."

Só que ele pode, pensou Chase. Ele pode matar todo mundo, inclusive Georgina, que está na cafeteria.

Mas antes que ela pudesse dizer isso, um carro parou. Chase reconheceu o veículo e sentiu um pouco de alívio quando viu o diretor interino do FBI em Quântico, Jeremy Stitts, sair com Linus Bowen a reboque. Stitts demorou um pouco para chegar até eles, pois estava se apoiando pesadamente em sua bengala. No entanto, Linus, apesar de ter evitado a maldição das lesões que parecia se abater sobre todos os que trabalhavam com Chase, andava ainda mais devagar.

Linus *realmente* odiava sair para o campo.

"Quem está falando?" perguntou o policial Pekaruk.

"Não tenho certeza", respondeu Archer com o canto da boca. Ele deu um passo à frente, com o peito inchado. "Eu..."

"Jeremy Stitts, diretor do FBI", disse Stitts rapidamente. "E este é Linus Bowen, também do FBI."

Linus levantou desajeitadamente a bolsa do laptop, como se precisasse justificar sua presença.

Ou Archer reconheceu o nome de Stitts ou respeitou a posição do homem, porque ele rapidamente deu ao diretor o resumo sem hesitar.

Quando ele terminou de explicar que os homens de Jermaine estavam se posicionando para atacar, Tate falou.

"Estávamos nos comunicando com o guarda de segurança por meio de walkie-talkie até momentos atrás. Então, ouvimos tiros e alguém nos disse para abrir as portas da sala de aula, ou eles começariam a matar os alunos."

Stitts inclinou a cabeça.

"Quais foram suas palavras exatas?"

Tate parecia pensativo, então Chase respondeu por ele, relembrando a conversa unilateral em detalhes vívidos.

"Abram as portas das salas de aula. Abram-nas agora. E se eu vir algum policial se aproximando da frente, começarei a matar os alunos. Todos eles."

"Tem certeza?"

"Foi o que ele disse", confirmou Tate.

Stitts refletiu sobre isso e disse: "Certo. Conseguiu se comunicar

com mais alguém de dentro?"

"Não. Ainda estamos procurando o número do celular do diretor. Aparentemente, a WCI tem uma política de proibição de celulares para os alunos. Todos os telefones ficam trancados até o fim do dia."

"Então, não temos ideia de quantos estão feridos? Falecidos?" perguntou Stitts.

"Não", afirmou Archer com firmeza. "Tudo o que sabemos é que houve uma explosão e seis tiros foram disparados."

"Seis?" Stitts parecia perplexo.

"Apenas seis", confirmou o chefe.

"Muito bem, qual é o nome do diretor?" perguntou Linus, sacando seu laptop.

"Paul Prentiss", respondeu o policial Pekaruk.

Linus assentiu, colocou o laptop sobre o esquema da escola e começou a digitar.

"Não estou aqui para fazer ondas", disse Stitts, dirigindo-se ao grupo mais uma vez, "mas isso está sob a alçada da CVU. Como tal, assumirei o controle daqui para frente."

Os cantos do bigode branco do Chefe Archer se inclinaram para baixo.

Ele não gostava que lhe dissessem o que fazer.

"Como eu disse, Jermaine e sua equipe da SWAT já estão se posicionando."

Jermaine acenou com a cabeça em confirmação.

"Meus homens estão preparados atrás do muro com equipamento antimotim, gás lacrimogêneo e aríetes. Tudo o que precisamos é de uma autorização - as portas são grossas, totalmente de aço, mas, quando forem abertas, meus homens levarão apenas trinta segundos para chegar às portas e outros trinta ou quarenta e cinco para entrar. Os postos dos franco-atiradores já estão localizados, aqui, aqui e aqui". O homem empurrou o computador de Linus para o lado e apontou para o mapa.

O homem - estudante, era um estudante, não um homem - no rádio assombrou Chase.

...se eu vir algum policial se aproximando da frente, começarei a matar estudantes.

Todos os olhos estavam voltados para Stitts, aguardando suas ordens.

Com base em sua experiência com o homem como parceiro, Chase sabia que Stitts era um pensador, um traçador de perfis. Ele não era de se apressar para agir, o que costumava irritá-la bastante. Mas hoje, era uma dádiva de Deus.

"De acordo com o segurança, sabemos que a maioria das crianças que não estão trancadas em suas salas de aula estão aqui." Jermaine

disse, quebrando o silêncio. Ele colocou o polegar calejado sobre a área marcada como "refeitório". "A explosão foi no segundo andar e acreditamos que foi lá que o segurança encontrou o atirador."

Stitts acenou com a cabeça, indicando que tinha ouvido o homem, mas depois olhou para um lado, algo que ele fazia com frequência quando estava pensando profundamente.

"Quem é Georgina?" perguntou Archer durante esse interlúdio.

Chase, que também estava em sua própria cabeça, se animou com o som do nome.

"O quê?"

"Georgina. Você perguntou ao guarda se ele sabia onde estava Georgina. Ela é sua filha? Filha de um amigo ou..."

"Pare", ordenou Stitts.

"Parar o quê?" disse Archer. O homem claramente não estava acostumado a não ser o único a dar ordens.

"Apenas pare de falar."

O homem franziu a testa, deu um passo para trás e colocou as mãos nos quadris.

Em seguida, ele simplesmente olhou para Stitts.

Se o diretor do FBI percebeu esse olhar de morte, isso não pareceu incomodá-lo.

O homem respirou fundo.

"Bom. No momento, foram disparados apenas seis tiros. *Seis*. De uma única arma de fogo. E uma pequena explosão. De acordo com o agente Adams, o atirador disse que, se nos aproximássemos, ele começaria a atirar nos alunos. *Começar é* a palavra-chave".

Perkaruk olhou para Archer, que sutilmente assentiu com a cabeça.

"Pode ter sido apenas um lapso", disse o jovem policial. "O garoto está exaltado. Seis balas podem significar cinco crianças mortas mais o guarda de segurança. A explosão pode ter matado dezenas deles."

"Não, não é um deslize", disse Stitts com convicção. "Ele ainda não atirou em nenhum aluno. Quanto à explosão, estimo que o número de vítimas seja de zero a quatro, com base no tamanho da escola e no número de banheiros do prédio."

"O que significa que ele está esperando por algo", sugeriu Tate.

"Ou alguém", acrescentou Stitts.

Alguém?

Chase estava prestes a perguntar o que ele queria dizer com isso quando Linus entrou na conversa.

"Agente Stitts? Tenho a diretora Prentiss na linha."

"Coloque no alto-falante".

Linus fez o que lhe foi pedido e segurou o telefone na frente dele para que todos pudessem ouvir.

"Diretora Prentiss?" Disse Stitts. "Este é o agente Jeremy Stitts, do

FBI. O que está acontecendo lá dentro?"

"Isso... é o que eu esperava que você pudesse me dizer", respondeu uma voz masculina.

Chase bufou, mas Stitts não se intimidou.

"Quantos atiradores existem? E onde eles estão atualmente?"

"Eu não faço ideia."

Agora, as sobrancelhas de Stitts se franziram.

"O que você quer dizer com isso?"

"Estou preso. Eu estava na sala da secretária quando ocorreu o bloqueio. Não consigo nem sair daqui."

"Você não pode sair do escritório?" perguntou Chase, com a voz alta e firme.

"Não, como eu disse, estou preso aqui. Você verificou as câmeras?"

Isso pegou todos de surpresa e, por alguns segundos, todos ficaram olhando para o telefone.

"Oi?"

"Como assim, *verificar as câmeras*?" Stitts exigiu, agora retornando o olhar de Archer. Ele pegou o telefone da mão de Linus, que parecia grato por ter se livrado do aparelho.

"Há câmeras na escola. Você deve ser capaz de acessá-las remotamente."

Chase se lembrou da casa aberta.

Porra, por que não me lembrei das câmeras? Elas estavam por toda parte. Eu até perguntei explicitamente sobre elas.

Ela balançou a cabeça, sentindo o rosto corar.

Talvez eu esteja muito próximo. Talvez eu precise me afastar.

Mas mesmo quando o pensamento entrou em sua mente, ela o baniu.

De jeito nenhum. De jeito nenhum. Não vou a lugar nenhum até que Georgina esteja segura.

"Linus?"

"É para já. Um segundo."

"Fique na linha, Prentiss", disse Stitts.

Chase se inclinou sobre o ombro de Linus em antecipação. Se eles tivessem olhos dentro da escola, poderiam entrar sabendo exatamente onde estava o atirador. E se ele estivesse longe da cafeteria, longe de Georgina, talvez pudessem eliminá-lo sem causar mais vítimas.

Mas tudo o que ela viu depois que Linus conseguiu entrar no sistema de câmeras foi uma tela preta.

"Droga. Alguém os desativou. Elas estão todas pretas."

O Chefe Archer grunhiu como se já soubesse disso, quando, na verdade, estava apenas grato por esse descuido não ter voltado para lhe dar uma mordida na bunda.

"Ótimo, então temos câmeras na escola, mas elas estão quebradas?",

disse o chefe, quebrando o silêncio imposto por Stitts.

"Eu nunca disse que eles estavam quebrados. Elas foram desativadas", corrigiu Linus.

"E quanto às portas? Você pode destrancar as portas da frente e da secretaria e manter o restante das salas de aula trancadas?" perguntou Stitts.

Linus tentou fazer exatamente isso.

"Não, não é possível - alguém invadiu o sistema. Desativou todos os controles administrativos. "

Chase sentiu sua mente começar a girar novamente. Sua melhor esperança era que se tratasse de um único atirador, um garoto irritado com uma arma de fogo que eles pudessem convencer a interromper esse reinado de terror até que alguém - *mais alguém - se machucasse*.

Mas quanto mais eles investigavam, mais ela começava a pensar que havia algo muito mais sinistro em jogo. Quem planejou isso tinha algo maior em mente do que apenas uma pequena explosão e o disparo de seis balas.

E isso não era um bom presságio para sua sobrinha ruiva.

Capítulo 15

Georgina tinha plena consciência de que estava se movendo, abaixada, agachada, grudada nas paredes, exatamente da mesma forma que Martin havia feito quando saiu da cafeteria.

E ela temia o pior.

O momento dos tiros que eles ouviram na cafeteria e quando Martin os deixou não poderia ser uma coincidência.

Ela forçou esses pensamentos a saírem de sua mente enquanto continuava a se mover.

Ela tinha que encontrar quem estava por trás disso, Mia e John ou outra pessoa. Falar com eles.

Georgina sabia que não era uma exímia negociadora. Claro, ela sabia como manipular alguém como Chase, Tate também, embora em um grau menor. Mas ela tinha alguns truques na manga.

Chase havia lhe dado dicas.

Encontre um ponto em comum. Mantenha-os falando. Repita suas palavras para eles. Não concorde com eles, mas também não discorde. Permaneça ambíguo enquanto formula sua estratégia. Use perguntas direcionadas para abrir brechas em suas teorias e crenças.

Permita que eles percebam as falhas em seu raciocínio.

E, independentemente do que fizer, *não fique esperando que outra pessoa faça o trabalho por você.*

Esse último pensamento entrou na cabeça de Georgina pela voz de Chase.

Georgina olhou para a primeira sala de aula pela qual passou. Em um primeiro momento, ela achou que estava vazia. Algumas cadeiras haviam sido derrubadas, assim como pelo menos uma escrivaninha, mas não havia alunos ou professores lá dentro.

Será que Martin cometeu um erro? As salas de aula estavam abertas? Todos os outros alunos haviam fugido de alguma forma? Encontrado outra saída?

Mas quando ela encostou a bochecha no vidro frio embutido e olhou para a esquerda, ela os viu.

Os rostos assustados dos alunos. Eles estavam todos amontoados, com os rostos idênticos, mascarados de puro terror.

Quando um dos garotos, um menino com um topete, a viu, ele ofegou e imediatamente escondeu o rosto na dobra do braço, como um avestruz enterrando a cabeça na areia.

O professor, que Georgina não reconheceu, notou-a e abraçou o maior número possível de alunos.

Ele parecia mais assustado do que as crianças.

Georgina balançou a cabeça e estendeu a mão, tentando instruí-los a permanecerem onde estavam.

Como se eles tivessem escolha.

Ela não tinha certeza se sua mensagem havia sido transmitida ou se eles pensavam que talvez fosse *ela quem* estava por trás de tudo isso.

Afinal de contas, como Shawn havia dito, ela era uma pária, era a que os outros chamavam de Culty e sua presença era esporádica, na melhor das hipóteses.

Georgina afastou esses pensamentos e passou rapidamente para a próxima aula, mas não olhou para dentro dessa vez.

Ela teve que subir as escadas.

Ela tinha que encontrar Martin.

Sua cabeça ainda latejava por ter sido jogada contra os armários e as luzes piscantes só pioravam a situação.

Enquanto ela continuava a se mover, Georgina não conseguia deixar de pensar que o que estava vivenciando era um filme de terror da vida real.

As luzes piscando, o silêncio total e absoluto se você descontar o som da água pingando.

Quantos filmes de terror seguiram esse roteiro? Alguém acorda em coma e se vê sozinho em um hospital abandonado - ou, neste caso, em uma escola?

E então, a reviravolta final e previsível: a pessoa nunca acordou, estava apenas revivendo uma versão distorcida do que a colocou em coma, e seu agressor é finalmente revelado.

É a mãe ou o irmão deles ou talvez um dos médicos que a tratou.

Era isso que estava acontecendo aqui?

Talvez.

Isso explicava por que a última coisa de que ela se lembrava antes da explosão era de estar do lado de fora da escola e dizer a Chase que a amava.

Por que ela fez isso?

Ela nunca fazia isso. O que tornava isso ainda mais estranho era o fato de que ela estava *irritada* com Chase por tê-la obrigado a ir à escola.

Sonho ou não, você precisa continuar se movendo, ela disse a si mesma.

Georgina acelerou o passo novamente, quase correndo quando chegou às portas que davam para o andar de cima. Encostando as costas na parede, ela olhou rapidamente pela janela e depois se afastou novamente. Uma fração de segundo de exposição, só isso. Isso não era algo que Chase tivesse lhe dito para fazer, as conversas sobre o trabalho dela raramente eram tão específicas, mas ela já tinha visto isso ser feito em filmes inúmeras vezes.

Quando seu cérebro registrou que não havia ninguém na escada, nenhum atirador, nenhum zumbi, ela repetiu a ação para confirmar.

Novamente, ela viu apenas escadas molhadas de água.

Era isso, Georgina sabia. Se ela conseguisse reunir coragem para subir, não haveria como descer. Não sem antes confrontar o atirador.

Não sem antes encontrar Martin... que estava bem, não estava? Três tiros, mas todos falharam. Durante a luta, Martin conseguiu subjugar o atirador.

Georgina enxugou as lágrimas de seus olhos.

No fundo, sabia que esse não era o caso.

Ela se decidiu, abrindo a porta e correndo para dentro.

Movendo-se o mais rápido que podia sem perder o equilíbrio, Georgina subiu as escadas. Então, como momentos antes, ela se viu olhando com olhos arregalados por outra janela.

O ar era denso no segundo andar, denso e escuro.

Ela estava entrando às cegas.

Mas ela *estava* entrando.

Em segundos, Georgina estaria de volta ao lugar onde tudo havia começado, o lugar onde ela estava sentada enquanto desenhava a imagem de Brendan Baxter, o Vampiro.

Parecia que isso tinha acontecido há anos, não há menos de uma hora.

A abertura das portas da escada fez com que parte da fumaça se dissipasse enquanto ela entrava na escada.

Georgina quase tossiu, mas se conteve no último segundo.

Isso queimou sua garganta.

Com uma respiração profunda, ela tentou canalizar Chase. Chase, que não tinha medo de nada nem de ninguém.

Chase, que havia matado Timothy Jalston e colocado o irmão dele, o pai dela, Brian, atrás das grades.

Chase, o herói.

Georgina exalou um longo jato de ar e atravessou a porta.

O banheiro que havia sido destruído pela bomba estava a uns sessenta passos de onde ela estava agora. Ela podia ver a porta, amassada como uma lata de refrigerante, encostada nos armários.

Sua intenção era se mover lentamente, preocupada com o fato de que assustar o atirador, onde quer que ele estivesse, era provavelmente a maneira mais rápida de receber uma bala.

Mas tudo isso mudou quando ela viu Martin.

O homem estava deitado de costas, com o corpo cercado por uma poça de sangue rosa pálido.

Georgina jogou toda a cautela pela janela e correu até sua amiga caída.

Capítulo 16

"Não, não posso", disse Linus, talvez pela quinquagésima vez. "Não consigo acessar as câmeras. Tudo o que consigo são telas pretas. E não posso simplesmente 'ligá-las', como você disse. Alguém as desativou completamente. Provavelmente puxou um cabo ou algo assim. Quanto às portas, talvez eu consiga abrir todas elas, mas não consigo abrir portas específicas."

O chefe Archer resmungou algo e balançou a cabeça com desgosto.

"Mantenha-os trancados", disse Stitts em um tom autoritário. "Jermaine, você disse que tem franco-atiradores no local?"

"Quatro deles."

"Ótimo. Diga a eles para manterem o foco no segundo andar. Eles não devem atirar sem minha ordem explícita. Você entendeu?"

"Entendido."

Jermaine se afastou e transmitiu a mensagem, com o mesmo entusiasmo com que ela lhe fora passada, aos seus homens usando o rádio. Ao fazer isso, Stitts se dirigiu aos que permaneciam em pé na frente do carro-patrolha da polícia de Williamsburg - o chefe Colin Archer, o policial Donovan Pekaruk, Linus, Tate e Chase.

"Sei que o protocolo diz que devemos entrar imediatamente para minimizar os danos. Mas só temos seis tiros disparados. Minha preocupação é que, se entrarmos lá agora, muitas outras balas vão voar." Ao notar que Archer estava preparando um protesto, Stitts acrescentou: "Se tivéssemos várias explosões, o som de tiros constantes, a história seria diferente. Como eu disse, acho que nosso atirador está esperando por algo. Acho que devemos deixá-lo esperar. Ele entrará em contato conosco novamente. E quando isso acontecer, quero falar com ele. Enquanto isso, Chefe Archer, tente falar com ele pelo walkie-talkie."

Archer se afastou do grupo e fez exatamente isso.

"Enquanto esperamos, precisamos descobrir quem pode ser nosso suspeito. Quanto mais soubermos sobre ele, maior será a chance de sairmos dessa sem que ninguém se machuque."

Chase olhou para a fumaça preta que saía do WCI.

Sem que ninguém mais se machuque, pensou ela com tristeza.

"Alguma ideia de como restringir a busca?" perguntou Linus. "A WCI é uma escola grande."

Stitts fez aquela coisa que ele fazia, olhando para um lado por um momento, e então começou a falar.

"No momento, enfrentamos dois tipos de ameaças: uma ameaça direta e uma ameaça condicional. Precisamos migrar o atirador da primeira para a segunda e trabalhar a partir daí. Há quatro elementos principais que precisamos entender: a personalidade do atirador, sua

dinâmica familiar, a dinâmica da escola - relacionamentos com outros alunos e professores - e a dinâmica social. Apesar do que o guarda de segurança disse, podemos estar diante de vários atiradores. A motivação do suspeito", Stitts fez uma pausa e eles ouviram Archer tentar, sem sucesso, fazer com que alguém atendesse ao walkie-talkie, "é mais provável que ele busque vingança contra um aluno ou professor em particular. Esse é seu principal objetivo. Se alguém entrar em seu caminho, ele se torna um alvo secundário."

Isso fez Chase pensar em Georgina, teimosa e cabeça dura.

Ela não tentaria fazer nada, não é? Fazer qualquer coisa para se tornar um alvo secundário, como disse Stitts?

Não havia como saber.

"Nosso suspeito provavelmente é alguém com uma personalidade distante, o que se refletirá em um histórico de frequência ruim. Eles também costumam ter pais ausentes ou extremamente ocupados. Traumas significativos do passado são outra característica predominante dos atiradores de escola."

Enquanto Stitts falava, Linus começou a acessar os registros escolares, com os dedos completamente borrados no pequeno teclado do laptop.

O suspeito tem uma personalidade distante e pais ocupados... com um histórico de trauma anterior.

Um pensamento terrível começou a surgir na mente de Chase, mas ela se recusou a permitir que ele tomasse conta.

Todos os olhares se voltaram para Archer quando um rádio de repente chiou, mas o homem de bigode branco apenas deu de ombros. Não era o rádio dele, mas o de Jermain. O agente da SWAT latiu algo em resposta e depois se aproximou.

"Temos movimento no segundo andar", ele informou, com a boca em uma linha fina.

Os olhos de Chase se voltaram para as janelas. Ela *pensou* ter visto uma sombra escura passar por uma delas antes, mas não tinha certeza.

"Pessoa solteira, mulher".

"Observe, não atire", advertiu Stitts severamente.

Jermaine fez um grunhido afirmativo.

"Chase?" A voz de Linus tinha um tom estranho, o que era preocupante o suficiente para desviar o olhar dela da escola.

"O que é isso?"

O homem estava olhando para ela com seus olhos escuros, com os cantos internos ligeiramente levantados.

"Você pode vir aqui um segundo, por favor?"

Chase ignorou os olhares de seus colegas enquanto se aproximava.

"Sim?", disse ela suavemente.

Linus não respondeu, apenas se afastou do laptop. Nele, Chase viu

uma lista de nomes de alunos.

O primeiro era Trevor Clavin, o segundo, Mia Cross. Havia seis nomes no total, mas ela não leu todos.

Ela parou no terceiro nome.

Georgina Adams.

"Que porra é essa?" Chase deixou escapar, lançando um olhar acusador para Linus.

"Eu só procurei alunos que se encaixassem no perfil de Stitts", disse ele, na defensiva.

"É um erro", disse Chase, balançando a cabeça.

"Não é um erro", disse Linus. "O registro de frequência de Georgina é ruim e, mesmo nos dias em que ela vai à escola, ela falta a várias aulas. Além disso, ela tem um... histórico. A única aula que ela parece assistir regularmente é a de programação de computadores. E considerando que alguém invadiu as portas e as câmeras, acho que..."

"De que diabos você está falando, Linus?"

O homem levantou as mãos na frente dele.

"Eu apenas o perfil. Não acho que ela..."

"Tire o nome dela da lista."

"I-"

"O que está acontecendo?" exigiu o chefe Archer, caminhando em direção a eles.

"Nada", disse Chase.

O chefe Archer a ignorou e, em vez disso, concentrou sua atenção no laptop.

Chase entrou em sua linha de visão, bloqueando sua visão.

"Não é nada", ela reiterou.

Em que diabos Linus estava pensando ao colocar o nome de Georgina naquela lista? Será que ele perdeu a cabeça?

"A mulher do segundo andar tem cabelo laranja brilhante", declarou Jermaine em voz alta. "Agente Stitts, diga-me o que quer que eu diga aos atiradores".

Capítulo 17

Martin não estava morto. Ele estava quase morto, mas seus olhos estavam abertos e suas pálpebras se contraíam levemente enquanto ele olhava fixamente para o teto.

Esquecendo-se do fato de que havia um atirador ativo na escola, Georgina se ajoelhou e colocou a mão atrás da cabeça de Martin, levantando-a um pouco.

Martin tossiu, manchando o queixo com sangue.

"G", disse ele, com os olhos voltados para ela.

"Vai ficar tudo bem, Martin." Georgina enxugou as lágrimas do rosto com a mão livre.

Martin tossiu novamente e, dessa vez, ela ouviu um som estranho vindo do peito do homem. Era como uma cachoeira em miniatura.

Georgina baixou os olhos e ofegou.

Havia três buracos de bala na parte superior do tronco de Martin e todos eles exalavam uma estranha espuma rosa.

Seus pulmões haviam sido perfurados.

Martin estava vivo agora, mas não por muito tempo.

"Droga", ela xingou, olhando para o céu enquanto as lágrimas continuavam a rolar pelo seu rosto.

Não havia nada que ela pudesse fazer por ele - nada que alguém pudesse fazer por ele a essa altura. Mesmo que a polícia invadissem o local agora, não havia tempo suficiente para salvar Martin, uma das poucas pessoas da escola que era realmente legal com ela.

Ele ia morrer.

E por quê?

Por quê?

Por quê?

Martin gemeu ao estender a mão esquerda. O primeiro pensamento de Georgina foi que ele estava tentando alcançar e agarrar um de seus ombros, mas então ele estendeu um único dedo.

Ele estava apontando.

Ele estava apontando para um walkie-talkie que estava no chão a cerca de um metro deles.

E então o braço de Martin ficou mole.

Seu olhar se voltou para o homem caído.

"Martin?", disse ela desesperadamente. "Martin?"

Mas ele se foi - seus olhos estavam completamente abertos agora, sua mandíbula estava frouxa.

Não há mais sons de cachoeira.

Georgina começou a soluçar incontrolavelmente.

"Não, por favor... *por favor...*"

Ela estava tremendo tanto que os nós dos dedos sob a cabeça de

Martin estavam batendo contra o piso duro.

"Por favor... *por favor!*"

Georgina tinha quinze anos de idade.

Quinze.

E ela estava segurando a cabeça de um guarda de segurança morto no segundo andar de sua prestigiada escola particular de ensino médio.

Foi terrível.

Incompreensível.

Esmagadora.

Levante-se, Georgina. Levante-se!

Chase - era a voz de Chase em sua cabeça.

"Não quero me levantar. Onde você está, Chase? Onde diabos você está?"

Georgina, levante-se!

Talvez tenha sido o tom de sua tia. Talvez fosse a constatação de que, se ela ficasse aqui por mais tempo, sabia que a tração se instalaria e ela permaneceria nesse mesmo lugar até que a polícia arrombasse as portas ou alguém atirasse nela.

Georgina abaixou lentamente a cabeça de Martin até o chão. Ela tentou fechar os olhos dele com um leve toque nas pálpebras, como já tinha visto outros fazerem em filmes inúmeras vezes, mas eles permaneceram abertos e fixos.

"Foda-se."

Georgina desviou o olhar do homem e correu pelo chão, encharcando as pernas nuas e a batinha da saia. Ela pegou o walkie-talkie e correu para os armários, pressionando as costas contra eles.

Foi preciso um esforço hercúleo para não olhar para Martin novamente.

O dispositivo de plástico estava molhado e ela o sacudiu. A água jorrou da grelha e ela a limpou em uma parte seca da camisa.

Por favor, trabalhe.

Ela clicou no botão grande ao lado.

Não aconteceu nada.

Nenhum clique, nenhuma explosão de estática. A luz indicadora vermelha próxima à parte superior permaneceu escura.

Georgina sacudiu o walkie-talkie novamente, com mais força dessa vez. Em seguida, ela o bateu na palma da mão.

Apenas... porra... trabalhe!

Georgina clicou no botão.

"Alô?"

Ainda nada.

Sentindo sua frustração transbordar, Georgina bateu com a parte inferior do dispositivo portátil no chão. A caixa de plástico rachou e

mais água saiu.

Dessa vez, quando ela pressionou o botão, um grito estridente saiu do pequeno alto-falante.

Georgina deu um pulo.

E então ela esperou, seus olhos examinando o corredor cheio de fumaça, ainda incapaz de se aproximar do corpo de Martin.

Ela não viu e não ouviu nada.

À beira de uma hiperventilação, Georgina levou o alto-falante aos lábios.

"Alô?", ela sussurrou. "Alô? Tem alguém aí?"

Ela soltou o botão. Quando não houve resposta, ela o pressionou novamente.

"Alguém? Por favor?", ela choramingou. "Chase? Você está aí? Tem *alguém* aí?"

Capítulo 18

"Abaixe-se", gritou Chase, sua voz quase estridente. "Abaixe a cabeça, *porra!*"

"Que diabos está acontecendo?" exigiu o agente Jermaine. "Quem está dando as ordens aqui?"

Chase avançou, com a intenção de agarrar o homem pela frente da camisa e sacudi-lo, mas Tate se interpôs no caminho e a impediu. Seu parceiro, sua noiva, passou um braço grosso em volta de sua cintura e a segurou. Ela tentou se libertar, mas ele era forte demais para ela.

"Estou", disse Stitts, indo em seu auxílio. "Agente Reed, se um único tiro for disparado por qualquer um de seus homens, eu o responsabilizarei pessoalmente. E não estou falando apenas do seu trabalho aqui, vou me certificar de que você seja acusada de todos os crimes que eu possa imaginar. Você entendeu?"

Jermaine, que não havia feito nada de errado até aquele momento - ele só havia pedido instruções - parecia chocado.

"Cabelo laranja? Você disse algo sobre a garota Georgina ter cabelo laranja, não disse?" perguntou o Chefe Archer, percebendo que havia algo mais profundo em jogo aqui.

Algo pessoal.

"É a sobrinha do agente Adams", disse Tate, com o hálito quente na orelha dela.

Lá estava ele, o gato fora do saco proverbial.

E o felino estava mesmo irritado.

"Há algo errado com o perfil", exclamou Chase, redobrando seus esforços para se libertar. "Está muito errado, Stitts. *Errado.*"

"Espere um minuto, sua sobrinha está dentro da escola?" Havia algo diferente no tom de Archer agora.

Chase demorou um pouco para descobrir o que era.

O homem estava procurando um motivo para assumir o caso.

E se Georgina estivesse nessa lista e os atiradores tivessem um tiro certo...

"Vá se foder", cuspiu Chase. "O perfil está errado."

"É apenas um perfil, Chase", disse Stitts, tentando acalmar seus temores. "Não é uma indicação de culpa."

"Culpa?" Chase se ressentiu instantaneamente da escolha de palavras do homem. "A única coisa de que Georgina é culpada é de frequentar uma escola que está sendo alvejada por um maníaco!"

"Eu sei, eu sei", disse Stitts. Ele se virou para Jermaine. "Não atire."

"Só estou lhe contando o que meus homens viram."

"Diga a eles que, neste momento, eles *não devem* tomar o tiro. *Qualquer* tiro".

O agente da SWAT Jermaine Reed gostava de receber ordens tanto

quanto o chefe Archer, ou seja, não gostava nem um pouco. Mas ele obedeceu.

Suas ordens para seus homens eram autoritárias, inequívocas até o limite.

"Satisfeito?" disse Jermaine, a contragosto, depois de desligar o rádio.

"Não, eu não estou satisfeito", disse Chase. "Eu não vou ficar..."

"Vocês", Archer indicou os quatro agentes do FBI, "precisam se recusar a participar".

"Não está acontecendo, amigo", disse Tate. Chase tinha quase certeza de que, se não estivesse se esforçando para mantê-la afastada, ele teria batido no chefe de polícia.

Ela se acalmou, meio que esperando que Tate fizesse exatamente isso e tirasse aquela expressão presunçosa do rosto do homem.

Arranque seus malditos dentes.

Georgina se encaixa no perfil?

Que se dane isso.

"Não estamos nos recusando", disse Stitts, de alguma forma conseguindo manter a calma. "Vocês são da polícia de Williamsburg, certo?" Ele não esperou por uma resposta. "Bem, eu tenho uma linha direta com o prefeito de Williamsburg, Brian Dunn. Se quiser usar a carta de recusa, você será substituído em uma hora. Sua escolha."

Parecia que Archer ia se arriscar, chamar o blefe de Stitts, se é que era blefe, mas acabou recuando.

"Isso vai constar em meu relatório."

"Tudo bem. Não me importo com relatórios. Eu me importo com os resultados. Eu me importo em manter essas crianças seguras."

Quando a poeira baixou, Chase finalmente relaxou. Dessa vez, de verdade.

Tate a soltou, mas ela percebeu que ele estava pronto para agarrá-la novamente se ela tentasse alguma coisa.

"Acho que estamos vendo tudo errado", disse Linus.

"Como assim?" perguntou o policial Pekaruk, que até então havia conseguido ficar fora da política.

"O que quero dizer é que todos nós sabemos que Georgina não é suspeita aqui. Ela é uma aliada. Temos alguém infiltrado."

Outra pessoa, pensou Chase com tristeza. A última pessoa que tínhamos lá dentro está morta.

"Só que não podemos entrar em contato com ela", disse Chase. Quando ela soube que a WCI tinha uma política rígida de proibição de telefones celulares na escola e que todos os alunos eram obrigados a entregar seus telefones na entrada, ela achou isso uma coisa boa.

Chase nunca considerou que, se houvesse perigo, perigo *real* na escola, essa política se mostraria problemática.

E isso a incomodava.

Ela deveria ter dado a Georgina outro telefone, um que a garota pudesse esconder em seu armário, um que só pudesse ser usado em caso de emergência.

Todos os dias de sua vida adulta, Chase caçava criminosos. Os seres humanos mais vis que a sociedade tinha a oferecer.

A avaliação de perigos era uma parte importante não apenas de seu trabalho, mas de sua *vida*.

E ela havia pensado na possibilidade de um atirador ativo na escola?

Nenhuma vez.

Isso é culpa minha. Eu deveria ter deixado que ela ficasse em casa.

"Linus, você disse que todas as portas da escola estão trancadas - isso inclui onde eles guardam os celulares?" perguntou Stitts.

"Não sei onde eles guardam os celulares", admitiu Linus. "Mas sim, todas as portas estão trancadas, exceto a do refeitório e a do ginásio, que, de acordo com o esquema, não têm fechaduras digitais. Duvido que eles os mantenham lá."

"Porra, ok - quem são os outros alunos que se encaixam no perfil?"

Linus chamou os nomes, felizmente pulando o de Georgina.

A cada uma delas, Stitts acenava com a cabeça, e Chase sabia que o diretor estava fazendo anotações mentais sobre todas elas.

"Alguém reconhece seus nomes?" perguntou Stitts, mas ele estava apenas matando o tempo, tentando pensar. Sua pergunta foi respondida com balanços de cabeça unânimes.

"Dos cinco nomes que você identificou", mais uma vez, ele omitiu o de Georgina, "algum deles está na mesma classe? Seus dias de ausência estão relacionados?"

Linus rapidamente cruzou essas informações.

"Sim, Mia Cross e John Schaffer. Mesma série, na maioria dos dias perdemos a fila."

Stitts acenou com a cabeça.

"O atendimento foi concluído hoje?"

Linus consultou os registros da escola.

"O professor da sala de aula da Mia e do John não teve a chance de registrar a presença digitalmente antes do bloqueio."

"Ok, bem, vamos..."

"Agentes?"

A palavra veio do nada, e Chase levou um momento para localizar a fonte.

Era o celular do Linus.

Linus se esforçou para pegá-lo.

O diretor Prentiss ainda estava na linha - eles haviam se esquecido dele.

"Sim?"

"Eu ouvi sua conversa e, bem, Mia e John tiveram um... Quero dizer, há rumores sobre eles. Eles..."

"Apenas cuspa", disse Chase.

"Certo. Bem, são apenas rumores, mas as crianças estavam falando no ano passado que John engravidou Mia e que eles fizeram um aborto. As coisas... saíram do controle. A WCI tem uma regra de tolerância zero para bullying e suspendemos três alunos por seu envolvimento. Eu - eu - a *equipe* da WCI também suspendeu a Mia e o John".

Os olhos de Chase se arregalaram.

Isso não pode estar acontecendo.

"Você viu algum deles na escola hoje?" perguntou Stitts.

"Não... estou preso aqui. Ainda não fiz minha ronda."

Simplesmente fantástico.

"Certo, Linus, pegue o telefone e ligue para os pais da Mia e do John. Veja se eles estão em casa hoje."

Linus assentiu, disse a Prentiss para ficar ao lado do telefone, caso eles ligassem de volta, e começou a entrar em contato com os pais dos alunos.

O policial Pekaruk falou de repente.

"Há algo que não faz sentido aqui."

"O que você quer dizer com isso?" disse Tate.

"Bem, quem desativou as câmeras devia saber que, após a explosão, a escola entraria em isolamento. Como eles podem ser inteligentes o suficiente para cortar a transmissão de vídeo e não conseguir destrancar as salas de aula?"

As palavras do homem pairavam no ar e permaneciam ali como um mau cheiro.

Não, isso não faz sentido, concluiu Chase.

"E se eles não quiserem que os alunos saiam?" disse Pekaruk, respondendo à sua própria pergunta.

"O que você quer dizer com isso?" Tate exigiu. "Ele disse para abrir as portas."

"Pode ser um estratagema", ofereceu Pekaruk. "Ele precisa saber que não vamos fazer isso."

"Não estou entendendo."

Pekaruk ficou desconfortável.

"Bem, você se lembra do 11 de setembro?"

"É claro."

"Embora ninguém saiba ao certo, os sequestradores provavelmente disseram a todos os passageiros que, se ficassem calmos, pousariam o avião e todos estariam seguros. Que eles só estavam envolvidos nisso por dinheiro. Eles precisavam que todos permanecessem

complacentes."

Chase percebeu.

"Certo, mas se alguém sequestrasse um avião hoje e tentasse fazer isso", disse ela, "alguns dos passageiros fariam justiça com as próprias mãos."

Pekaruk acenou com a cabeça.

"Exatamente. E se o atirador não quiser que os outros alunos corram por aí, correndo o risco de serem atacados? Um ou dois deles, trezentos e tantos outros. Claro, eles podem conseguir eliminar alguns deles, mas como você", o policial indicou Linus, que ainda estava ao telefone, "mencionou, é uma escola grande. Muitas crianças. E, além da explosão, só podemos confirmar que eles têm uma pistola. Eu não gostaria de ter essas chances".

Chase estremeceu com a escolha de palavras do homem.

"Então, por que eles estão fazendo isso? A explosão... não foi grande o suficiente para destruir a escola, nem de perto."

"Você acha que foi apenas uma distração?" perguntou Tate.

"Sim, talvez. Só não sei por que ou com que objetivo", disse Pekaruk.

Nenhum deles tinha uma resposta para isso.

Nos quase cem casos em que Chase esteve envolvido, havia um ponto em comum em todos eles: não se pode aplicar a lógica a atos ilógicos.

A razão não funcionou com os irracionais.

"Pessoal?" disse Linus. "Não consegui falar com os pais do John, mas a mãe da Mia disse que a filha saiu para a escola hoje de manhã."

Chase não sabia se isso era bom ou ruim.

Uma van subiu a estrada em direção a eles, e seu primeiro pensamento foi que *aquele* era o verdadeiro ataque. Que eles estavam certos, que a explosão era apenas uma distração, que os alunos não eram o alvo, mas que *eles* eram.

Os primeiros socorristas.

Jermaine deve ter tido o mesmo pensamento, pois começou a dar ordens aos seus homens, que se moveram rapidamente para interceptar o veículo antes que ele se aproximasse.

Chase observou enquanto policiais da SWAT, fortemente blindados, arrancavam duas pessoas do caminhão.

Alguns segundos depois, Jermaine disse, com um toque de alívio na voz: "É apenas uma maldita van de notícias".

Chase exalou ruidosamente.

"Bom, então..."

Ela foi interrompida quando o rádio na mão do chefe Archer ganhou vida.

"Alguém? Por favor?" Uma voz familiar disse, e o sangue de Chase

se transformou em gelo em suas veias. "Chase? Você está aí? Tem *alguém* aí?"

Capítulo 19

Com a mão trêmula, Georgina olhou para o walkie-talkie como se ele pudesse criar asas e voar para longe.

Mas ele não fez nada. Era apenas um pedaço de plástico molhado e quebrado.

Isso não iria ajudá-la.

Nada e ninguém era.

Agora era só ela.

Lembre-se, Georgina, se você ficar sentada esperando que alguém a salve, essa pessoa nunca o fará. Você precisa ser proativa.

"Georgina? Georgina, é você?"

Ela ficou tão assustada com o som que saía do walkie-talkie que quase o deixou cair.

Sua respiração ficou presa.

Não poderia ser o Chase, não é mesmo?

"Georgina?"

E foi.

O ar saiu de seus pulmões e, mais uma vez, ela pensou que aquilo era apenas um pesadelo horrível.

"Ch-Chase? É mesmo você? Estou com medo."

"Sim, sim, sou eu. Onde você está? Está no refeitório?"

A voz de Chase era uma mistura de alívio e desespero. A primeira, Georgina conhecia bem.

O segundo, nem tanto.

"Não, Martin...", sua voz ficou embargada. "O segurança me disse para ficar na cafeteria, me deixou no comando, mas eu não consegui. Eu me lembro do que você disse, como não deveríamos esperar por ajuda... que quando a ajuda chega, já é tarde demais. Então, eu fui embora. Estou... estou tentando parar com isso. Chase, eu não sei o que fazer."

Ao mencionar Martin, Georgina não resistiu a olhar para o homem.

Havia uma quietude estranha no segurança, uma quietude que era estranha, *errada*.

Durante três segundos, Chase não disse nada, e Georgina ficou preocupada que o walkie-talkie tivesse quebrado, que a água tivesse finalmente provocado um curto-circuito no que quer que fosse que fazia a maldita coisa funcionar.

Mas então sua tia disse: "Você precisa voltar. Você *tem* que voltar. Que se dane o que eu disse, volte para a cafeteria. Você não precisa parar com isso. Eu vou parar. Georgie, volte para lá. Por favor."

Georgina soluçou.

"Eu vi... eu vi alguém armando a bomba, mas não consigo... eu bati a cabeça e não consigo me lembrar. Eles tinham mochilas e - e a

explosão! A explosão foi tão alta. *Ohhh*, então havia alguém... eles estavam, oh Deus, eles estavam tão *queimados*."

Uma voz, que ela não reconheceu, veio do alto-falante danificado no segundo em que seu dedo saiu do botão.

"Você viu que tipo de armas eles tinham?"

Georgina fechou os olhos. O zumbi apareceu e ela sentiu seu coração bater mais forte.

Seus rostos pareciam marshmallows queimados.

"Eu não... eu não vi nenhuma arma. Mas eles tinham mochilas. Chase, por favor, *me ajude*."

"Eu vou. Eu prometo. Apenas volte, Georgina. Volte para a cafeteria."

Era tão bom ouvir a voz de sua tia que Georgina, mesmo sabendo que as palavras não a incomodavam, sentou-se no chão molhado.

Não está se movendo.

"Eu vou. Por favor. Rápido."

"Estamos tentando. Fique fora de vista. Esconda-se na cafeteria com os outros. Traga o walkie-talkie."

Georgina finalmente começou a se mobilizar, usando os armários para se levantar.

"Está bem. Está bem, eu amo você, Chase. I-"

"Abaixe o walkie-talkie. *Agora*."

Georgina ofegou e o dispositivo caiu de sua mão. Ela imediatamente tentou pegá-lo, mas parou quando levantou os olhos e se viu olhando para o cano de uma arma.

"*Não faça isso*."

"Georgina? *Georgina*?" Chase clicou rapidamente no botão, repetindo o tempo todo o nome da sobrinha.

Ela tinha ouvido, *todos* eles tinham ouvido.

Abaixe o walkie-talkie. Agora.

Uma voz masculina, um garoto segurando uma arma, sem dúvida. A mesma pessoa que havia ordenado que eles abrissem as portas da sala de aula.

Um assassino.

Um assassino *de merda*

Os olhos de Chase encontraram os de Stitts.

"Stitts, por favor", ela implorou. "Não me importo com protocolos, não dou a mínima para perfis. Temos que entrar lá agora. *Por favor*."

Ao longo de sua vida, Chase atingiu o que considerava ser o fundo do poço em várias ocasiões. Uma vez, literalmente, ela ficou deitada no fundo de uma pedreira, de cueca, agarrada à vida, tão drogada com heroína que completou uma existência imaginária inteira em apenas

algumas horas.

Ela foi sequestrada quando criança e se prostituiu para conseguir um emprego.

Mas *nunca* - nunca - ela havia se sentido tão desamparada como agora.

"Stitts?"

"Devo - devo abrir as portas?" perguntou Linus. A voz dele era estridente, como se estivesse vindo de um alto-falante com um tweeter queimado.

"Abram todas as portas que temos para entrar", disse Chase.

"Espere só um segundo", disse o Chefe Archer, estufando o peito.

"Não podemos..."

Que se dane.

Ela não podia mais "aguentar".

Chase sacou sua arma e correu em direção à escola. Ela passou pelos homens de Jermaine que estavam junto ao muro de pedra. Um deles tentou agarrá-la, mas ela se esquivou.

Alguém gritou - muitas pessoas gritaram.

Ela continuou.

Chase alcançou as portas e as puxou.

E puxou, puxou e puxou.

"O que eu faço? Abro as portas? Será que eu..."

Stitts interrompeu Linus.

"Não, não abra as portas. Se você abrir essas portas, Linus, mais pessoas morrerão. *Crianças.*"

Apesar da ordem, Tate viu a mão de Linus se aproximar cada vez mais do laptop.

Não faça isso, Tate tentou enviar essa mensagem telepaticamente. *Não faça isso.*

Ele amava Georgina. Amava a garota como se fosse sua própria filha.

Mas eles não podiam arriscar a vida de todos esses alunos.

Nem para ela, nem para ninguém.

Sua mente se voltou para Rachel e a briga que tiveram no restaurante. Ele pensou em como tinha sido um idiota. Um clichê absoluto de um pai.

E por quê?

Porque ela estava namorando um homem um pouco mais velho do que ela?

A vida era estranha assim. No momento, as coisas sempre pareciam muito mais importantes do que realmente eram.

No fim das contas, a única coisa que realmente importava eram os

laços criados com seus entes queridos.

Tate sentiu que a parede que havia construído em sua mente, aquela que seu parceiro Con Striker o havia ajudado a erguer todos aqueles anos atrás - antes do acidente de Robin, antes mesmo de pegar o Sandman - começava a desmoronar.

Seus olhos se encheram de desespero quando ele os apontou para Stitts. Ele queria dizer algo, mas, no final, não precisava.

"Faça isso", Stitts instruiu Jermaine. "Diga a seus homens para arrombar essa maldita porta." Quando Jermaine entrou no rádio, Stitts agarrou o braço de Tate. "Traga-a de volta, Tate. Traga Chase de volta. Ela não pode entrar ali. Não me importa o que você tenha de fazer, traga-a *de volta*."

Capítulo 20

Essa não era a primeira vez que Georgina via uma arma. Afinal, sua tia era uma agente do FBI.

Mas essa foi a primeira vez que alguém realmente apontou uma para ela. Era prateada, quase comicamente grande na mão pequena do garoto - um garoto que definitivamente não era Mia ou John, foda-se Shawn - e ele parecia estar tendo dificuldades para segurá-la com firmeza.

"Você não deveria ter feito isso", reclamou o garoto. Ele estava com um capuz escuro sobre a cabeça, cobrindo seu rosto com sombras. "Por que eles simplesmente não abrem as portas?" A saliva voou por entre seus dentes cerrados. "Isso é uma merda... uma merda *mesmo*."

Georgina tentou, sem sucesso, forçar o nó em sua garganta a descer.

"Por favor, abaixe a arma".

O garoto levou as duas mãos às laterais da cabeça.

"Isso tudo é muito *foda*", sussurrou ele, com os dentes ainda cerrados.

Georgina se sentiu relaxar um pouco, pois o cano da pistola agora estava apontado para o teto em vez de para o peito.

Mais uma vez, seus olhos se voltaram para o walkie-talkie.

Devo ir atrás dele? Devo agarrá-la?

Agora era sua chance, talvez sua única chance, e ela lentamente estendeu a mão.

O rapaz percebeu seus movimentos e imediatamente apontou a arma para ela novamente.

"Não faça isso! Não faça *isso*!"

Sua mão estava tremendo muito, e Georgina imediatamente se afastou.

"Eu não queria atirar nele. Não queria, eu juro. Ele veio até mim e ela simplesmente... disparou. Que droga. Droga!"

Georgina levou um momento para perceber de quem ele estava falando.

Martin.

Ele estava se referindo a Martin, Martin simpático, Martin gentil.

Martin *morto*.

O garoto virou a cabeça para o cadáver aos pés de Georgina e, ao fazer isso, ela finalmente viu bem o rosto dele, os olhos vermelhos, a pele pálida.

E então tudo voltou à tona.

Mia e John entrando no banheiro, jogando o menino fora - esse *menino*.

Georgina o confortou.

A estranha maneira como a mente dela parecia se fechar quando ela tocava a mão dele.

A mão que agora segurava a arma que havia matado Martin.

A explosão.

O zumbi com a carne queimada.

Um suspiro escapou dos lábios dela, chamando a atenção dele de volta para ela.

"Eu não quis dizer isso. Você precisa acreditar em mim."

Georgina ficou paralisada.

Você atirou nele por acidente? Três vezes?

Ela afastou esse pensamento de sua mente.

Concentre-se. Mantenha-o falando. Não discuta. Faça perguntas.

Georgina disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça, permitindo que instintos que ela não sabia que tinha assumissem o controle.

"Por que você está fazendo isso?"

O garoto ficou com uma expressão distante nos olhos. Ele respirou fundo e estremeceu e então disse: "Você não sabe o que eles fizeram comigo". Sua voz ficou trêmula. "Você não sabe as coisas que eles disseram, as coisas que eles *fizeram*."

Georgina tentou não olhar para a arma, que passou de seu peito para sua garganta.

Às vezes, até um pouco mais alto.

Seu primeiro pensamento foi perguntar a ele o que eles disseram, o que fizeram, mas ela tinha medo de que, ao fazer isso, ao fazê-lo reviver a tortura que havia sofrido nas mãos de idiotas como Brendan, Shawn e todos os outros, isso pudesse enfurecê-lo.

Ela estava em uma encruzilhada. Ganhar tempo era o objetivo final - tempo que Chase poderia usar para entrar na escola.

Mas se ela conseguisse convencê-lo a entregar a arma?

Esse seria o melhor cenário possível.

Mas como? *Como?*

A dúvida começou a se infiltrar, quebrando sua determinação.

Não estrague tudo, Culty. Se estragar tudo, ele ficará ainda mais furioso e matará todos nós. E a culpa será sua.

"Eu...", gaguejou ela.

"Eles disseram as coisas que *ele* costumava dizer antes de me bater". Lágrimas corriam pelas bochechas do menino agora. "Antes de bater nela."

Georgina não tinha ideia de quem o rapaz estava falando, mas isso não importava.

A única coisa que importava era fazer com que ele entregasse a arma.

A questão era como fazer com que ele fizesse isso.

Demonstrar compaixão? Compreensão? Apelar para o bom senso

dele?

Será que ele tem bom senso?

Um homem que chega à escola com uma arma tem apenas um objetivo.

Georgina olhou para o cadáver de Martin.

Isso é o que *ele* teria feito. Martin, o homem mais simpático da escola, uma das poucas pessoas que ela achava que realmente se importava com os alunos, teria seguido o caminho da compaixão.

E ele acabou morto - acidentalmente ou não. Alguma coisa que Martin havia dito ou feito havia provocado o garoto.

Não, tentar argumentar com esse garoto armado não ia funcionar.

Isso deixou apenas uma outra opção.

E foi fácil para Georgina simplesmente deixar sua raiva intensa borbulhar e transbordar.

"Eu não sei?", ela acusou. O tom dela assustou o garoto, e ele deu um pequeno passo para trás. "*Eu não sei o que é sofrer bullying?*"

"O quê?"

Georgina se arriscou e se levantou. Se o garoto atirasse nela agora, que fosse. Ela estava comprometida. Ela estava *fazendo* alguma coisa.

"Você sabe como eles me chamam?" Georgina não deu a ele a chance de responder. E, como na cafeteria, quando ela confrontou Shawn, as palavras saíram com pressa. "*Culty*. Eles me chamam de *Culty* desde que aquele imbecil do Brendan deu em cima de mim e eu recusei - ele achava que era tudo por causa dele, é claro. Mas o fato é que eu nem gosto de garotos. Mas quer saber por que me chamam de *Culty*? É porque minha mãe foi sequestrada quando criança, estuprada e doutrinada. Um dos homens que a levou é meu pai".

O rosto do garoto mudou quando a mãe foi mencionada, e isso estimulou Georgina a continuar.

"Todas as manhãs, todas as manhãs em que acordo, tudo o que quero fazer é ficar na cama. Porque toda vez que eles me chamam dessa palavra nojenta, um cruzamento entre uma puta e um culto, eu penso na minha mãe. Minha mãe que está morta agora - ela foi assassinada. E isso me dá vontade de *machucá-los*. Pessoas como Brendan Baxter, que só pensam em si mesmas. Então, quando você fica aí balançando a porra da sua arma e me diz que eu não sei como você se sente, eu digo que é besteira. *Besteira*. Eu sei exatamente como você se sente."

As sobranceiras do rapaz se ergueram.

"Eu não sabia. Minha mãe..."

"Pode ter certeza, você não sabia, ninguém sabe - porque ninguém perguntou. Ninguém *nunca* pergunta."

"Mas..." O garoto baixou os olhos para a arma, e Georgina viu que seu controle sobre a arma havia se afrouxado um pouco. "Mas ele

disse que essa era a única maneira, que essa era a única maneira de fazer com que eles aprendessem."

"Quem foi? A Mia? John?" perguntou Georgina.

As sobrançelas erguidas do rapaz agora se tornaram tricotadas.

"Mia e John?"

Como se estivesse sendo convocado, uma figura apareceu atrás do garoto.

Não era a Mia e o John, apenas o primeiro.

Georgina podia ver isso agora.

Seu rosto estava horivelmente queimado e a maior parte de seu cabelo havia desaparecido. Seu olho esquerdo estava faltando. *Faltando.*

A caminhada de Mia era algo saído de um filme. Um passo, um arrasto, uma quase queda que desafiava a gravidade.

Enxágue.

Repetir.

Mia gemeu e o garoto se virou.

"Pare!", ele ordenou. "Não se mova."

O sangue cobriu as duas orelhas da garota.

Mia não podia ouvi-lo. Mesmo que pudesse, Georgina duvidava que ela tivesse as faculdades necessárias para obedecer.

Ela apenas... cambaleou.

"Não faça isso."

Georgina sabia que tinha que fazer alguma coisa.

Atacá-lo?

Não, provavelmente não. Ela era maior do que o garoto, mas não queria correr o risco de a arma disparar.

Em vez disso, ela se aproximou silenciosamente dele.

"Você não precisa fazer isso", disse ela em um tom abafado.

Os lábios do rapaz tremeram enquanto ele olhava de Georgina para Mia.

"Eu, eu, ele disse, ele disse que..."

"Você não precisa", repetiu Georgina.

"Eu não queria atirar nele! Não queria! Eu só queria que ele abrisse as portas!"

Georgina não pegou a arma, embora tivesse certeza de que poderia ter conseguido.

Não havia necessidade.

O garoto já estava quebrado e bastava um último ato para fazê-lo desmornar completamente.

Georgina gentilmente colocou a palma da mão em cima da mão dele que segurava a arma e forçou sua mira para o chão.

Pelo menos, esse era o plano dela. Mas assim que a pele de Georgina entrou em contato com a dele, sua mente girou e ela foi

transportada para um lugar muito distante.

Escuridão. Escuridão total.

Pervasivo.

Não era como fechar os olhos, era mais como a ausência total de luz.

Sem sol, sem estrelas.

Nada.

Mas havia dor.

Dor intensa.

Só o fato de acordar já era uma agonia.

O sono era a única coisa que fazia o problema desaparecer.

Ele desliga o cérebro e faz com que as dores e câibras que assolavam seus músculos desapareçam.

Mas o sono era um bicho esquivo.

Uma luz apareceu, como se alguém estivesse segurando um isqueiro no vácuo do espaço.

Não deveria funcionar, mas funcionou.

E então veio a voz.

"Você pode sofrer sozinho ou pode fazê-los sofrer. Você pode se vingar de tudo o que eles fizeram com você."

Não foi uma sugestão, mas uma resposta.

A resposta.

A luz brilhava cada vez mais forte até que queimou.

E então apareceu outra forma.

Uma arma.

Vingança. Era hora da vingança.

Capítulo 21

Chase não conseguiu nada ao puxar as maçanetas das portas. Mas isso não a impediu de tentar.

"Vamos lá! Vamos *lá!*"

Ela só parou quando ouviu um movimento rápido atrás de si.

Pensando que fosse Tate, Archer ou qualquer outra pessoa que viesse arrastá-la de volta para trás da parede, Chase se levantou.

Não era nenhum deles, era a equipe da SWAT. E eles se moviam com propósito.

Chase mal conseguiu sair do caminho antes que eles a derrubassem. A equipe era como uma máquina bem lubrificada e, em segundos - apenas *segundos* -, *eles* formaram uma parede de escudos e um homem enorme com antebraços mais grossos do que as pernas dela começou a bater com um aríete nas portas pesadas.

O barulho que o dispositivo cilíndrico fazia - com um adesivo emoji de bala sorridente na extremidade - era ensurdecedor.

Mas as travas resistiram.

"De novo!", alguém ordenou.

Bam.

A porta se inclinou para dentro, mas ainda não se abriu.

Outra pessoa estava chegando agora. Tate estava correndo em direção a eles.

Chase queria dizer a ele para voltar atrás - ao contrário da equipe da SWAT, ele não usava capacete, não tinha escudo nem armadura corporal - mas o olhar que ele tinha no rosto era de pura determinação.

Ela reconheceu a expressão como uma que já havia visto em seu rosto centenas de vezes.

Ele não ia a lugar algum.

"Imagem nítida de uma mulher, no segundo andar", anunciou um dos rádios dos membros da SWAT. "- rosto queimado. Sem cabelo."

Bam.

Bam.

Na quarta batida, o espaço onde as portas duplas se encontravam se alargou. Chase podia ver o interior da escola agora através da pequena abertura, mas a fechadura, uma maldita peça de metal indestrutível, ainda se recusava a permitir a entrada.

Bam.

Por fim, as portas se abriram para dentro. Fizeram isso com tanta força que se chocaram contra as paredes internas. A SWAT invadiu a escola em duas filas, uma à esquerda e outra à direita. Armas sacadas, escudos levantados. Miras apontadas para os ombros.

O fogo amigo sempre foi uma preocupação com essas entradas

agressivas. Era preciso haver ordem, um sistema.

Mas Georgina estava com problemas.

Chase sentiu alguém, provavelmente Tate, agarrá-la, mas seus dedos apenas roçaram seus cabelos.

Ele chegou tarde demais.

Chase correu em linha reta até o meio, como um running back, passando por um buraco gigantesco aberto por um alinhador de estrelas.

Ao fazer isso, sua mente registrou os rádios voltando a funcionar.

"Merda! Há mais de um! No segundo andar! Pelo menos uma dúzia!"

Uma dúzia não importava.

Apenas um deles o fez.

Georgina estava em apuros, e Chase iria salvá-la.

Capítulo 22

Tudo aconteceu tão rápido que Georgina não tinha certeza do que estava acontecendo até que fosse tarde demais.

Tarde demais para impedi-lo.

A visão, ou o que quer que fosse, desapareceu bem a tempo de ver Mia cair.

Não por causa de uma bala, embora Georgina pudesse ouvir o que parecia ser várias explosões acontecendo bem abaixo deles, mas porque suas pernas simplesmente pararam de funcionar.

O rosto da garota fez um som horrível de estalo molhado ao ricochetear no chão.

O garoto deu um pulo.

"Sinto muito... Sinto muito mesmo."

Ele abaixou a arma completamente. Agora, ela estava pendurada em apenas dois dedos e Georgina ficou impressionada com o fato de ainda não ter caído.

Ela o pegou com cuidado, tentando não assustar o garoto ou tocar sua pele novamente, quando a porta no final do corredor se abriu.

A fumaça da explosão do banheiro havia se dissipado em grande parte, mas ainda era difícil enxergar além dela para ter uma boa visão da multidão de pessoas que vinha em direção a eles.

"Está tudo bem", sussurrou Georgina, tentando manter o garoto calmo.

Era o Chase. Chase, Tate e o FBI.

Tinha que ser.

O grupo estava correndo e gritando.

O garoto recuou em direção a Georgina. Agora, a arma caiu, mas nenhum dos dois fez um movimento para pegá-la.

"Ali! É ele!", alguém gritou. "É esse o cara!"

Isso não soa como um agente do FBI, pensou Georgina. Tampouco parecia algo que um agente do FBI diria.

Não era para eles anunciarem sua presença? *FBI, fique de joelhos! Não se mexam!* Algo parecido com isso?

Também não havia ordem em sua abordagem. Era um frenesi, as pessoas se empurravam umas às outras, tentando desesperadamente chegar até eles.

Oh, merda, pensou ela. Não era o *FBI* ou a *polícia*.

"Pare!" Georgina gritou. "Pare!"

Eram os alunos, aqueles que ela havia deixado na cafeteria, conforme as ordens de Martin.

Shawn e aquelas garotas malvadas. Todas elas. Algumas delas?

Seus rostos estavam vermelhos, os lábios repuxados e os dentes à mostra.

A raiva encheu seus olhos.

Georgina teve a presença de espírito de chutar a arma para o lado e, em seguida, se colocou protetoramente na frente do garoto, com as mãos para o alto.

"Pare!"

A multidão se agitou. Era como uma onda gigantesca, que a pequena Georgina não tinha como deter.

Talvez ninguém pudesse.

O aluno líder, Shawn, ela pensou, embora toda a cena estivesse tão frenética que era difícil ter certeza, deu uma cotovelada nas costelas de Georgina, jogando-a para o lado.

"Por favor! Não há arma nenhuma! Ele não tem uma arma!"

Suas palavras não passavam de um gemido, apenas suspiros forçados enquanto ela se esforçava para encher os pulmões de ar.

O rapaz de capuz girou e, ao fazê-lo, Georgina viu claramente o rosto dele.

Não se tratava mais de um assassino. Era apenas um garoto assustado, que havia sofrido bullying e assédio até se quebrar.

Shawn agarrou a parte de trás do capuz do garoto e o puxou *com força*. Ele caiu de bunda no chão, mas não o soltou. Em vez disso, Shawn jogou o aluno muito menor para um lado, levantando-o facilmente do chão com apenas uma mão.

O garoto bateu no armário e seus olhos se arregalaram.

Alguém tropeçou em Mía e outra pessoa em Martin.

Nenhum deles notou os cadáveres.

Agora chorando completamente, Georgina observava a multidão se tornar cada vez mais violenta.

Chutes, socos, arranhões, puxões.

Carne com carne.

Carne sobre metal.

Sangue.

Quando Georgina viu o sangue, ela finalmente recuperou o fôlego. Mas ainda estava tonta, com as pernas instáveis.

"Por favor."

Grunhidos de esforço.

O garoto havia matado Martin, ele era um assassino.

Mas será que ele merecia isso?

Georgina notou a arma.

Ela o pegou.

Ela já havia visto um antes, e hoje um estava apontado para ela.

Mas essa foi a primeira vez que ela realmente segurou um em suas mãos.

Culty... eles me chamam de Culty.

A escuridão que ela havia experimentado ao tocar o garoto voltou à

tona.

Assim como as palavras que Georgina ouvia em sua cabeça.

De quem eram essas palavras?

De quem?

"Você pode sofrer sozinho ou pode fazê-los sofrer. Você pode se vingar de tudo o que eles fizeram com você."

Sem pensar, Georgina fez pontaria.

Uma última tentativa de fazê-los parar.

Só mais uma.

"Por favor..."

Ela apertou o gatilho.

Capítulo 23

Havia muita coisa acontecendo.

Muito *barulho*.

Chase fez o possível para ignorar tudo isso. Ela sabia, com base na planta da WCI, como chegar ao segundo andar, que era onde Georgina havia sido vista pela última vez.

Ela correu em frente, indo em direção às escadas. O som ficou mais alto agora e, embora fosse indiscernível - batidas, batidas, batidas - Chase reconheceu o que era: violência.

Fazia parte de sua vida, há anos.

Ela chegou ao segundo degrau da escada encharcada de água quando o tiro foi disparado.

Um único relatório que lhe roubou o fôlego.

Chase entrou em choque anóxico, mas de alguma forma conseguiu continuar.

Ela abriu a porta do segundo andar e seu diafragma finalmente fez seu trabalho.

"FBI!", ela gritou.

À sua direita estava a origem da explosão. Ela foi forçada a passar por cima de uma porta mutilada, queimada e deformada, e depois limpou a fumaça do rosto com a mão que não estava segurando a pistola de serviço.

"FBI! Deite-se no chão, porra!"

Ela temia o pior.

Temia que quem tivesse ordenado a Georgina que largasse o walkie-talkie tivesse atirado nela.

Matou-a.

Mas o que ela não esperava era uma carnificina absoluta. Foram disparados apenas seis tiros - não, sete.

Havia corpos, três, ela pensou, mas era difícil ter certeza por causa da multidão de alunos que bloqueava sua visão.

"FBI!" Chase gritou novamente.

Os alunos estavam encharcados de água e sangue. As meninas olhavam para suas mãos como se fossem objetos estranhos. A respiração dos adolescentes grandes e musculosos fazia com que seus peitos se agitassem.

Sua mente estava tendo dificuldade em entender isso, mas então Chase avistou Georgina e seu foco se tornou singular.

Sua sobrinha estava perto dos armários, com uma arma na mão.

Uma *arma*.

Os alunos estavam todos olhando para ela, com expressões de choque em seus rostos.

Chase chegou até a sobrinha e, com uma manobra hábil, arrancou a

arma de suas mãos.

"FBI! Deitem-se no chão, todos vocês!"

E eles fizeram isso. Caíram de barriga para baixo, encharcando suas roupas elegantes com água de aspersão.

Vários deles notaram os corpos agora e começaram a vomitar.

Três - sim, *três* corpos. Mia Cross, Martin Martchenko e outra pessoa.

John Schaffer?

Um garoto de capuz, com sua pequena estrutura torcida e curvada de maneiras que um corpo humano nunca foi projetado para articular.

Ele estava deitado de bruços em uma poça de seu próprio sangue.

Atrás dela, Chase ouviu a cavalaria chegar, espalhando-se pelo corredor e inundando-a.

Preocupado com a possibilidade de algum agente da SWAT excessivamente zeloso agarrar Georgina, Chase enfiou as duas armas na cintura da calça e abraçou a garota com força.

Ela estava tremendo incontrolavelmente.

"Chase..." Georgina choramingou. "Chase, graças a Deus você está aqui. Eles o mataram. Eles o mataram."

Suas palavras não importavam.

Nada mais importava agora.

Chase a tinha.

Ela tinha a Georgina.

Enterrando o rosto na camisa encharcada da garota, Chase Adams começou a chorar.

PARTE III - Aviso de acionamento

Capítulo 24

O fechamento do hospital foi quase tão intenso quanto a cena no WCI.

Ninguém pode entrar ou sair. Pacientes, médicos ou enfermeiros.

Se você ainda não estivesse lá dentro ou com o FBI, a SWAT ou a polícia local, não chegaria nem perto do local.

Até mesmo os agentes da lei estavam passando por uma triagem pesada.

A mídia nacional se interessou pela história, mas a baixa contagem de corpos - dois, mais dois em tratamento intensivo - significava que ela estava apenas em segundo plano.

É um dia triste nos Estados Unidos quando um tiroteio em uma escola que não chega a dois dígitos de assassinatos nem sequer aparece na primeira página.

"Chase?"

Chase desviou os olhos da janela do quarto do hospital. Ela se aproximou de Georgina e acariciou as costas da mão da garota.

"Sim?"

"Você está orgulhoso de mim?"

A pergunta saiu do campo esquerdo, pegando Chase de surpresa.

Quando ela não respondeu imediatamente, Georgina interpretou mal e baixou os olhos verdes.

Chase apertou a mão da garota, chamando sua atenção de volta.

"Você impediu o atirador, Georgina. Eu não poderia estar *mais* orgulhoso."

Lágrimas silenciosamente escorriam pelas bochechas da garota.

"Não pude impedi-los de matá-lo, o garoto."

Mais uma vez, Chase hesitou.

Ela sentia pena de Georgina, pelo que a garota havia passado, mas estava enganada.

O atirador, que eles rapidamente identificaram como Tyler Clavin, aluno do segundo ano da WCI, havia atirado e matado Martin Martchenko. Se Georgina não o tivesse dissuadido e se os outros alunos não tivessem intervindo, haveria mais corpos.

Não havia dúvidas na mente de Chase sobre esse fato.

De alguma forma, ele teria entrado em uma sala de aula ou encontrado as crianças escondidas no refeitório.

Então, a mídia realmente ficaria com as calcinhas em frangalhos. Mas, em vez de lidar com essa questão complexa agora, Chase encontrou outra saída.

"Ele não está morto", disse ela.

Isso era verdade.

Tyler Clavin sofreu uma série de lesões, a mais grave delas foi o rápido inchaço do cérebro, que privou várias áreas de oxigênio por mais de quinze minutos. Ocorreu uma isquemia extensa. Os médicos disseram que era muito improvável que o menino voltasse a acordar. No caso extremo de Tyler abrir os olhos, sua função cerebral ficaria seriamente comprometida.

Chase já havia convivido com médicos o suficiente para saber o que isso significava.

O garoto estava com morte cerebral ou muito próximo disso.

Até o momento, eles não tinham conseguido falar com os pais de Tyler, mas quando conseguissem, teriam que tomar uma decisão difícil. Se dependesse de Chase, ela puxaria o plugue tão rápido que a tomada acabaria se soltando.

"Ele não está morto?" Georgina choramingou. Chase não gostou da esperança que viu no rosto jovem da garota. Estava errado.

Ela deveria estar sentindo algo por Martin, não por Tyler.

"Não. Ele está em coma. Mas é sério." Chase queria mudar de assunto. O aparecimento repentino de Stitts e Linus na porta lhe deu a saída de que tanto precisava. "Você foi incrível, Georgina. Estou falando sério. Estou muito orgulhoso. Tenho que ir - não muito longe, só por um minuto. Tudo bem?"

Georgina fechou os olhos, apertou a mão de Chase e assentiu.

Chase começou a se afastar, mas os olhos de sua sobrinha se abriram. Seu rosto era uma máscara de medo.

"Georgina? O que é isso?"

"Algo... algo aconteceu, Chase. Quando... quando toquei o garoto, toquei sua mão, vi algo."

Chase engoliu com força.

"Você... viu alguma coisa?"

Sua mente foi para lá, para o lugar escuro.

Ao seu vodu, sua capacidade de ver através dos olhos das vítimas.

Mas... isso não podia ser. Há muito tempo, o então médico legista do Estado de Nova York, Dr. Beckett Campbell, encontrou seus registros médicos e disse a ela que seu cérebro havia sido reconectado por terapia de eletrochoque e anos de abuso de heroína.

O cérebro de Chase estava fodido. Não era normal.

Mas o de Georgina? Ela estava bem.

Não é mesmo?

"Foi... tão estranho, tão real, sabe?"

"O que você viu?" perguntou Chase.

"Não sei exatamente. Tudo ficou escuro e foi como... Eu sei o que isso parece, Chase. Eu sei..."

"Diga-me", disse Chase, mais bruscamente do que pretendia.

"Bem, era como se eu fosse *ele*. Como se eu fosse o garoto com a arma - Tyler. E eu... eu ouvi alguém. Uma voz."

Chase tentou engolir, mas havia um grosso chumaço de algodão alojado em seu esôfago, que lutava contra o peristaltismo.

E o algodão estava ganhando.

"O que a voz disse?"

"Não sei, tudo estava acontecendo, e as luzes estavam piscando... Acho que isso lhe disse para se vingar. Para fazê-los pagar."

Chase sabia que a coisa a fazer agora era dizer a Georgina - não, *assegurar a* garota - que ela estava em choque, que o que ela achava que tinha visto e ouvido não era real.

O único problema com isso, com o *que fazer*, muitas vezes era a mesma diferença entre dizer a alguém o que ele queria ouvir em vez do que ele *precisava* ouvir.

Ou assim ela pensava.

Talvez Chase também ainda estivesse em choque.

"Era a voz dele? A voz do menino?"

Georgina respirou com dificuldade.

"Não, acho que não. Não foi um garoto - acho que foi outra pessoa. E... e o Tyler continuou dizendo algo sobre um ele... que *ele* lhe disse para fazer isso, ou algo assim. De quem ele estava falando, Chase?"

Chase pensou imediatamente em John Schaffer, o cadáver que haviam encontrado no banheiro.

"Está tudo bem, apenas descanse, Georgie. Apenas descanse."

"Você... você sabe, não sabe? Você sabe de quem Tyler estava falando."

Chase mastigou o lábio inferior. Ela queria dizer a Georgina que deixasse para lá, que não precisava se preocupar com o quem ou o porquê. Mas o aperto de Georgina em sua mão era tão forte que Chase sabia que ela não permitiria que ela fosse embora sem uma resposta.

Com um suspiro, Chase disse: "Tyler provavelmente estava se referindo a John Schaffer".

Isso pareceu satisfazer Georgina e, pela segunda vez, Chase tentou fugir.

Mas então o rosto da garota se contraiu.

"Não."

"Georgina, é..."

"Não, Chase", disse Georgina com firmeza. "Não é ele."

"Está tudo bem. Nós encontramos..."

"Não. Perguntei a ele sobre John e Mia - acho que os vi, sim, eu me lembro agora, vi Mia e John entrarem no banheiro com mochilas pesadas antes de a bomba explodir. E eles... eles empurraram Tyler para fora. O Tyler... ele não os conhece, Chase. Não conhece! Há mais

alguém."

Chase segurou o olhar da sobrinha por um longo tempo e, finalmente, conseguiu soltar sua mão.

Com a força quebrada, o corpo de Georgina afundou na cama do hospital.

"Há mais alguém..." Seus olhos começaram a se fechar lentamente.
"...outra pessoa..."

Chase esperou até achar que Georgina havia adormecido e então depositou um beijo em sua testa úmida.

"Eu amo você, Georgie."

Chase saiu da sala.

"Estou muito feliz..." Stitts começou, mas ela o interrompeu.

"Stitts, acho que pode haver outro atirador. Acho que isso ainda não acabou."

Capítulo 25

Tate queria ir com Chase, Georgina e os outros alunos para o hospital, mas seu parceiro insistiu que ele ficasse para trás, concentrado no caso.

Descobrir o que, exatamente, havia dado errado no Williamsburg Collegiate Institute.

Ainda havia muita coisa que eles não sabiam, por exemplo, como as câmeras haviam sido desativadas, qual era a motivação de Tyler, a natureza de seu relacionamento com Mia e John. [\[PL1\]](#)

Talvez o aspecto mais bizarro do ataque tenha sido a descoberta de uma arma semiautomática na mochila de Tyler. Trancada e carregada. Durante toda a experiência, que durou pouco mais de uma hora, Tyler disparou apenas seis balas e matou um guarda de segurança. Os únicos alunos que ficaram feridos foram ele, Mia e John.

Por quê?

Por que Tyler não sacou a arma que teria causado muito mais danos? Por que ele não atirou nos alunos que o atacaram? Por que ele não matou Georgina?

O coração de Tate disparou.

Georgina quase morreu.

Foi uma *loucura*.

Tate sabia que estava prestes a se deixar levar pelas emoções, mas Chase precisava que ele fosse forte. Não era sempre que seu parceiro perdia o controle.

Risque isso, Chase perdia o controle o tempo todo. Mas não *dessa* forma.

Tate rangeu os dentes em sinal de frustração.

Eles ficaram com muito mais perguntas agora do que antes de entrarem na escola.

Tate entrou no banheiro, que o corpo de bombeiros havia considerado estável - o esquadrão antibombas não havia descoberto nenhum outro dispositivo explosivo no local - e olhou para John Schaffer por cima dos ombros dos técnicos agachados da CSU de Williamsburg.

O que restou do garoto, pelo menos.

Seu rosto foi completamente destruído pela explosão, assim como seus braços.

Foi uma visão horrível e Tate cobriu a boca com o punho.

Mia, John e Tyler.

Tyler havia sido espancado até a morte e agora estava clinicamente com morte cerebral. Mia estava em um coma induzido por drogas.

John jazia mutilado no chão diante dele.

Qual era o relacionamento deles?

Por alguma razão, Tate achou que isso era a chave para entender melhor o desastre.

O que os unia tanto que os motivava a matar juntos?

Tate estava em contato constante com o chefe Archer, que havia priorizado a entrevista de todos os alunos que não estavam em suas salas de aula quando a escola foi fechada.

A máfia.

Até o momento, nada do que descobriram sugeria uma ligação entre o trio.

Nenhum.

Tyler era um solitário, Mia e John eram uma dupla inseparável. Eles estavam em séries diferentes, não compartilhavam uma única aula juntos.

Linus havia entrado em contato com as operadoras de telefonia celular dos criminosos, tentando encontrar, no mínimo, uma única mensagem de texto entre eles.

Qualquer coisa.

Até o momento, ele não tinha encontrado nada.

Tyler tinha um telefone pessoal, um gravador, mas tudo nele havia sido excluído.

Seu telefone normal estava quase tão vazio, mas não havia sido apagado. Tyler simplesmente não tinha amigos.

Bufando, Tate saiu do banheiro, permitindo que a CSU e os especialistas em explosivos tivessem mais espaço para fazer seu trabalho.

Ele andou pelos corredores.

Tate não compartilhava da capacidade inata de Chase de recriar cenas de crime usando a mente, mas ele tinha experiência.

Uma *grande* experiência.

Ele logo se viu do lado de fora da sala 212 e inspecionou os três buracos de bala que cercavam o mecanismo de travamento.

As três balas que foram disparadas logo após a explosão.

Tate traçou as marcas de bala com uma mão enluvada.

Tyler havia tentado entrar na sala de aula.

Especificamente este cômodo.

Havia várias classes que estavam mais próximas do banheiro do que a 212.

Então, por que este?

Tate olhou pela janela de vidro grosso.

Ele imaginou o professor e os alunos amontoados em um canto, chorando, tão assustados que sentiam como se seus corações pudessem explodir.

Todos eles teriam um trauma. Feridos ou não, todos os alunos e membros da equipe da WCI precisarão de aconselhamento depois de

hoje.

Tyler tentou entrar aqui... por quê? Quem ele estava tentando atingir?

Todas as portas haviam sido destrancadas depois que o prédio foi liberado, e Tate abriu a porta do 212 e entrou.

Ele andou de um lado para o outro, olhando as carteiras abandonadas, os blocos de anotações ainda abertos em cima delas. Acima da mesa do professor, ele notou um mapa dos Estados Unidos, com alfinetes vermelhos no lugar para indicar as capitais dos estados.

Uma aula de geografia, completamente normal em todos os aspectos.

Por que ele não usou a carabina Scorpion Evo 9mm que encontramos em sua bolsa? Isso teria destruído a fechadura. Ou, se o objetivo de Tyler era maximizar a dor e o sofrimento, por que ele simplesmente não atirou pela janela?

É verdade que havia áreas que seriam impossíveis de alcançar do corredor, mas uma classe de 22 crianças mais um professor - Tate contou rapidamente os blocos de anotações abertos - só podia ser tão pequena.

Mesmo desconsiderando esse fato, quebrar o vidro significaria que Tyler poderia simplesmente alcançar o interior e atirar pela abertura.

A analogia de atirar em um peixe em um barril veio à mente, mas Tate deu de ombros.

Ele sempre odiou isso.

Não eram peixes, eram pessoas.

Crianças.

Mas Tyler só havia atirado na fechadura com a pistola.

Por quê?

Tate não sabia.

Talvez a única pessoa que soubesse fosse atualmente um vegetal.

Ele refletiu sobre isso por mais alguns segundos antes de sair da sala. Em seguida, deu uma última olhada para cima e para baixo no corredor, confirmando o que já sabia.

O Tyler visou essa classe.

E Tate estava determinado a descobrir o motivo.

Não - não por isso.

Quem.

Quem era Tyler Clavin, que estava tão desesperado para matar?

A resposta para essa pergunta, Tate sabia, não estava aqui.

Foi no hospital.

Ela estava trancada no cérebro deformado e doente de Tyler.

Capítulo 26

"Como assim, outro atirador? Como se não fosse a Mia ou o John?" perguntou Linus.

"Eu... não sei." Chase estava cansada, esgotada. Ela massageou a testa, debatendo o quanto da conversa que acabara de ter com Georgina ela queria compartilhar com esses dois homens. "Georgina acha que pode ter havido outra pessoa."

Stitts colocou uma mão tranquilizadora em seu ombro.

"Como ela está se saindo?"

Chase se sentiu reconfortado com a voz do homem. Fazia muito tempo que eles não eram parceiros, uns bons seis anos ou mais, e depois que Stitts substituiu o diretor Hampton e a CVU ganhou autonomia, eles não interagiram muito.

Mas hoje, tê-lo ao seu lado era bom.

Eles tinham tido seus altos e baixos, principalmente depois que Chase cometeu o erro de dormir com ele, mas isso era passado.

O presente...

Vá se foder, Dr. Matteo. Vá se foder.

"É difícil dizer", respondeu Chase com sinceridade, com os olhos ainda fechados. Com outra pessoa, ela poderia ter se inclinado a explicar seu comentário, a dizer que, às vezes, o trauma não se manifestava por algum tempo após o incidente incitante.

Não com Stitts.

O homem simplesmente conseguiu.

"Bem", começou Linus, claramente inquieto, "não consegui encontrar nada que ligasse Mia e John a Tyler. Mas consegui extrair dados excluídos do gravador de Tyler. Havia apenas um único texto nele, impossível de ser rastreado." Ele fez uma pausa, preparando o gancho de uma forma que só Linus conseguia, o que Chase odiava. "Ele dizia: *Amanhã*."

"Amanhã?" Os pensamentos de Chase se aceleraram, achando que um ataque em outra escola era iminente.

"Não, não, desculpe", disse Linus, percebendo o que havia insinuado. "Essa mensagem chegou ontem, pouco antes da meia-noite, ou seja, *hoje*."

Chase franziu a testa em desaprovação, mas ela ficou aliviada.

Ainda assim, todas as escolas estariam em alerta máximo nas próximas semanas. Outras crianças, crianças com raiva, poderiam se inspirar nas ações de Tyler.

Os fóruns de mensagens se iluminavam com pensamentos e orações pelas vítimas, o que fez muito bem. Mas havia outro subgrupo de pessoas que ficaria secretamente feliz com as ações de Tyler hoje.

Bom para ele, diziam; bom para Trevor por finalmente se vingar

daqueles que o prejudicaram, por finalmente se defender.

"É só isso?" disse Stitts.

"É isso mesmo", confirmou Linus com um aceno de cabeça.

"E você não sabe dizer se a Mia ou o John enviaram essa mensagem?" perguntou Chase.

"Como eu disse, não é possível rastrear. Talvez com o tempo, mas... bem, você sabe como são esses telefones fixos."

E foi o que ela fez.

Os telefones Burner eram comprados anonimamente com dinheiro, pré-pagos. Chase havia usado muitos deles em uma vida passada, quando estava desesperada para conseguir dinheiro.

Ela voltou sua atenção para Stitts.

"Você mencionou em seu perfil fora da escola que talvez estejamos procurando alguém que esteja trabalhando com um parceiro."

"Sim."

"Mas três?"

Stitts refletiu sobre isso.

"Altamente improvável."

Chase soltou todo o ar de seus pulmões, tentando limpar sua mente.

"Você também disse que eles provavelmente tinham experiência com computadores para conseguir invadir o sistema de segurança da escola, trancar as saídas. Poderia ter sido o Tyler?"

Foi Linus quem respondeu a Chase.

"Não com quarenta e dois por cento na aula de informática. E não com seu histórico de frequência de merda."

"E os outros dois? Mia e John?"

Linus acenou com a cabeça.

"Mia, sim. John improvável."

Chase arquivou essa informação.

"Eu simplesmente não entendo. Esses caras planejaram isso, enviaram mensagens de texto, *amanhã* ou qualquer outra coisa, desativaram as câmeras, trancaram as portas de saída, mas esqueceram de destrancar as malditas salas de aula?"

Nem Stitts nem Linus ofereceram qualquer resposta.

Chase respirou fundo. Se não fosse pelo que Georgina havia lhe dito, ela poderia ter deixado as coisas assim.

Pelo menos por enquanto.

Mas as palavras da garota a assombravam.

Acho que ela lhe disse para se vingar. Para fazê-los pagar.

Chase recalibrou.

"Está bem, está bem. E quanto aos pais deles? Mia, John, Tyler? Eles foram contatados? Há alguma chance de eles terem visto todos juntos depois da escola ou algo assim?"

"Não consigo falar com os pais do John", disse Linus. "O pai de Tyler também não. Ele tem uma longa ficha criminal. Agressão doméstica, posse de drogas, dirigir embriagado, o que você quiser, Rick Clavin foi acusado ou condenado por isso. A esposa foi embora há cerca de seis meses e ninguém sabe dela desde então."

Isso não foi uma surpresa para Chase. Embora nem todos os atiradores de escola, nem todos os criminosos violentos, tenham sido criados em lares desfeitos, esse era um traço comum.

"E quanto à Mia?"

"A mãe da Mia é uma..."

Linus se calou quando o policial Pekaruk se aproximou, parecendo sério.

"O que há de errado?" perguntou Chase.

"Acho que acabei de ouvir alguém mencionar a mãe da Mia?"

"Sim, e quanto a ela?"

"Bem, ela está aqui", disse Pekaruk. "Ela está aqui e está *irritada*. Também fiquei sabendo que os médicos estão acordando a Mia."

Capítulo 27

Tate foi forçado a mostrar sua identificação três vezes para ter acesso ao hospital.

E ele não estava feliz com isso.

"Sou do FBI e estamos encarregados dessa maldita investigação", gritou ele para o jovem policial que estava apenas tentando fazer seu trabalho.

"Sinto muito, mas o chefe Archer..."

"Que se dane o chefe Archer", disse Tate. O jovem policial recuou.

"Disseram-me que ele disse..."

"Estou no comando. Preciso falar com os alunos da sala 212. Onde eles estão sendo isolados?"

O jovem oficial gaguejou, e Tate repetiu a pergunta.

"Eles estão sendo mantidos na sala da equipe de enfermagem. Acho que fica no primeiro andar, embaixo..."

Tate já estava em movimento, caminhando rapidamente na direção indicada pelo policial.

Ele guardou o crachá, jurando dar um soco nos dentes da próxima pessoa que o pedisse.

Felizmente, era o Chefe Archer e, por mais que ele quisesse *lhe* dar um soco, o homem pelo menos sabia quem ele era.

"Agente Abernathy", Archer, seus lábios inexistentes sob o bigode grosso.

"Eles estão lá dentro? Classe 212?" Tate apontou para a sala da enfermeira atrás do chefe.

"Sim, eles estão lá dentro".

Antes que Tate pudesse entrar, alguém saiu da sala. Não era um aluno, mas um homem.

Ele parecia um típico professor universitário, com um blazer de tweed e jeans muito largos. Baixo, corpulento.

Cabelo ruim.

"Quem é você?" perguntou Tate.

"Este é JC Marshall. Ele é o professor de geografia da sala 212."

O homem assentiu com a cabeça, seu cabelo fino balançando para cima e para baixo com o movimento. JC ofereceu sua mão. Tate não a pegou.

"Sua sala de aula foi a única que foi alvejada", disse Tate com naturalidade.

O homem limpou a garganta.

"Eu sei. Eu o vi - Tyler. Foi... aterrorizante."

"Então, você conhece o garoto? Você conhece Tyler Clavin?"

JC demorou um pouco para responder.

"Não o conhecia *realmente*. Quero dizer, ele era quieto, novo na

minha turma, com um bom registro de presença. Mas acho que não tive nenhuma interação pessoal com ele. Gosto de conhecer meus alunos, mas alguns deles são resistentes."

Isso se encaixava no perfil que Stitts havia construído, e Tate assentiu.

"Eu sei que, como professor, você deve ser imparcial, não fazer julgamentos, todas essas besteiras. Mas como a sua sala de aula foi a única que parece ter sido alvo, acho que talvez Tyler estivesse tentando chegar a alguém lá dentro. Você consegue pensar em quem poderia ser?"

JC inclinou a cabeça.

"Honestamente? Eu não sei. Quero dizer, ele era tão quieto. E se eu tivesse visto alguma coisa - qualquer coisa que sugerisse que ele era capaz de fazer isso - eu teria denunciado."

Não era bem uma resposta à sua pergunta, então Tate a reformulou. O homem parecia estar tentando se esconder.

"Você tinha que ter visto *alguma coisa*. Quem o estava intimidando?"

"Sinceramente, não sei."

Tate franziu a testa.

Os professores não eram mais os mesmos de antigamente. Quando Tate estava na escola, eles estabeleciam relacionamentos com seus alunos. Não se tratava apenas de pressionar os alunos, tentando garantir que eles tirassem uma nota decente no teste do governo ou qualquer outra coisa que garantisse a manutenção do emprego.

Tratava-se de desenvolvê-los, dando-lhes as habilidades necessárias para lidar com os problemas inerentes à vida.

E, por mais que JC afirmasse que "conhecia" as crianças de sua classe, o fato de que ele não sabia, ou pelo menos fingia não saber, que Tyler estava sofrendo tanto bullying que sentiu a necessidade de atirar na escola sugeria algo diferente.

O olhar de Tate se desviou para a porta fechada do quarto da enfermeira.

"Quantos alunos estão lá dentro?"

"Vinte e dois", respondeu o chefe Archer. "Eles estão bastante abalados."

"Quero falar com eles."

O chefe Archer interpretou isso como uma pergunta e começou a falar sobre como eles provavelmente deveriam esperar os pais aparecerem.

Tate não queria mais esperar.

E esse era o caso dele.

Seu caso.

Archer poderia enfiar suas objeções na bunda.

Tate nem esperou o chefe parar de falar - ele simplesmente passou por ele e abriu a porta.

Uma vez lá dentro, foi como se um interruptor tivesse sido acionado.

O incômodo de ter sua identidade solicitada várias vezes, de quase ter perdido Georgina e até mesmo de sua briga com Rachel foi empurrado para o fundo de sua mente.

E Tate Abernathy se transformou em uma pessoa completamente diferente.

Capítulo 28

Era difícil imaginar que Brooke Cross fosse a mãe de Mia. Não era apenas o fato de o cabelo de Mia estar todo queimado, um lado do rosto praticamente derretido e o olho perdido, mas também o fato de ela ter cabelos escuros, unhas escuras, usar roupas largas - gótica, se fosse da época de Chase. Brooke Cross era totalmente o oposto. Ela era magra e loira, com maçãs do rosto altas, lábios cheios e usava um terno de negócios elegante.

Chase pensou imediatamente em Tate, e em como seu parceiro seria muito mais adequado para falar com a mulher. Ele saberia o que dizer.

Tate tinha tato, enquanto Chase era o único a agir.

Mas Tate não estava aqui.

Chase se aproximou de Brooke do lado de fora do quarto de Mia. Linus ficou alguns passos atrás dela. O policial Pekaruk, depois de informá-los de que Mia estava acordada e que sua mãe havia chegado ao hospital, tinha ido a algum lugar com Stitts.

"Sou Chase Adams, do FBI. Preciso falar com sua filha".

Essa, evidentemente, foi a abordagem errada.

Brooke cruzou os braços sobre o peito, desafiadora.

"Não sem um advogado, você não é."

Não havia tempo para um advogado. Se Georgina estivesse certa e houvesse mais alguém envolvido, eles precisavam identificá-lo rapidamente.

"Você sabe o que sua filha fez?" Chase perguntou, olhando para a mulher.

"Estou totalmente ciente das alegações".

Chase zombou; ela não conseguiu evitar.

"Não se trata de *alegações*. São *fatos*. Sua filha e suas duas amigas detonaram uma bomba dentro da escola e depois atiraram e mataram o segurança. Agora..."

"E é exatamente por isso que você não vai falar com minha filha sem a presença de um advogado. Você já tomou sua decisão e eu não vou permitir que você perturbe Mia, que está em estado crítico..."

"Minha sobrinha estudava naquela escola", disse Chase, com o maxilar cerrado. "Ela viu Mia e John detonarem a bomba. Então, por que você não para com essa conversa de 'alegação'? Se não quiser se juntar a mim lá dentro, você pode..."

Linus a interrompeu, o que normalmente teria irritado Chase. Mas, a julgar pela postura de Brooke - hábil, agressiva, inabalável -, isso provavelmente foi o melhor.

"Sra. Cross, a senhora conhece a lei de terrorismo da Virgínia?"

"Terrorismo?" A mulher cuspiu a palavra. "Minha filha é um monte

de coisas, mas não é terrorista."

"Apenas ouça o que tenho a dizer".

Chase ficou impressionado com o tom e a abordagem do homem. Linus geralmente era pateta, fazendo perguntas retóricas em vez de ir direto ao ponto.

Não agora.

Mas ela não ficou surpresa, não mesmo. Ela o tinha visto em campo e, por mais que o homem odiasse - e ele odiava, com paixão -, Linus era realmente bom nisso.

Como ela, ele era um fazedor.

"Veja, essa é a questão do terrorismo", continuou Linus, "podemos usar uma descrição muito ampla para definir a palavra. E eu diria que três pessoas entrando em uma escola de ensino médio, vestidas de preto, detonando explosivos improvisados e atirando nas pessoas? *Matando* pessoas? Bem, terrorismo doméstico não é um exagero, não é mesmo? Do meu ponto de vista, você tem duas opções aqui, e eu o aconselho a escolher a primeira. Permita que entremos lá e falemos com sua filha para descobrir com quem mais ela estava colaborando, ou eu entrarei em contato com um amigo da Segurança Interna. Ele aceitará minha recomendação e classificará isso como um ato oficial de terrorismo doméstico. E então, tenho certeza de que você já ouviu os rumores. Podemos ficar com ela o tempo que quisermos, falar com ela quantas vezes quisermos, sem sequer cobrá-la. Passarão anos até que Mia se apresente diante de um juiz. E, independentemente do resultado, ela ainda será rotulada como terrorista. Sra. Cross, a senhora tem três segundos para me dizer qual opção prefere".

Mais uma vez, Chase ficou impressionado. Essa não era uma abordagem que ela sequer teria considerado, muito menos colocado em prática.

E funcionou.

Brooke deixou cair os braços ao lado do corpo e seus ombros caíram.

"Tudo bem, mas eu vou entrar lá com você".

A mulher mal havia terminado a frase quando Chase entrou no quarto do hospital. O cheiro de cabelo queimado e carne cozida demais imediatamente encheu suas narinas. Surpreendente, já que a cama de Mia estava coberta por uma bolha de plástico hermeticamente fechada.

De perto, os ferimentos da garota eram ainda mais horríveis.

Se ela se recuperasse o suficiente para deixar o hospital, Mia ficaria brutalmente assustada pelo resto da vida.

Brooke ofegou quando viu a filha e Linus fez o possível para manter a mulher consolada, sob controle.

"Oh, Deus. Mia, o que você fez com você mesma?"

Chase abafou Brooke o melhor que pôde, mas ela mesma estava em um leve estado de choque. Não era tanto a aparência da garota, mas o quanto ela parecia jovem.

Mais jovem que Georgina, inclusive.

O único olho bom de Mia, arregalado e vermelho de sangue, olhou na direção deles quando se aproximaram.

Chase lembrou a si mesma que essa garota fazia parte da equipe que tentou assassinar sua sobrinha.

Qualquer indício de compaixão desapareceu instantaneamente.

"Mia, meu nome é Chase Adams e sou do FBI. Vou lhe fazer algumas perguntas e quero que responda com sinceridade. Você entendeu?"

Brooke estava respirando em pequenos suspiros e Chase reposicionou seu corpo para bloquear a visão da bolha.

Tê-la na sala foi uma má ideia.

"Mia? Por favor, apenas responda às perguntas, ok?" Brooke disse suavemente.

Ou talvez não.

Brooke Cross era uma mulher completamente diferente agora. Ela passou de uma mulher de negócios de alto poder aquisitivo que conhecia seus direitos para uma mãe cuja única preocupação era com seu filho.

Seu filho *assassino*.

Mia assentiu, confirmando que podia ouvir muito bem, o que era surpreendente, considerando o estado de seu rosto e de sua cabeça.

"Sabemos que você, o John e o Tyler provocaram a explosão e que estavam planejando atirar na escola", disse Chase, com um tom suave.

Agora, Mia balançava a cabeça, o que fazia com que a pele enegrecida de seu pescoço se enrugasse dolorosamente. Parecia que alguém estava retirando agressivamente um lenço de papel de uma sacola de presentes.

"Isso é o que sabemos. Você detonou a bomba. E temos certeza de que você foi o responsável por invadir as câmeras de segurança da escola."

Chase se concentrou no rosto arruinado da garota enquanto ela falava, tentando lê-la.

Ela não queria nada mais do que tocar a garota, ver através de seu único olho. Senti-la.

Sinta o que Mia sentiu.

Mas isso era impossível.

"Mamãe?" A palavra saiu grossa, seus lábios cheios de bolhas não conseguiam pronunciar totalmente as consoantes.

"Está tudo bem, querida", soluçou Brooke. "Está tudo bem. Apenas diga a ela a verdade, está bem? Diga a eles que você não é um

terrorista."

Os olhos de Mia ficaram incrivelmente arregalados com essa última palavra.

"Com quem mais você estava trabalhando?"

"EU..."

A paciência de Chase finalmente havia se esgotado.

"Qual era o seu plano? O que você, Tyler e John estavam tentando realizar? Quem era o alvo?"

"Quem... quem é Tyler?"

A resposta foi inesperada.

Mia sofreu uma concussão? Será que ela, assim como Georgina, perdeu parte de sua memória?

"Tyler Clavin", esclareceu Chase. "O garoto com quem você planejou o ataque. Ele atirou e matou Martin e..."

De repente, Mia ofegou e as lágrimas escorreram por suas bochechas. Com olho ou sem olho, seus canais lacrimais ainda eram capazes de produzir um pouco de líquido.

"Martin foi baleado? Eu não..."

"Sim, ele foi baleado. Meu palpite é que a bomba que você fez foi apenas uma distração. Mas ela era mais poderosa do que qualquer um de vocês esperava. Especialmente o John, porque ele está morto, Mia. John está morto e Tyler também pode estar."

As palavras de Chase foram duras, mas necessárias.

Esse era o ás em sua manga. Ninguém havia contado à garota o que havia acontecido com seus parceiros no crime.

Outro suspiro ainda mais doloroso, dessa vez vindo do fundo do estômago de Mia.

"John está morto? *O John está morto?* Ele não pode estar morto!" Mia estava quase histérica, e Brooke se inclinou para perto da filha. Esquecendo-se do plástico, ela estendeu a mão, mas parou quando a bolha se dobrou para dentro.

"Por favor, Mia. Apenas diga a ela que tudo isso foi um erro. A-"

"Não sei quem é Tyler e não queríamos matar ninguém."

Parecia impossível que mesmo alguém com intenções tão sádicas como Mia Cross pudesse mentir em um momento como esse.

Com este aspecto.

Sentindo-se ainda pior.

Chase deu uma olhada para Linus, que parecia tão confuso quanto ela.

Ela poderia estar dizendo a verdade?

Que *diabos* está acontecendo?

Um novo cenário, algo que Chase não havia considerado, surgiu de repente em sua mente.

Em geral, ela concordava com a opinião de Stitts com relação às

coincidências, de que eram poucas e raras.

Mas será que essa é uma das raras ocasiões em que o diretor estava errado?

"Mia", disse Chase com firmeza. "Quero que me diga exatamente o que você e John planejaram fazer. Está me entendendo? Você está metida em um monte de problemas, não vou mentir para você sobre isso, mas se você não me contar a verdade agora, garanto que vou tornar as coisas muito, muito difíceis para você."

Capítulo 29

"Eu sei que vocês estão todos assustados", disse Tate enquanto observava o grupo de alunos da classe 212. "E não os culpo por isso. Agora, como agente do FBI, vocês provavelmente imaginam que já vi coisas terríveis e também já passei por situações assustadoras. Mas não acho que nada disso chegue perto do que você viveu hoje. Quero que saibam que vou me certificar pessoalmente de que, se algum de vocês quiser ajuda, e recomendo enfaticamente que falem com alguém, terão acesso aos melhores psiquiatras e psicólogos que o FBI pode oferecer. Essa é a minha promessa a vocês".

Os olhares atônitos recaíram sobre ele e depois um sobre o outro.

Ninguém disse nada.

"Sei que, neste momento, você deve estar com muitos pensamentos em sua mente. Pensamentos sobre o que poderia ter sido, o que você poderia ter feito. Talvez até mesmo que isso seja, de alguma forma, culpa sua. Isso é natural, normal. Mas não é verdade. Nada do que você fez levou aos eventos que aconteceram hoje. Absolutamente nada. O dia de hoje foi causado pelas ações de um ou vários indivíduos que são doentes mentais.

"Não digo isso como uma desculpa, mas como um fato. Mas você vai superar isso. Será difícil, exigirá algum esforço de sua parte, mas há uma luz no fim desse túnel proverbial. A única coisa que você pode fazer para ajudar é falar conosco. Diga-nos o que você sabe. Como eu disse, você não é o culpado. Mas você pode ser parte da solução e nos ajudar a evitar que isso aconteça com outra pessoa. E isso começa com a abertura, com a conversa comigo".

Tate fez uma pausa nesse momento, permitindo que seus olhos percorressem os alunos. O ideal seria que ele falasse com cada um deles individualmente. Mas, nesse caso, ele achava que se eles fossem deixados sozinhos, os boatos começariam a se espalhar.

E quando isso aconteceu, os fatos ficaram obscuros.

Eles precisavam de fatos.

"Agora, quero tratar isso como uma sala de aula. A única diferença é que o que vocês disserem aqui ficará aqui. Não compartilharei nada do que disserem com seus pais, com outros alunos ou mesmo com seu professor, o Sr. Marshall. É só entre nós. Se tiver algo a dizer, levante a mão e espere que eu o chame. Se quiser acrescentar algo, mas não se sentir à vontade para dizer na frente de seus colegas, posso falar com você em particular. Isso funciona?"

Alguns acenaram com a cabeça, alguém disse "*Sim*", mas a maioria ficou calada. Isso era de se esperar. Eles ainda estavam em choque.

Era hora de quebrar o gelo.

"Alguém conhece o Tyler Clavin?"

Todos eles, é claro. O Sr. Marshall lhe dissera que o garoto frequentava as aulas regularmente e que tinha visto pessoalmente Tyler fora da sala de aula com uma arma.

Mais alguns acenos de cabeça, dessa vez entusiasmados.

"Bom. Agora..."

"Foi o Tyler? Foi o Tyler que fez isso?", choramingou de repente uma garota com óculos enormes.

"Ainda estamos tentando entender exatamente o que aconteceu", acrescentou Tate rapidamente. "Você o conhecia?"

"Sim. Ele estava quieto. Não acredito que ele tenha feito isso."

"Que merda é essa?" Dessa vez, era um aluno com uma camisa polo azul, aberta até a cor dos ossos. Ele tinha um pouco de acne no queixo e ao redor da boca.

Tate o ignorou.

"Ele era um pouco marginalizado, certo?" disse Tate, continuando a falar com a garota. "Era reservado? Não tinha muitos amigos?"

"Não", respondeu a garota. Ela soltou um único grito sufocado, e Tate decidiu seguir em frente. Antes de fazê-lo, porém, ele notou que Blue Polo de repente ficou muito interessado em suas mãos, esfregando-as e massageando-as vigorosamente.

"Quantos de vocês conhecem Mia Cross e John Schaffer?"

Essa pergunta provocou uma infinidade de reações, algumas das quais Tate interpretou facilmente, outras não.

O Polo Shirt ia arrancar a pele de suas mãos se continuasse nesse ritmo.

Tate chocou o grupo ao bater palmas. Alguém gritou. Não era o ideal, dado o TEPT iminente, mas eles tinham que começar a falar ou isso seria uma enorme perda de tempo.

"Alguém já viu o Tyler conversando com a Mia ou com o John?"

Suas táticas pareciam funcionar.

"Não... eles... a Mia e o John ficaram juntos, mas eu nunca vi o Tyler falando com ninguém além do Sr. Marshall", disse uma garota de cabelos castanhos longos e lisos.

A garota de óculos assentiu.

"Sim, a Mia e o John se mantiveram sozinhos, especialmente depois do..." Dessa vez, era um aluno do sexo masculino e ele deixou a frase se arrastar.

"Depois de quê?" Tate pressionou. "Não posso ajudá-lo se você não falar comigo."

"Houve um boato no ano passado", continuou o garoto, com os olhos baixos.

"Qual foi?"

"Que John engravidou Mia e que eles fizeram um aborto."

Verdade ou não, esse poderia ser o ponto de inflexão que os levaria

ao limite. Especialmente se as famílias de qualquer um deles fossem devotamente religiosas.

O sexo antes do casamento e os abortos não eram apenas tabus entre esse público, mas tinham sérias implicações.

Implicações que alteram a vida.

Tate persistiu, fazendo mais e mais perguntas. Mas, depois de pouco tempo, ficou claro que nada do que estava sendo dito acrescentava algo de valor.

John e Mia foram flagrados aos beijos nos chuveiros. Alguém argumentou que não era namoro, que era algo mais.

Eles estavam fazendo sexo.

Em seguida, o aborto.

Isso era feito com um cabide ou com a ingestão de produtos de limpeza.

Ou rituais satânicos estranhos.

Os alunos estavam apenas desabafando agora, e Tate permitiu que isso continuasse por vários minutos.

Quando isso finalmente se acalmou, ele agradeceu à classe e reiterou que alguém viria conversar com eles, ajudá-los a superar isso.

Antes de sair, ele destacou a camisa polo azul.

"Qual é o seu nome?", perguntou ele.

O garoto, surpreso por ter sido destacado, apontou para seu peito e olhou em volta.

"Sim, você."

"Steve."

"Certo, foi o que pensei. Bem, sua mãe está aqui, quer falar com você lá fora."

As sobrançelas loiras do garoto fizeram uma pequena dança.

"Minha... mãe?"

"Sim. Vamos lá."

O garoto se levantou com as pernas trêmulas. Ele ainda estava fazendo aquilo com as mãos.

"Podemos ver nossos pais também?", alguém perguntou.

"Você vai saber. O FBI está entrando em contato com todos os seus pais para que eles saibam que você está bem. Steve?"

"Ela está bem?"

"Ela está bem", garantiu Tate.

Quando ele saiu da sala com o menino a tiracolo, o policial Pekaruk, que parecia ter assumido o posto do chefe Archer, olhou para ele.

Tate respondeu com um chute, enganchando sutilmente o queixo na porta e coçando a orelha.

Aproxime-se, ouça.

Pekaruk entendeu.

"Onde... ela está? Minha mãe?"

"É por aqui."

Tate conduziu o garoto por um corredor aleatório, deu uma volta e depois outra.

Ele parou quando chegou a uma área que estava praticamente desprovida de policiais uniformizados.

"Steve, eu menti para você."

Steve parou e encostou a mão na parede.

"Ela não está bem? Eu sei que ela tem um coração ruim, mas..."

"Não, não é isso. Sua mãe está bem. Eu menti dizendo que ela queria ver você."

Agora, a preocupação do garoto se transformou em medo. Tate deixou a situação esfriar, olhando para Steve.

"Eu realmente não entendo o que está acontecendo, cara. Isso tudo é uma bagunça."

"O que você não entende é o quanto isso é sério e o quanto pode se tornar sério para você."

Tate baixou os olhos para as mãos do garoto. Steve finalmente percebeu o que estava fazendo e rapidamente colocou os braços atrás das costas.

"Fale-me sobre o Tyler", disse Tate.

"Eu não sei..."

Era hora de usar mais táticas de choque.

"Este não é meu primeiro rodeio, filho. Já encarei os olhos de assassinos em série, homens que mataram mulheres, crianças e todos que se colocaram em seu caminho. Pessoas ruins pra caramba. As piores. Essa merda que você vê na TV? Isso não é nada. E cada um deles disse a mesma coisa que você, que não sabem do que estou falando. Eles mentem. E *você mente*".

Steve parecia estar à beira das lágrimas.

"Por favor, eu não fiz nada."

"Talvez não hoje, mas você fez". Tate se acalmou. "Veja, eu estava falando sério sobre o que disse lá atrás. Intimidar alguém não faz de você um criminoso, não faz de você responsável pelo que essa pessoa faz. Fale-me sobre Tyler, Steve. Seja honesto comigo."

Steve fez um estranho som de assobio com os lábios.

"Não era só eu. Era todo mundo. Eu simplesmente concordei com isso, sabe? Provoquei-o um pouco. Não achei que ele fosse fazer isso. Merda... se eu pensasse..."

"Não estou culpando você. Mas preciso saber. O Tyler queria entrar na sua aula hoje e preciso saber por quê. Você o viu? Você o viu atirar na porta da sua sala de aula?"

"Não sei se o vi", a voz de Steve estava tão baixa agora que Tate teve de mover a cabeça a centímetros dos lábios do garoto para ouvir

direito. "Mas eu vi *alguma coisa*."

Capítulo 30

Steve amassou a folha de papel e a jogou na parte de trás da cabeça de Lisa. Quando ela se virou, ele fingiu estar absorto em seu trabalho, chegando ao ponto de passar a língua na parte interna da bochecha.

Ela não acreditou.

"Não jogue coisas em mim, seu idiota", esbravejou Lisa.

Steve fingiu inocência.

"Eu? Eu não fiz nada."

Lisa pegou a bola e a jogou de volta.

"Eu sei que foi você, Steve. Apenas deixe-me fazer meu trabalho."

"Eu não fiz isso. Estou tentando fazer meu trabalho, nossa", disse ele com um sorriso divertido. Ele gostava de Lisa. Lisa com os peitos grandes e o queixo pontudo. Ela se parecia um pouco com um pássaro e sabia que alguns dos outros garotos zombavam dela por causa disso. Chamavam-na de pomba pelas costas.

Mas não o Steve.

Ele gostava da maneira como ela se movia, como andava, balançando aquela bunda. Mas, acima de tudo, ele gostava daqueles peitos grandes.

"Steve, por favor, concentre-se apenas em seu trabalho. Você ainda tem dez minutos e quero sua redação na minha mesa antes de sair hoje. Entendeu?" disse o Sr. Marshall.

Steve fez uma careta.

O Sr. Marshall era o verdadeiro idiota. Sempre implicando com ele.

Claro, Steve sabia que às vezes ele podia dar trabalho, mas o Sr. Marshall não gostava dele porque ele não era um nerd como o maldito Tyler.

"Tanto faz", disse Shawn em voz baixa enquanto voltava os olhos para sua página.

Ele continuou a rabiscar algumas linhas sobre a Grande Corrida do Ouro da Califórnia, com a qual ele não se importava nem um pouco, antes que sua mente começasse a divagar novamente. Antes que percebesse, Steve estava fazendo um rabisco dos seios de Lisa, de perfil, que era o seu favorito.

O pintinho tinha ordenhadores da mamãe.

O que ele não daria para fazer um barco a motor com essas coisas.

Steve estava em sua terceira iteração quando a explosão explodiu. Ela foi poderosa o suficiente para fazer com que duas das quatro pernas de sua cadeira se levantassem.

Lisa gritou e seus seios balançaram.

Seu primeiro pensamento foi que se tratava de um terremoto, embora ele não se lembrasse de ter sentido um antes.

Em Los Angeles, é claro, eles costumavam ter um problema o tempo todo quando ele era criança. Mas não na Virgínia.

"Que diabos foi isso?"

O Sr. Marshall se levantou rapidamente.

"Fiquem todos calmos", disse ele.

Rob, que estava sentado ao lado dele, se inclinou.

"Que porra está acontecendo, Steve?"

"Como eu poderia saber? Um terremoto, talvez?"

Rob começou a cheirar o ar.

"Está sentindo esse cheiro?", perguntou ele. "Parece que algo está queimando."

Steve deu uma grande cheirada. Realmente cheirava como se algo estivesse queimando. O Sr. Marshall foi até a porta e tentou abri-la, mas não conseguiu.

Steve observou enquanto o homem mexia na fechadura e puxava a maçaneta. Seus cabelos fracos balançavam para frente e para trás enquanto ele puxava com toda a sua força.

Foi cômico.

Um alarme estridente encheu o ar e as luzes de emergência, que piscavam nos estroboscópios da boate, começaram a disparar.

Lisa gritou novamente e vários de seus colegas de classe se levantaram de suas cadeiras.

Steve também se levantou.

Isso não foi um terremoto.

"Fiquem em suas cadeiras", gritou o Sr. Marshall. Ele ainda estava tentando abrir a porta, girando a fechadura para frente e para trás, o que não fazia sentido.

As fechaduras eram eletrônicas.

Todos sabiam disso.

"Está trancada", disse Steve. "Lembre-se do..."

O Sr. Marshall puxou a porta novamente, com todos os músculos de seu pescoço tensos.

"Sente-se, porra!"

Não era a primeira vez que um adulto xingava Steve, e com certeza não seria a última. Mas foi a primeira vez que o professor de fala mansa levantou a voz, muito menos xingou.

Os dentes de Steve bateram juntos, produzindo um som que era audível até mesmo sobre o alarme estridente.

Então, os aspersores foram ligados e o inferno começou. As cadeiras caíram, as pessoas gritaram.

"É uma maldita broca", disse Rob, estendendo as mãos para os lados. A água se acumulou em suas palmas.

"Não é um exercício", respondeu Steve. "Eles não acionam os sprinklers para um maldito exercício."

Lisa se virou para olhar para ele e os olhos de Steve gravitaram em seus seios.

Não se pode culpá-lo, ninguém pode - ela estava usando uma blusa branca, que estava rapidamente se tornando transparente.

"O que está acontecendo?", perguntou ela desesperadamente.

"Não sei", disse Steve, dando de ombros.

O Sr. Marshall desistiu de repente.

"Não é um exercício. Fiquem calmos, todos para o canto". Ele apontou para a esquerda, o ponto mais distante da porta.

Está calmo? Você está suando como uma prostituta na igreja.

A maioria dos alunos fez o que lhes foi pedido, e o Sr. Marshall voltou para a porta.

Que diabos ele está fazendo?

Todos os anos, o diretor Prentiss, também um babaca que provavelmente estava transando com a secretária, realizava uma assembleia chata em que se falava sobre o que fazer em caso de emergência.

As portas se trancariam e eles deveriam se esconder no canto até que os alarmes parassem e a autorização fosse dada pelo sistema de som.

Eles deveriam ouvir as instruções de seus professores o tempo todo

Os professores deveriam mantê-los seguros.

Steve ainda não tinha ideia do que estava acontecendo, mas sabia que o Sr. Marshall não iria salvá-los, se chegasse a esse ponto.

O bichano estava apenas tentando se salvar. Tentando fugir.

Que idiota.

"Que diabos está acontecendo?" Duas meninas gritaram estridentemente.

"Vá para o canto! Agora!" O Sr. Marshall gritou de volta.

Rob agarrou seu braço e tentou puxá-lo.

"Vá se foder."

Foi a expressão de seu amigo que finalmente fez com que Steve parasse de pensar nos peitos de Lisa.

Rob estava morrendo de medo.

E Rob nunca teve medo.

Steve finalmente obedeceu às instruções do Sr. Marshall, mas não antes de dar uma última olhada para o homem. Ao fazer isso, o professor se afastou um pouco da porta.

E o que Steve viu cruzar em frente àquela pequena janela retangular foi algo que ele jamais esqueceria.

Um zumbi.

Um maldito zumbi da vida real.

Cabelo ainda queimado, pele como cera de vela derretida.

Embora ele nunca admitisse isso mais tarde - na verdade, ele brincaria dizendo que foi Lisa quem gritou - foi Steve quem fez o som.

Ele se amontoou com os demais, todos respirando pesadamente, todos encharcados.

Se o Sr. Marshall viu a criatura, quem quer que fosse ou o que quer que

fosse, ele não reagiu.

"Sr. Marshall, venha aqui! Venha até aqui!", disse alguém, provavelmente Lisa.

O Sr. Marshall a ignorou, e outra sombra passou em frente à porta. Dessa vez, o ângulo estava errado e, felizmente, Steve não conseguiu distinguir nenhum dos detalhes.

No entanto, o Sr. Marshall poderia.

Mas o professor ainda se recusava a fazer qualquer coisa além de tentar abrir a porta.

Em seguida, seus lábios começaram a se mover como se estivessem falando com a coisa do outro lado, mas o alarme incessante tornou impossível entender as palavras.

Steve tentou ler os lábios.

Ele não abre? Não consegue abrir?

Algo do gênero.

Por fim, o Sr. Marshall desistiu e deu dois passos para trás.

"Alguém está tentando entrar", reclamou Rob. "Eles estão tentando..."

Steve nunca tinha ouvido tiros na vida real. Ele já os tinha ouvido muitas vezes em filmes - Heat, que chegou a deter o recorde de maior número de balas disparadas em um filme, era um de seus favoritos -, mas nunca tiros de verdade.

Mas foi isso que ele ouviu em seguida. Três deles.

Se Steve precisasse de mais alguma confirmação, ele a obteve na forma de amassados grossos na porta, bem ao lado da fechadura que o Sr. Marshall provavelmente havia se desgastado tentando abrir.

Todos eles estavam gritando agora.

Até mesmo Steve.

Isso, ele não negaria.

Capítulo 31

Tate, sentindo a dor do garoto, se firmou. Steve estava tremendo completamente enquanto contava sua história. Por mais que ele tentasse ser o cara durão, não dava para esconder o medo.

Steve era o alvo?

Tate ainda não tinha certeza.

"Sei que isso é difícil, mas você acha que o Tyler estava tentando chegar até *você*?"

Era uma pergunta injusta, que poderia tornar ainda mais difícil para Steve superar tudo isso, mas Tate tinha que perguntar.

"Eu não sei, cara. Eu lhe disse a verdade - eu zombei dele, com certeza, mas não fui o único. Merda, *provavelmente* só falei com ele algumas vezes. Ele nunca me disse nada. Mas aquela coisa? A coisa zumbi? O que era aquilo? Aquilo era..."

"Obrigado." Tate apertou o ombro do garoto e o manteve no lugar. "Eu falei sério, fale com alguém. É melhor assim."

"Sim, claro. Tanto faz."

Tate guiou Steve de volta para a sala da enfermaria. Quanto mais se aproximavam, mais o andar do garoto mudava. Quando chegaram à porta, ele já estava se pavoneando.

Ele não estava indo falar com um psiquiatra.

Ele deveria, mas não o fez.

Muito legal para isso.

Steve entrou na sala e Tate esperou que a porta se fechasse atrás dele antes de se dirigir ao policial Pekaruk.

"Onde está o Sr. Marshall? Quero falar com ele novamente."

Quero perguntar a ele por que ele estava decidido a se desviar do protocolo e estava tão desesperado para sair da sala.

O policial Pekaruk olhou em volta.

"Eu não sei. Ele estava bem aqui. Bem ao meu lado."

Bem, ele não está aqui agora.

"E o Archer?"

Pekaruk moveu a cabeça para frente e para trás como se, de alguma forma, tivesse errado os dois homens em sua primeira passagem.

"Desculpe-me, agente Abernathy. Eu estava concentrado nas crianças, ouvindo-as falar."

Tate estava prestes a arrancar uma tira do homem, mas pensou melhor quando percebeu o quanto ele estava frito.

Ele era apenas um jovem policial, e o peso dos eventos do dia estava cobrando seu preço.

Foda-se.

"Você quer que eu ligue para o chefe Archer? Que peça a ele para

localizar o Sr. Marshall?"

"Sim", começou Tate, depois reconsiderou. Archer provavelmente discutiria, talvez até repreendesse Pekaruk por *lhe* dar ordens. "Quer saber? Ligue para Linus." Tate lhe deu o número do diretor. "Ele poderá acessar as câmeras do hospital. Diga a ele para encontrar o Sr. Marshall e trazê-lo de volta para cá. Preciso falar com o professor sobre uma coisa."

Tate imaginou o homem com o blazer barato.

Provavelmente não era nada, apenas o pânico se instalando, mas nunca se pode ter certeza.

Pekaruk acenou com a cabeça.

"Eles disseram alguma coisa enquanto eu estava fora?" perguntou Tate.

"Um pouco, não muito. Tive a impressão de que Tyler não era muito querido. Mia e John também não. Eles estavam falando sobre coisas estranhas, sobre rituais satânicos e abortos. Mas... não sei. Muita culpa, 'você os chamou disso, você os chamou daquilo', esse tipo de coisa."

Era isso que Tate estava tentando evitar. Mas, às vezes, era inevitável. Especialmente com crianças.

Ele pensou então em Rachel, na briga deles.

Às vezes, o mau comportamento também era inevitável com os pais.

"Ok, obrigado."

"Para onde você está indo?" perguntou Pekaruk.

Tate não tinha obrigação de responder, mas sentia que estava em dívida com o homem. Ao contrário de Archer, Pekaruk tinha sido realmente útil.

Apesar de ter deixado o Sr. Marshall ir embora.

"Para descobrir que porra estamos perdendo nesse caso", disse Tate por cima do ombro.

E então ele se foi.

Capítulo 32

"Nós - nós nunca quisemos machucar ninguém. Ninguém. Foi apenas uma brincadeira estúpida." Mia Cross cometeu o erro de lambe os lábios. Um pedaço enorme de pele morta grudou em sua língua e ela passou os segundos seguintes tentando cuspi-lo.

Chase sentiu seu estômago revirar e se perguntou como a mãe da menina estava conseguindo se manter firme. Se fosse Georgina naquela bolha, seu rosto se derreteu, ela...

Mas não é.

Chase freou seus pensamentos descontrolados.

Finalmente, o pedaço de carne se soltou, e Mia continuou.

"Não posso, não posso acreditar que John está morto. *Ohhh*, John..."

Por alguma razão, foi isso que quebrou Brooke Cross.

"Mia", gritou a mulher, repetindo a entonação das palavras da filha, apenas substituindo o nome. "Oh, Jesus Cristo, Mia..."

A mulher estava fazendo um estranho som de miado e Chase sabia que tinha de pôr um fim nisso.

"Você quer ficar aqui, neste quarto, com sua filha?"

Um fac-símile de um aceno de cabeça.

A mulher tinha ranho escorrendo pelo rosto e usou a manga de seu terno caro para limpá-lo.

"Então você precisa ficar quieto. Quando eu terminar, vou garantir que você tenha alguns momentos com ela. Você entendeu?"

Um "*sim*" úmido e borbulhante.

"Ótimo." Chase deu meia-volta, perguntando-se para onde todos tinham ido.

Onde estava o Linus? Stitts? Até mesmo aquele jovem policial?

Não há tempo.

Não há tempo.

Outro atirador.

Acho que ela lhe disse para se vingar. Para fazê-los pagar.

"Mia, concentre-se. Sei que é difícil neste momento, mas você precisa se concentrar. Qual era o seu plano e o do John?"

Mia inalou, estremeceu e, finalmente, continuou.

"Todos zombavam de nós. Não queríamos fazer educação física e ficávamos juntos no banheiro. Eu estava fingindo ter cólicas menstruais e John estava sentado na pia, com as pernas balançando, sem fazer nada. Então, o Brendan entrou e tinha uma expressão nos olhos, e sabíamos que havia algo errado. Mas não sabíamos que ele inventaria todas aquelas mentiras sobre nós. Eu não..." Mia começou a balançar a cabeça e parou. "- Eles disseram que eu estava grávida, que fiz um aborto."

Chase sentiu Brooke tensa ao seu lado e estendeu a mão,

lembrando a mãe perturbada de ficar quieta.

"Não era verdade, nada disso era verdade. Mas continuou crescendo... as mentiras ficaram mais loucas. Brendan começou esses rumores há um ano, hoje. E John... John disse que deveríamos cancelar as aulas. Como se fosse um grande "foda-se" para todos, sabe? Não teremos de faltar à aula de ginástica se não houver escola. Vimos um filme, nem me lembro como se chamava, mas eles colocavam pequenas bombas de cereja no vaso sanitário e a coisa entupia, inundando o lugar. Era só isso *que* queríamos fazer. Era isso. Mas eu não fiz... Ah, merda, algo deu errado. *Muito* errado. O John fez essa pequena bomba... isso... não acredito que ele esteja *morto*."

Chase controlou a garota.

"E quanto ao Tyler? Onde ele entra?"

O único olho de Mia, que estava fixo no pedaço de carne que havia se soltado de seus lábios e agora estava grudado no interior da bolha, girou para olhar para ela.

"Eu não conheço o Tyler!", exclamou ela. "Nós não tínhamos uma arma. Nada disso! Você precisa acreditar em mim. Por favor. Por favor, por favor. Por favor. Por favor. Por favor. Por favor."

"Chase?" Brooke implorou.

"Ainda não", disse Chase com firmeza, depois para Mia: "Como você desligou as câmeras?"

"Não fizemos isso!"

"Vamos lá, eu sei que você é bom com computadores. Se você e John quisessem colocar uma pequena bomba no vaso sanitário, como você diz, faria sentido que cortassem as câmeras para não serem pegos."

"Não... quero dizer, sim, não queríamos ser pegos. Mas todos sabem que há um ponto cego na escada dos fundos e ao redor do banheiro. Foi assim que fizemos - não tivemos de fazer nada para as câmeras."

Chase manteve o olhar monocular da garota. Segurou-o por um longo tempo.

"Você precisa acreditar em mim. Foi só uma pegadinha... uma pegadinha. É isso aí. Uma *maldita* pegadinha e o John..."

O corpo inteiro da garota pareceu ter uma convulsão.

Chase não tinha certeza se isso era o impacto emocional chegando ao ápice ou se os ferimentos de Mia estavam fazendo com que seu corpo se desligasse.

De qualquer forma, esse foi o fim da entrevista.

Chase assentiu com a cabeça, principalmente para si mesma, e começou a se afastar.

"Agente Adams?" A voz desesperada de Brooke a seguiu. "Agente Adams? O que fazemos - o que fazemos, agora?"

Apesar de tudo, Chase sentiu uma onda de compaixão maternal

pela mulher.

Ela forçou isso com todas as outras emoções que estavam se acumulando.

"Arranje um advogado", disse Chase com firmeza, sem voltar atrás.
"Um bom advogado. É isso que você deve fazer."

Capítulo 33

"Preciso de acesso às suas câmeras de segurança", disse Linus ao segurança que estava na estação de computadores. Ele estava preparado para mostrar ao homem seu crachá, mas não havia necessidade.

"Desde quando?" O guarda era magro, não muito mais velho do que os alunos da WCI. Ele se curvou diante da autoridade.

"Há alguns minutos." Linus reconsiderou, lembrando-se de sua conversa ao telefone com o policial Pekaruk. "Há dez minutos, do lado de fora da sala de enfermagem."

O homem assentiu e, em poucos instantes, a filmagem apareceu em um dos três monitores.

"Toque a partir daqui", instruiu Linus.

As crianças já estavam na sala e o Chefe Archer estava do lado de fora fazendo um monte de coisas. Então alguém saiu e, embora Linus nunca tivesse visto o Sr. JC Marshall, ele sabia que devia ser o professor de geografia. Ele simplesmente tinha aquela aparência. "Continue assim."

Tate apareceu, falou com o professor e com Archer e, em seguida, o agente do FBI entrou na sala. Um minuto depois, o policial Pekaruk chegou e disse algo ao chefe Archer. Foi durante essa interação que o Sr. Marshall se afastou sorrateiramente.

Linus apontou para o homem momentos antes de ele sair do quadro.

"Siga-o."

O guarda fez isso, passando por diferentes câmeras para manter a linha de visão. Para a surpresa de Linus, ninguém parou ou sequer falou com o Sr. Marshall. Ele apenas caminhou pelo corredor, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans da mãe, e depois saiu por uma saída lateral.

"Que droga", disse Linus.

O hospital deveria estar fechado. Mesmo com seu crachá, ele teve muita dificuldade em entrar para ver Chase.

Mas esse cara simplesmente sai? E ninguém diz uma palavra sequer?

Eles perderam o JC quando o homem saiu do prédio.

"Obrigado", disse Linus e saiu da sala de segurança abafada, com a intenção de seguir o caminho do Sr. Marshall.

Ele foi parado duas vezes antes de chegar lá fora, e um pensamento lhe ocorreu: *O Sr. Marshall acabou de atravessar o tempo e o espaço como um fantasma.*

Foi uma habilidade adquirida.

Pessoas como o Sr. Marshall não queriam ser vistas e raramente o

eram.

De volta ao carro, Linus pegou o laptop e examinou os registros da escola aos quais tinha tido acesso pela primeira vez há uns três dias.

Uma semana, talvez.

Ele rapidamente descobriu que o homem morava a uma curta distância do hospital e decidiu ir primeiro para a casa dele.

Enquanto isso, amaldiçoava o fato de ter sido mais uma vez obrigado a fazer trabalho de campo.

Linus odiava *muito* o trabalho de campo.

A casa de registro do Sr. Marshall era uma típica residência de classe média de Williamsburg: uma casa colonial de dois andares com revestimento de tijolos vermelhos e acabamento branco. Um Volvo cinza estava estacionado na entrada da garagem, que era emoldurada por arbustos de buxo bem cuidados.

Linus foi até a porta da frente e colocou o distintivo.

Ele bateu duas vezes.

Ninguém respondeu, mas ele viu uma sombra se mover por trás do vidro fosco que ladeava a porta.

"Sr. Marshall?" disse Linus. Ele sentiu sua pulsação acelerar, embora não tivesse certeza do motivo. A sombra não se moveu. "Sr. Marshall, sou Linus Bowen, do FBI. Precisamos que o senhor volte para o hospital."

Ele esperou.

"Sr. Marshall?"

Uma voz finalmente respondeu, mas obviamente não era o Sr. Marshall.

"Ele não mora mais aqui", disse uma mulher. Reservada, reservada.

Linus franziu a testa.

"Ele se mudou? Porque os registros da escola..."

"Ele se mudou."

A experiência de Linus era em computadores, em mineração de dados.

E quebra-cabeças.

Sua experiência com pessoas era limitada, na melhor das hipóteses - suspeitos ou testemunhas ou encontros às cegas que nunca aconteceram, da mesma forma.

Você não precisava interpretar computadores ou dados.

Eles simplesmente... eram.

Linus suspirou.

Maldito Tate. Maldito *Pops*.

Eles não poderiam ser mais opostos, o agente Abernathy e ele mesmo - Tate deveria estar aqui, não ele.

"O Sr. Marshall passou por aqui?"

"Por que viria aqui?", respondeu a mulher imediatamente. "Ele não

tem permissão - ele não pode chegar a menos de 30 metros deste lugar."

Os olhos de Linus se estreitaram. Até ele sabia o que isso significava.

"Bem, *uhh*, você sabe onde ele mora?"

Linus se encolheu diante de suas próprias palavras.

"Ele está alugando um lugar três ruas adiante. Eu disse aos policiais que era muito perto, mas eles disseram que estava fora da ordem de restrição. Vocês se recusaram a fazer algo a respeito."

Eu não sou policial", Linus quase disse, mas percebeu no último momento que essa seria a coisa mais errada a se dizer.

"Sra. Marshall, pode me dar o endereço..."

"Não sou a Sra. Marshall", disse a mulher com raiva.

"Certo, me desculpe. É que, você ficou sabendo do que aconteceu na escola?"

"O que aconteceu na escola?"

Linus olhou para o céu.

O que está fazendo?

"Posso ter o endereço dele, por favor?"

"Como eu disse, duas ruas acima da Callebury Crescent."

"Você tem um número de casa ou..."

"É o lugar mais ruim do quarteirão. Não dá para perder. Agora, o que aconteceu na escola?"

"Dê uma olhada nas notícias."

Linus voltou correndo para o carro e dirigiu até Cranbury Crescent.

A mulher - *não* a Sra. Marshall - estava certa: ele não teve problemas para encontrar a casa.

Em um determinado momento, poderia ter sido bom, poderia ter se encaixado com as casas ao redor.

Mas não agora.

A grama estava coberta de dentes-de-leão na altura das canelas, os pisos que compunham a calçada da frente estavam rachados e irregulares.

Sem carro.

Não querendo ficar desinformado novamente, Linus fez uma rápida pesquisa sobre o nome do Sr. Marshall antes de se dirigir à porta.

O homem havia trabalhado na WCI por três anos, três anos aparentemente sem intercorrências. Linus investigou mais a fundo e ficou surpreso ao descobrir que JC também havia sido aluno da WCI décadas atrás. Ele fez uma anotação mental desse fato e obteve a ordem de restrição do homem.

Pela primeira vez, o policial que havia preenchido o relatório tinha exagerado nos detalhes, e Linus ficou grato.

O policial observou que quando eles chegaram, após receberem

uma ligação frenética para o 911 da então Sra. Marshall, JC estava no gramado da frente. Sua aparência foi descrita como "desgrenhada", e ele estava furioso. O homem gritava repetidamente que sua esposa estava tendo um caso.

Ele foi detido enquanto conversavam com a esposa do homem.

Melissa Marshall alegou que seu marido havia chegado em casa, inventado mentiras sobre um caso e, quando ela gritou para ele sair, ele a agrediu com um tapa.

Caso ou não, o policial prendeu JC e o acusou de agressão doméstica. Posteriormente, as acusações foram rebaixadas, mas Melissa conseguiu obter uma ordem de restrição.

Apesar de o divórcio ainda estar pendente, um adendo informava que Melissa agora estava usando seu nome de solteira, Walsh.

Munido dessas informações, Linus finalmente se aproximou da casa. Antes de bater à porta dessa vez, ele espiou pela janela da frente. Lá dentro, ele descobriu uma cena que mostrava um homem perturbado com a separação e talvez esperançoso de uma reconciliação. Havia muitas caixas fechadas empilhadas.

Havia uma configuração de PC, uma boa configuração, em um dos lados e Linus viu que as caixas haviam sido organizadas de forma a permitir que JC tivesse acesso livre a essa mesa.

Ele bateu na porta, sem esperar resposta pelo fato de as luzes estarem apagadas.

Mas Linus ouviu passos e a porta se abriu rapidamente.

JC Marshall estava diante dele, cansado e confuso, parecendo exatamente como Linus esperava que alguém que acabara de passar por uma provação dessas aparecesse.

"Sr. Marshall, meu nome é Linus Bowen, do FBI."

"Como posso ajudá-lo?"

"Meus colegas e eu gostaríamos de conversar no hospital."

"Eu não deveria ter ido embora? Ninguém me disse para não ir embora."

"Não, está tudo bem. Meu chefe só quer conversar sobre um de seus alunos." Linus ficou surpreso com a facilidade com que a mentira veio. O policial Pekaruk não havia explicado por que Tate queria falar com JC. "Você pode vir comigo?"

"É claro", disse JC, abrindo ainda mais a porta. "Entre. Só preciso pegar meus sapatos." Linus acenou com a cabeça e seguiu o homem para dentro, mantendo a porta aberta atrás dele. O Sr. Marshall continuou falando enquanto entrava na casa.

"É verdade o que estão dizendo no noticiário?"

"O que eles estão dizendo?"

Os olhos de Linus naturalmente se voltaram para o computador do homem. Não era tão elaborado quanto sua configuração - Linus tinha

mais de trinta mil dólares em equipamentos em sua casa - mas era muito bom. Um gabinete de PC personalizado, dois monitores empilhados.

"Que três alunos fizeram isso. Que eles colocaram uma bomba no banheiro."

"Ainda estamos tentando resolver os detalhes."

Linus, atraído pelo equipamento, deu um passo para trás, admirando-o.

Demorou alguns segundos, mas acabou percebendo algo que não se encaixava.

Ao lado do teclado mecânico e do mouse com revestimento RGB, havia um telefone antigo.

Um telefone que parecia estranhamente familiar para Linus.

Onde já vi um telefone como esse?

E então seu sangue esfriou.

Era a mesma marca que haviam encontrado no corpo de Tyler Clavin.

"Sr. Marshall?" disse Linus, odiando o tremor que se instalara em sua voz. Ele começou a pegar sua arma. "Sr. Mar-"

Ele nem sequer viu o homem chegando. Ele o ouviu, com certeza, mas antes que pudesse se virar, algo o atingiu na parte de trás da cabeça e o mundo inteiro de Linus Bowen ficou escuro.

Capítulo 34

Chase virou a esquina e deu de cara com Tate, entre todas as pessoas.

"Tate? Que diabos está fazendo aqui? Por que não está na escola?"

"Eu estava, mas não há nada lá, Chase. Como está a Georgina?"

Chase o abraçou então. Ela não havia planejado isso, nem sequer havia pensado nisso. Ela sempre fez o possível para manter separadas suas vidas pessoais e profissionais, mas esse caso as uniu, tornou-as uma só.

O abraço era o que ela precisava - o que ambos precisavam, se o modo como Tate quase caiu sobre ela fosse alguma indicação. Chase se lembrou de que, embora Georgina fosse sua sobrinha, sua responsabilidade, o homem a amava muito.

"Ela está em um quarto particular. Ela está... ela vai ficar bem, Tate."

As costas de Tate se ergueram e caíram, e então ele quebrou o abraço.

"Bom. Bom." E então ele começou a falar em um ritmo acelerado.

Ele explicou os buracos de bala na sala 212, a maneira estranha como um aluno descreveu o comportamento do professor quando a merda aconteceu. A cada palavra, Chase sentia seus olhos se arregalarem um pouco mais.

"Onde está o professor agora?", perguntou ela, toda profissional.

"Linus está procurando por ele. E quanto a você? Descobriu alguma coisa?"

"Mia acordou." Ela imaginou o rosto queimado da garota, aquele pedaço de pele rebelde agarrado ao interior da bolha que a envolvia. "Ela está em péssimas condições. Mas ela diz que não conhece Tyler, que toda a bomba foi apenas uma brincadeira. Hoje é o aniversário de quando começaram os boatos sobre ela e John. Ela disse que eles só queriam causar uma enchente, não queriam machucar ninguém."

Tate zombou.

"Sério?"

"Sério", disse Chase, irritada com a reação de seu parceiro. "Tate, acho que acredito nela."

Tate a observou por alguns segundos.

"Parece um pouco... *coincidente*".

Chase pensou em Stitts.

"Sim, é verdade. Mas isso não significa que não seja verdade."

"A Mia disse alguma coisa sobre as câmeras?"

Chase acenou com a cabeça.

"Ela disse - ela disse que não tinha nada a ver com isso."

"Então, esse era o Tyler? Com seus quarenta por cento ou o que

quer que seja em computadores?"

"Tate", disse ela com um suspiro, "eu não sei. Eu não sei..."

Chase parou quando um homem se aproximou. Ele era careca, alto e parecido com um guindaste, e se movia como alguém com presença imponente.

Ótimo, pensou ela. *Outro idiota do departamento que quer assumir o controle. Continue andando.*

O homem parou e observou os dois.

"Sou o diretor Paul Prentiss. Estou procurando os agentes...", ele pensou por um momento. "Adams e Abernathy... eu acho?"

"Bem, vocês nos encontraram", disse Tate, indicando os dois.

O rosto do homem se ergueu.

"Sério? São vocês? Muito obrigado pelo que fizeram hoje. Por... minimizar os danos.

Minimizar os danos?

As mãos de Chase se fecharam em punhos.

Ela não gostava desse homem. Havia algo de estranho nele. Ele tinha acabado de sofrer um tiroteio em sua escola e parecia... desapaixonado.

A diretora Prentiss deveria estar chocada, até mesmo irritada. No mínimo, chateada.

Ele não era nada disso.

Na verdade, ele parecia estar... se insinuando para eles. Como se quisesse crédito por *minimizar os danos* quando não fez absolutamente nada.

"Onde você estava quando houve a explosão?" Chase disse com severidade.

O homem se endireitou até atingir sua altura máxima. Ele devia ter pelo menos um metro e meio de altura.

"Como eu disse ao chefe de polícia pelo telefone, eu estava na sala da secretária. As portas se trancaram, prendendo-me lá dentro. Não consegui sair até que vocês destrancassem tudo."

"O que você estava fazendo no escritório dela?" perguntou Tate, e Chase sentiu um significado mais profundo em suas palavras.

"Estávamos apenas verificando os registros de presença."

E foi por isso que o homem estava mentindo.

Tate lhe lançou um olhar conhecedor e continuou com suas perguntas.

"Você conhece Tyler Clavin, Mia Cross e John Schaffer?"

"É claro", disse o homem com um aceno brusco de cabeça. "Conheço todos os meus alunos. No entanto, eu não sabia que eles eram capazes disso."

"Nunca dissemos que eles estavam envolvidos", comentou Chase.

O homem começou a mover seus pés do tamanho de uma canoa.

"Eu ouvi... eu ouvi um policial falando. E o noticiário disse..."

"O que você sabe sobre eles?" Chase interrompeu, tentando manter Prentiss fora de equilíbrio, não lhe dando tempo para planejar outra mentira.

"Como eu disse no rádio, no ano passado tive que suspender três alunos porque eles estavam intimidando a Mia e o John. Mas achei que era só isso. Achei que estava tudo acabado."

Dessa vez, foi o Tate: "E o Tyler?"

Os lábios de Prentiss se apertaram com tanta força que seu filtro ficou enrugado.

"Tyler... ele estava prestes a ser expulso. Nunca assistiu a nenhuma aula. Entrei em contato pessoalmente com o pai dele em várias ocasiões, mas ele nunca nos respondeu. Ele é... problemático".

Chase não tinha certeza se o homem estava se referindo a Tyler ou ao pai dele, mas decidiu que isso não importava. Ela já tinha uma imagem dos dois em sua mente.

"Como é que alguém assim, como o Tyler, frequenta uma escola particular como a WCI?"

"Bolsa de estudos".

"Sério?"

"Sim, mas, como eu disse, Tyler estava prestes a ser expulso."

"Só mais uma coisa, Sr. Prentiss", disse Tate. "Qual é a sua opinião sobre o professor de geografia? Do JC Marshall?"

Chase viu as pupilas do diretor se dilatarem, telegrafando sua mentira.

"Não tive mais do que um punhado de interações com o homem."

"E quanto aos alunos? Como ele estava com os alunos?" Tate continuou.

"Por que todas essas perguntas sobre o Sr. Marshall?"

O diretor estava tentando obter o controle da situação.

Chase não permitiu que ele o fizesse - ela manteve a pressão.

"Estamos fazendo as perguntas aqui."

A mandíbula do homem se contraiu.

"Acho que ele não era muito querido", disse o Sr. Prentiss sem rodeios. "Recebi algumas reclamações de que ele tratava alunos específicos de forma injusta. Muitos professores também tiveram problemas com ele."

"Tyler foi um dos garotos que fez uma reclamação sobre o Sr. Marshall?" perguntou Tate.

Chase leu a linha de questionamento de Tate.

Ele estava pensando que talvez o Sr. Marshall fosse o verdadeiro alvo.

No entanto, a resposta de Prentiss anulou essa ideia e, pela primeira vez, ele parecia estar dizendo a verdade.

"Na verdade, não. Foram outros alunos, os mais populares."

"Como o Steve?"

"Steve Harrison?"

Tate deu de ombros.

"Claro."

Prentiss inclinou a cabeça para cima.

"Sim, acho que ele era um deles. O que você está fazendo..."

"Sr. Prentiss, acho que o senhor deveria ficar por aqui. Fique no hospital", ordenou Chase.

"Eu estava planejando isso. Quero falar com meus alunos e assegurar-lhes que tudo ficará bem."

Nem tudo vai ficar bem, pensou Chase, mas disse: "Provavelmente é melhor você não falar com ninguém".

Chase fez um gesto em direção a um policial uniformizado e o homem se apressou a chegar.

"Fique com o Sr. Prentiss aqui", ordenou ela. "Ele não deve sair do hospital. Ele também não deve falar com nenhum dos alunos."

"Agente Adams, isso realmente não é necessário."

"Oh, é necessário."

Chase agarrou o ombro de Tate e o levou para longe.

Quando eles estavam fora de alcance, Chase disse: "Há algo nele, algo errado".

"Concordo. Mas, neste momento, precisamos encontrar Linus. Linus e JC Marshall."

Capítulo 35

Georgina abriu os olhos.

Os vestígios de um pesadelo nublaram sua mente e o suor brotou em sua testa.

No sonho, ela estava de volta à escola. Tyler estava na frente dela, com a arma na mão.

Em vez de convencê-lo dessa vez, Georgina pegou a arma.

Tyler apertou o gatilho e uma bala atingiu a coxa dela. Então, com Georgina boquiaberta, incapaz de compreender o que havia acabado de acontecer, o garoto pediu desculpas, largou a arma e correu.

Georgina sabia um pouco sobre tiros e imaginou que, se uma pessoa levasse um tiro na perna, desde que a artéria femoral não fosse atingida, a probabilidade de sobrevivência era alta.

Ambos teriam sobrevivido.

Por mais que se importasse com Martin, por mais que estivesse triste com o fato de ele ter sido morto, Georgina também sentia algo por Tyler.

Será que foi por causa da estranha visão que ela teve, seja lá o que for?

Ou seria porque ela conseguia simpatizar com ele?

Ela *nunca* teria chegado ao ponto que Tyler chegou, não importa quantas vezes tenha sido chamada de Culty ou coisa pior.

Mas ainda assim...

"Chase?" Ela precisava falar com alguém.

Georgina olhou em volta.

Ela estava sozinha no quarto, cercada por equipamentos médicos.

"Chase?" O desespero começou a se infiltrar em sua voz.

Em algum momento durante o cochilo, o soro foi removido das costas de sua mão. Apenas o monitor de oxigênio em seu dedo permaneceu e ela o retirou sem pensar muito.

A cabeça e as costas de Georgina ainda doíam por ela ter sido jogada no armário pela bomba, mas nada estava quebrado.

Ela se considerava incrivelmente sortuda.

Cerrando os dentes, Georgina saiu da cama e se dirigiu lentamente para a porta.

Ela olhou pela janela, surpresa com o fato de o corredor estar relativamente desprovido de presença policial.

Abrindo um pouco a porta, ela repetiu mais uma vez o nome da tia, embora Chase não estivesse à vista.

Ela se sentiu um pouco como uma condenada fugitiva ao sair do quarto, sem nenhum destino real em mente.

Georgina só queria encontrar sua tia.

Fale sobre seus sentimentos e pergunte se o que ela sentiu a tornou

uma pessoa ruim.

De cabeça baixa, Georgina começou a andar. Passou por dois policiais, nenhum dos quais sequer a notou.

Parecia que ela estava de volta à escola. Ficando fora do caminho dos outros, esperando silenciosamente que todos a deixassem em paz.

Por fim, ela ouviu vozes, pessoas de sua idade conversando. Georgina seguiu o som, que a levou a uma sala no final do corredor.

Ela olhou para dentro e ofegou.

Todos eles estavam lá.

Shawn, Sweater Girl, o restante com nomes que ela não conhecia e não se importava em conhecer.

Assassinos, todos eles.

E eles estavam rindo.

Rindo.

A fúria a invadiu, e Georgina abriu a porta com um empurrão.

Assim que ela fez isso, a sala ficou em silêncio.

Shawn a notou primeiro e o sorriso torto não caiu de seu rosto, mas se *desfez*.

"Georgina", disse ele. "Você está bem. Fico feliz por você estar bem."

Dessa vez, não houve Culty, mas Georgina o encarou, mesmo assim.

"Georgina, você nos salvou", exclamou a Garota do Agasalho, quase tonta. "Você salvou todo mundo."

"Você o matou", ela sussurrou.

Os olhos da Sweater Girl se arregalaram.

"O quê?"

Georgina atravessou a sala e empurrou a garota no peito. Suas mãos voltaram encharcadas.

"Você o matou."

Ninguém reagiu, nem mesmo quando a Sweater Girl caiu de bunda no chão.

Eles apenas observavam horrorizados.

"Georgina", disse Jim, ou talvez Shawn, por fim.

"Não sou heroína e nenhum de vocês também não é." Georgina, agora com os olhos vermelhos, apontou para cada um deles. "Nenhum de nós é herói."

"Mas..."

"Não, *mas*. Você o matou". Uma das outras meninas ajudou a aluna caída a se levantar e elas se abraçaram. O medo em seus rostos não fez nada para acalmar a raiva de Georgina. "Você o matou."

"Era ele ou nós", disse Shawn, com aquele olhar orgulhoso, porém sinistro, voltando ao seu rosto. "Fizemos o que ele tinha de fazer para sobreviver."

"Que merda você fez!" Georgina gritou. "Ele não estava com a arma! Eu tinha! *Eu tinha! Você não precisava tê-lo matado!*"

A intensidade de sua voz fez com que todos se afastassem dela, até mesmo Shawn.

Georgina engoliu esse espaço vazio com dois passos agressivos.

"Você poderia ter simplesmente..."

A porta se abriu atrás dela.

"O que está acontecendo?"

Georgina se virou tão rapidamente que quase perdeu o equilíbrio.

Era um policial com uniforme completo.

"Eles o mataram!", ela gritou a plenos pulmões. "Eles mataram o Tyler, porra! Prendam-nos! Prendam todos eles!"

Capítulo 36

O policial Pekaruk, com o rosto vermelho, correu pelo corredor em direção a Chase e Tate.

Que diabos está acontecendo agora?

"Pekaruk? Qual é a situação?" exigiu Chase.

"Veio de fora, o chefe Archer está organizando uma coletiva de imprensa. Achei que você deveria saber."

"Droga", disse Chase. "Diga a ele para *não* falar com a imprensa."

O rosto de Pekaruk se contraiu.

"Você provavelmente deveria contar a ele. Eu sou apenas um..."

"Chase? Tate?" [\[PL2\]](#)

Chase se virou e viu Stitts vindo em direção a eles.

Onde você esteve?

Havia muitas partes em movimento nessa investigação, desde o início.

"Archer vai falar com a imprensa", informou Tate ao diretor.

Stitts passou a mão pelo cabelo.

"Ninguém deve falar com a imprensa", disse Chase.

"Eu cuidarei disso", respondeu Stitts.

O comportamento calmo do homem irritou Chase.

"Nós ainda não sabemos..."

"Agente Adams, eu disse que vou cuidar disso."

Tate se moveu protetoramente para o lado dela.

Isso não passou despercebido por Stitts.

"Eu estava conversando com alguns dos alunos", disse o diretor, tentando amenizar a situação com uma explicação, "os celulares deles ainda estão trancados na escola. Alguns estão bastante chateados - eles querem falar com os pais. Diga a eles que estão bem. Levará muito tempo para entrar em contato com cada um deles individualmente. A melhor maneira de fazer isso é em uma coletiva de imprensa".

A explicação funcionou principalmente porque a abordagem irritantemente sensata de Stitts fazia sentido para Chase.

"Alguma notícia do Linus?" perguntou Tate.

Stitts levantou uma sobrancelha.

"Ele não está aqui?"

O homem não estava a par da situação. Tate começou a explicar o que eles haviam descoberto, mas foi interrompido pelo rádio do policial Pekaruk.

"Pekaruk aqui, vá em frente."

"Estamos tendo um pequeno problema no segundo andar. Um 10-29 em andamento."

"Já estou indo para lá."

Pekaruk, esquecendo-se de que todos estavam olhando para ele,

começou a se afastar.

"Ei, o que é um 10-29?" perguntou Chase. Ela não estava atualizada em seus códigos policiais.

"Uma briga. Está havendo uma briga no segundo andar."

Chase sentiu a adrenalina inundar seu sistema e começou a correr.

Tate seguiu.

"Esse é o andar de Georgina", disse ela, sem perder o ritmo.

Chase subiu as escadas e parou completamente, derrapando no piso de linóleo polido.

Georgina estava no meio do corredor, com o rosto vermelho e as pernas projetadas para fora da arma do hospital, chutando loucamente.

Havia um policial segurando-a pela cintura, lutando para impedir que ela se soltasse. Na sala atrás deles, Chase viu um grupo de alunos com aparência assustada.

"Coloque-a no chão!" Chase gritou.

Com todo o tumulto, principalmente por causa de Georgina, o policial não a ouviu.

"Ponha-a no chão, porra!" Chase repetiu, mais uma vez se mobilizando.

O policial virou a cabeça para ela.

"Ela agrediu um dos alunos. Ela..."

O homem parou de falar quando viu a mão de Chase pegar a arma. Ela não a sacou, mas o gesto foi inequívoco.

Tate, vindo por trás, bateu em seu braço, afastando-o de sua peça - provavelmente acidental, mas talvez não.

"Agentes do FBI Abernathy e Adams", disse ele. "Este é o nosso caso. Deixem a garota ir embora."

O homem, ainda perplexo, levantou as mãos e se afastou.

No instante em que ele fez isso, Georgina avançou em direção à sala cheia de crianças.

Um dos alunos ficou bem à vista e Chase o reconheceu.

Ele fazia parte da máfia que havia causado a morte cerebral de Tyler Clavin, e Chase entendeu imediatamente o que havia acontecido.

"Georgina! Pare!" A ordem foi dada de forma tão brusca que todos pararam de se mover, até mesmo o policial, que ainda não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

Georgina viu Chase pela primeira vez e toda a cor de seu rosto se esvaiu.

"Chase?", sussurrou a garota. "Eles o mataram."

Chase correu até a sobrinha, não muito diferente do que havia feito na escola, e a abraçou, segurando a parte de trás de seu cabelo laranja emaranhado.

"Está tudo bem", ela sussurrou no ouvido da sobrinha de Georgina. "Vai ficar tudo bem."

"Não fizemos nada", disse um aluno, agora corajoso o suficiente para colocar a cabeça no corredor. "Ela simplesmente entrou aqui e começou a gritar. Empurrou a Stacy para o chão."

"Você deveria estar vigiando o quarto dela", gritou Tate para o policial, ignorando o aluno.

"Fui dar uma mijada, cara", disse o policial, na defensiva. "Foram dois minutos, só isso. Ela simplesmente perdeu a cabeça."

Chase continuou a abraçar Georgina enquanto Tate arrancava uma tira do policial.

"Ela deveria ser presa", proclamou outro garoto. "Empurrando alguém..."

"Volte para o quarto e fique lá", ordenou Tate.

Chase ouviu uma porta abrir e fechar.

"Eles não precisavam fazer isso, Chase", disse Georgina entre soluços. "Ele não tinha mais uma arma."

"Eu sei, querida, eu sei." Chase queria ficar ali, segurando sua sobrinha pelo maior tempo possível, mas sabia que quanto mais distância ela colocasse entre Georgina e a multidão, melhor a garota se sentiria. "Você precisa descansar."

Chase levantou Georgina, certificando-se de manter o rosto da garota pressionado contra seu peito enquanto caminhavam de volta para o quarto dela.

Ela sentiu o corpo de Georgina ficar mole quando a baixou na cama.

"Chase?", a voz da garota estava incrivelmente calma.

"Sim?"

"Eles não precisavam fazer isso."

Não, mas fico feliz que tenham feito isso.

"Eu sei. Apenas descanse. Apenas..."

"Eu... eu tive um sonho. Sobre o Tyler. Sobre ele estar bem. Eu... me sinto mal pelo que aconteceu com ele. Sei que ele matou Martin, mas ele diz que foi um acidente. Ele... ele... isso faz com que eu goste dele?"

O coração de Chase se partiu e ela teve que usar cada grama de força que lhe restava para não desmoronar.

"Não. Não, de forma alguma. Você se saiu muito bem, Georgina. De verdade. Agora descanse."

Georgina finalmente a soltou e fechou os olhos.

"Não sou uma heroína", sussurrou a garota.

Sim, você é, pensou Chase. Você é uma heroína, Georgina. Você é mais heroína do que eu jamais fui ou serei.

"Eu já volto."

Chase começou a dar ordens assim que saiu do quarto de hospital da sobrinha.

"Não quero que ninguém se aproxime dela. Nem um -" ela parou.

Tate parecia ainda mais pálido do que o policial que acabara de repreender.

"Tate?"

O celular na mão de seu parceiro começou a tremer.

"Era o Linus - ele foi nocauteado."

Chase não entendeu.

"Nocauteado? Do que está falando?"

"Ele foi atingido na nuca e ficou inconsciente."

"Eu sei o que significa nocauteado, Tate! Quem o atingiu?"

"JC Marshall. Chase, estamos entendendo tudo errado. Tyler não estava tentando chegar a alguém no quarto 212, ele estava tentando tirar alguém *de lá*."

Capítulo 37

"Não sei... não sei para onde ele foi", disse Linus. Ele gemeu enquanto esfregava a nuca.

Poderia ter sido pior. JC poderia ter batido nele com uma frigideira em vez de uma caneca de cerâmica grossa.

Ainda assim, isso deixaria uma marca.

"Ele dirigiu, andou, o quê?" Tate perguntou pelo telefone.

"Não sei, *papai*. Eu não-espere, o carro dele não estava na entrada da garagem. Acho que ele veio a pé até aqui, seu carro provavelmente está na escola."

"Merda." Linus ouviu Tate dizer algo para outra pessoa, mas não percebeu. Tate voltou ao telefone. "Há quanto tempo foi isso?"

Linus olhou para seu relógio inteligente.

Quando ele chegou aqui? Duas e meia? Às três? Quando ele deixou a casa de Melissa Walsh?

"Não faço ideia, Tate."

Não havia como saber.

"Está bem, está bem. Linus, quais são as chances de o Sr. Marshall ter se assustado, de ter TEPT ou algo assim e de não estar realmente envolvido no tiroteio?"

Os olhos de Linus foram imediatamente para a mesa do computador, e seu olhar se fixou no celular.

Amanhã, dizia a mensagem. Mesmo sem abrir o celular, que provavelmente estava bloqueado, ele sabia que a mensagem tinha vindo daquele mesmo aparelho.

"Ele tem o mesmo queimador que o Tyler. Eles estavam trabalhando juntos, Tate. Tenho certeza disso. Ele também foi aluno da WCI anos atrás."

"Que merda. Volte para cá o mais rápido possível".

Tate desligou.

"Não se preocupe, *papai*, eu vou ficar bem. Apenas uma lesão cerebral leve, NBD", disse Linus para o ar morto.

Ele foi até a mesa, pegou o telefone e voltou para o carro.

Enquanto acelerava em direção ao hospital, ele fez uma promessa a si mesmo, além da que havia feito anteriormente sobre nunca ir até a porta de alguém sem antes saber tudo sobre a pessoa.

Jamais entrarei em um prédio sem ter pelo menos a mão em minha arma. É melhor sacar primeiro, por precaução.

Linus passou por uma lombada rápido demais e estremeceu quando a dor surgiu na parte de trás da cabeça, onde ele havia sido atingido.

Que se dane isso - que se dane tudo isso. Nunca mais vou entrar em campo.

Tudo fazia sentido agora.

JC Marshall, o professor de geografia de Tyler Clavin, estava preparando o garoto para atirar na escola.

E ele tinha toda a intenção de participar da loucura.

O motivo pelo qual Tyler nunca usou o rifle automático foi porque não era para ele.

Foi para JC Marshall.

"Você está certo, Tate, Tyler estava tentando tirar JC Marshall da classe."

Certo ou não, Chase não detectou orgulho no rosto do homem.

"Ele está a pé... e sabe que estamos atrás dele. Ou ele está fugindo ou..."

"- ou ele está vindo para cá para terminar o que Tyler começou", Chase concluiu para seu parceiro. "O que significa que todo aluno deste hospital é um alvo em potencial."

Tate balançou a cabeça, não em desacordo, mas em repulsa.

"Droga, eu perdi isso."

"Não importa." Chase olhou para o policial. Ele ainda estava no escuro, confuso e abalado. "Ninguém vem para este andar, entendeu? Ninguém." Ele assentiu com a cabeça, mas de uma forma que não inspirava confiança. "Entendeu?" Chase repetiu agressivamente.

O policial tentou sacar sua arma, mas ela ficou presa.

"Entendi. Entendi."

O policial Pekaruk finalmente chegou ao segundo andar.

"O que é..."

"Pegue o telefone e diga a todos que se JC Marshall aparecer no hospital, ele deve ser preso imediatamente. O homem é considerado armado e perigoso. Diga a Archer para emitir um alerta", instruiu Tate.

"Archer está falando com a imprensa junto com seu diretor. Ele pediu que a maioria dos policiais o acompanhasse lá fora. Ele..."

"Não quero saber! Diga a ele para emitir um alerta *agora!*"

Pekaruk decolou como um foguete.

"A bomba foi uma coincidência, no fim das contas", disse Tate, seguindo com Chase em direção às escadas. "Ela estragou os planos deles, prendeu o Marshall em seu quarto. Aposto que ele trancou as saídas e desligou as câmeras, mas nunca pensou em uma bomba ou no bloqueio."

"E quando ele não conseguiu sair, decidiu se fazer de bobo", confirmou Chase. "O pedaço de merda teve sorte de Tyler ter sido atacado pela máfia para que ele não pudesse falar."

"Precisamos encontrá-lo. Precisamos..."

"Atenção, por favor. Código Silver, primeiro andar, asa D. Por favor,

respondam de acordo com o protocolo. Código Silver, primeiro andar, asa D. Obrigado."

Chase sabia menos sobre códigos hospitalares do que sobre os códigos da DP de Williamsburg, mas isso não parecia bom.

Tampouco os três tiros que se seguiram à mensagem do hospital, vindos de algum lugar abaixo deles.

Capítulo 38

Eles haviam cometido outro erro crítico, que se tornou óbvio no segundo em que viram o primeiro dos dois corpos na asa D.

Os alunos não eram os alvos, pelo menos, não eram os *únicos* alvos. A *equipe* era ótima.

O diretor Paul Prentiss estava sentado contra a parede, com os azulejos brancos do metrô salpicados de sangue.

Ele estava quieto.

Assim como o policial que Chase havia instruído a vigiar o diretor. O homem nem sequer havia sacado a arma.

E por que ele faria isso?

Pekaruk ainda não havia recebido a mensagem. E com todos os policiais do lado de fora, reunidos em torno de seu chefe, o professor de geografia provavelmente havia entrado no hospital, bem perto de Prentiss.

Antes de atirar em seu peito e na cabeça.

O policial foi pego de surpresa e levou um tiro no esterno por seus problemas.

Como era de se esperar, houve um pandemônio.

Talvez houvesse um procedimento de bloqueio em vigor no hospital, provavelmente havia, mas havia pacientes aqui.

Pessoas normais, comuns, que estão tendo seus pólipos removidos ou sendo tratadas de um tornozelo torcido.

Com ferimentos ou não, eles agora estavam fugindo da carnificina, gritando e agitando os braços.

Chase se aproximou dos corpos, procurando desesperadamente pelo professor com a arma. Só que, ela percebeu rapidamente, não sabia como era JC Marshall.

"Tate? Como ele é?", ela gritou por cima do ombro. "Como é o Marshall?"

"Blazer curto e feio. Cabelo comprido e fino", respondeu Tate.

Era difícil enxergar, difícil identificar qualquer coisa, exceto as pessoas de vestido, cujos rostos eram cópias da figura da pintura icônica, *The Scream*.

"Mexa-se!", gritou ela, sacando sua arma. "Saíam do caminho!"

Quando os pacientes, médicos e enfermeiras viram sua arma, seus gritos se intensificaram. Alguns se esconderam nos quartos, lembrando um pouco a cena de Chase no WCI.

Outros fugiram na direção oposta, causando ainda mais caos.

Chase avistou um policial, o primeiro que ela viu nesse andar além do que estava no chão, aproximando-se do policial caído. O idiota estava apenas cobrindo a boca enquanto olhava para o corpo.

"Você!" Chase gritou. "Ei, você!"

Agora, o policial se virou e, quando viu a arma dela, ajoelhou-se e pegou a sua.

Tate correu para a frente dela.

"FBI!", ele gritou. "FBI!"

Por um segundo, o homem continuou tentando puxar sua arma.

Chase pensou que teria que atirar nele.

Mas então ele parou e levantou as mãos.

"O que aconteceu? O que..."

"Você viu um homem com... um homem baixo com um blazer feio, cabelo longo e fino?" perguntou Chase, repetindo textualmente as palavras de Tate.

"I-"

"Você o viu?"

"Sim, eu acho."

"Para que lado ele foi?"

O policial se virou e apontou para o corredor.

"Subir as escadas", disse ele. "Ele subiu as escadas."

A asa D corria perpendicularmente ao andar acima do qual eles tinham acabado de sair.

O piso *de Georgina*.

E havia outro atirador ativo à solta por lá.

"Ninguém sai", gritou Chase para quem quisesse ouvir. "Ninguém sai do hospital!"

E então ela estava fugindo novamente.

Capítulo 39

Um pódio improvisado havia sido montado do lado de fora da entrada principal do hospital, e Linus viu o chefe Archer e Stitts no comando.

Eles estavam ladeados por mais de uma dúzia de policiais uniformizados de Williamsburg.

Que diabos eles estão fazendo aqui? Eles deveriam estar lá dentro, procurando por JC Marshall!

Linus estacionou duas vezes o mais próximo possível e saiu.

Ele pretendia ir até Stitts e informá-lo de que haviam descoberto quem era o último pistoleiro, mas então a merda realmente aconteceu.

Alguns dos policiais conseguiram se virar momentos antes de as portas se abrirem e os pacientes começarem a sair.

Que porra é essa?

Vários dos indivíduos que usavam vestidos, olhando por cima dos ombros, se chocaram contra os policiais, derrubando-os. Era como um dominó humano.

O pódio tombou, as câmeras de notícias caíram no chão.

As pessoas gritavam.

Linus mudou sua abordagem - ele não ia chegar nem perto das portas da frente. Em vez disso, ele correu pela lateral, passando por entre a multidão crescente.

Ele avistou uma porta e correu para ela.

Um policial armado saiu e o deteve em seu caminho.

"Uau! Uau! Eu sou do FBI!" Linus não reconheceu sua própria voz. Era muito aguda.

"Ninguém pode entrar ou sair", disse o policial, sem baixar a arma. Ele era um desses policiais, o tipo de pessoa que passava muito tempo na academia, um homem que vivia para momentos como esse.

Um policial com um gatilho de grampo de cabelo, figurativa e literalmente.

Normalmente, Linus teria simplesmente dado meia-volta. Mas Chase e Tate estavam lá dentro.

Georgina também.

E por mais que ele odiasse o trabalho de campo, eles eram seus amigos.

Ele era leal até o limite.

"Preciso entrar. Sou do FBI."

"Sem chance, amigo. Volte para trás. Dê o fora daqui."

"Você tem que me deixar entrar."

"Não está acontecendo."

"Por favor, eu..."

O rádio do policial ficou ativo.

"Aqui é o Oficial Pekaruk, tiros disparados, primeiro andar, ala D. Fique alerta para um indivíduo do sexo masculino. Baixo, vestindo um blazer de tweed. Armado, perigoso."

É ele, pensou Linus, sua pulsação ficou tão forte que reacendeu a dor em seu crânio. Jesus Cristo, é o JC Marshall. Ele está no hospital.

O policial estreitou os olhos e Linus sabia que o homem estava considerando suas opções.

Linus tomou a decisão por ele.

"Estou indo embora, ok? Estou indo embora. Só não atire em mim, porra."

Com as mãos para cima, ele se afastou e sumiu de vista.

Momentos depois, Linus reapareceu. Quando viu que o posto do policial havia sido abandonado, sacou sua arma.

Jamais entrarei em um prédio sem ter pelo menos a mão em minha arma. É melhor sacar primeiro, por precaução.

Ele havia se esquecido de sua outra promessa, a de não fazer trabalho de campo.

Ao entrar no hospital, Linus viu uma multidão de pessoas no andar térreo. Alguns dos policiais que estavam do lado de fora com a mídia conseguiram entrar e estavam tentando, sem sucesso, recuperar alguma aparência de ordem.

Mas Linus sabia que JC Marshall não tinha intenção de ficar no andar principal.

A multidão que havia eliminado Tyler estava alojada no andar de cima.

É para lá que ele estaria indo.

E era para lá que Linus estava indo também, com ou sem promessa.

Capítulo 40

Georgina não estava dormindo, na verdade não. Ela estava se revirando naquele estranho purgatório que existia entre o sono e a vigília.

O som de três tiros não a convenceu de que estava mais perto de qualquer um dos estados. Tampouco as luzes piscantes com as quais ela se deparou quando abriu os olhos.

Isso foi uma explosão? Aquele objeto duro que ela sentiu contra sua coluna era o armário?

Georgina piscou os olhos rapidamente.

Ou ela estava em uma cama de hospital?

"Chase?"

Isso também soou familiar, como um sonho, um déjà vu.

Mesmo quando, ainda atordoada, Georgina saiu de seu quarto, não havia evidências suficientes para persuadi-la de que aquilo não era um sonho.

As crianças estavam todas lá - as que haviam atacado Tyler.

Suas roupas estavam encharcadas.

Ela viu Jim, viu-o apontar por cima de seu ombro.

Alguém chamou o nome do Sr. Marshall.

Agora, isso era novo.

Georgina esticou o pescoço e viu o professor de geografia sozinho no centro do corredor.

"Putá merda! Ele tem uma arma! Ele tem a porra de uma arma!"

E foi o que ele fez. Na mão direita do homem estava uma pistola preta fosca.

Seus olhos se encontraram e o Sr. Marshall começou a sorrir.

Em seguida, ele levantou a arma e a apontou para ela.

Isso não é real. Você está imaginando isso.

É um sonho, que é o Tyler lá na WCI.

Ele não atirárá em você.

Ele não o fará.

Você ainda pode salvá-lo.

"Tyler?", disse ela.

O homem com a arma se aproximou.

"Abaixe a arma, Tyler. Ninguém vai machucá-lo", insistiu Georgina.

Alguém gritou quando o homem a agarrou pela garganta e a girou. Georgina sentiu o metal frio pressionar sua têmpora.

"Está tudo bem", disse Georgina à multidão. "Ele não vai machucá-los. Ele também não vai me machucar. Só não façam nada, ok?"

Chase viu as crianças primeiro.

Eles estavam bloqueando seu caminho, gritando sobre um homem armado.

Ela ouviu o nome do Sr. Marshall ser chamado.

"Mexa-se!", gritou ela.

Ninguém a notou.

Chase foi forçado a deslizar pela parede para passar por eles.

E então ela o avistou, e seu cérebro levou um momento para registrar que a descrição de Tate sobre o Sr. Marshall, por mais esparsa que fosse - *blazer curto e feio. Cabelos longos e finos - era* incrivelmente precisa.

Irrelevante, dado o contexto, mas, às vezes, o cérebro falha em momentos de alto estresse.

JC Marshall tinha uma mão entrelaçada na garganta de Georgina e uma arma apontada para sua cabeça.

Oh, droga.

Isso foi mais parecido com o Chase.

"Não se aproxime mais", disse o Sr. Marshall em um tom estrangulado quando finalmente a viu.

Algo atingiu Chase por trás, quase fazendo-a cair.

"Merda!"

E esse era o Tate.

"Fiquem onde estão!" O Sr. Marshall gritou para os dois. "Não se mexam, *porra.*"

Chase alinhou sua mira com a testa do Sr. Marshall.

Dê o tiro, sua mente insistiu. *Dê o tiro.*

Talvez seu julgamento ainda estivesse obscurecido, seus neurônios desgastados, mas Chase não achava isso.

Era a coisa certa a fazer.

JC Marshall já havia matado duas pessoas, com a intenção de causar o máximo de dano possível, algo que Tyler não havia conseguido na escola.

Eliminá-lo agora era arriscado, mas se ela não o fizesse, Chase estaria colocando todos eles em risco.

"Abaixe sua arma."

Exceto que ele tinha Georgina.

Chase não teve escolha.

Ela lentamente colocou sua arma no chão.

"Não há como sair dessa, JC", disse Tate ao lado dela. "Sabemos que você estava preparando o Tyler. Também sabemos que ele estava tentando abrir a sala de aula para tirá-la de lá."

Chase viu JC fazer uma careta, depois concentrou sua atenção em Georgina.

A garota tinha uma expressão apática no rosto, e mesmo quando o professor de geografia apertou o aperto em sua garganta e deu dois

passos para trás, isso não pareceu mudar.

Eu deveria tê-la deixado ficar em casa hoje, deveria tê-la deixado ficar na cama. Eu deveria ter ficado com ela em seu quarto de hospital.

Esse último pensamento foi o mais doloroso de todos.

Mais uma vez, Chase havia se deixado envolver tanto em um caso que se convenceu de que sua sobrinha estava bem, embora tudo o que Georgina dizia e fazia gritasse o contrário.

"Eu não o estava preparando", sibillou JC. "Agora, abaixe sua arma."

Espere, o Tate não colocou sua arma no chão?

"Sim, você estava", disse Tate, redobrando a atenção. "Você planejou que Tyler matasse os alunos enquanto você matava os professores, não é mesmo? Ele ia lhe dar a arma na mochila dele para matar Prentiss e os outros."

O que está fazendo, Tate? Não o deixe irritado.

Mas, incompreensivelmente, Tate parecia ter a intenção de fazer exatamente isso.

"Não sei por que você queria matar o diretor Prentiss, talvez ele o tenha intimidado, talvez..."

"Ele dormiu com minha esposa!" gritou o Sr. Marshall. "Com *minha* esposa!"

Essa revelação fez com que a mente de Chase se voltasse para trás.

"Tate, faça como ele..."

"Sim, eu entendo, se alguém dormir com a minha esposa, eu também meteria uma bala nele", disse seu parceiro. "Mas você conseguiu sua vingança. Agora, deixe-a ir."

O Sr. Marshall ainda estava um passo atrás.

"O homem teve o que merecia."

"Sim, e quanto ao John e à Mia? Eles também tiveram o que mereciam?" desafiou Tate.

Chase tentou fazer com que Tate abaixasse a arma, mas estava preocupado em fazer movimentos rápidos.

Por favor, Tate, abaixe a arma, ela pediu silenciosamente.

"Sabe", disse o Sr. Marshall, agora de soslaio, "primeiro perguntei ao John se ele queria se vingar. Achei que ele tinha coragem de se vingar deles por causa daqueles boatos. Ele disse que tinha algo planejado para o aniversário do dia em que eles começaram, mas eu sabia que era apenas algo pequeno".

Então, afinal, não foi uma coincidência total, pensou Chase. *Aliás, também não era algo pequeno.*

"Ah, então você não planejou que as portas fossem trancadas. Parece foda que o garoto que você disse que não tinha bolas tenha estragado todo o seu plano."

"Não, ele não fez isso. Estou aqui agora. Vou terminar o que Tyler começou. E vou começar com a garota que fez com que ele morresse."

Foi isso que aconteceu.

Esse comentário pareceu trazer Georgina de volta à vida.

As pupilas da garota se dilataram como se só agora ela estivesse percebendo o perigo iminente em que se encontrava. Sua respiração ficou difícil.

"Georgina, fique calma", disse Chase. "Tate, abaixe a porra da arma."

"Sim, abaixe a arma", insistiu o Sr. Marshall. "Eu vou atirar nela. Vou mesmo."

Ele não estava blefando.

Ele era louco.

"Tate?"

Chase estava prestes a se voltar para sua parceira quando notou um movimento atrás do Sr. Marshall e de Georgina.

Era um homem de cabelos e olhos pretos.

Era o Linus.

De todas as pessoas, foi *Linus*.

E ele tinha uma pistola apontada para as costas do Sr. Marshall.

Agora, dê o tiro. Linus, atire nele.

Chase se preparou para correr, caso não fosse um tiro mortal.

Isso foi um erro. O Sr. Marshall percebeu sua mudança de postura e foco.

Ele começou a se virar, puxando Georgina junto com ele.

"Atire nele!" Chase disse em voz alta dessa vez. "Linus, dê a porra do tiro!"

Capítulo 41

Não demorou muito para Linus descobrir o que estava acontecendo, apesar do tumulto.

O Sr. Marshall havia feito Georgina de refém. Chase estava implorando para que Tate largasse a arma - ela estava caída no chão na frente deles - enquanto o homem que Linus chamava de *Pops* parecia estar deliberadamente tentando enfurecer o professor.

Linus estava bem dentro do alcance letal agora, mas não confiava em sua mira e continuou avançando.

Quando foi a última vez que disparei uma arma? No campo de tiro? Quando foi isso? Três anos atrás? Quatro?

Todos os agentes do FBI, inclusive os diretores, eram obrigados a manter suas habilidades atualizadas, o que incluía treinamento anual de tiro.

Mas Linus nunca se preocupou com isso, e ninguém parecia se importar.

Porque ele não era um *maldito agente de campo*.

Uma coisa que ele sabia com certeza era que nunca havia disparado um tiro contra outra pessoa. Nunca.

Pensando bem, Linus nunca havia sequer apontado sua arma para um humano.

Ele se lembrou de quando sua casa foi invadida durante o caso do senador Duffy. Ele tinha uma arma em seu quarto e, mesmo quando os dois homens mascarados estavam tentando arrombar a porta de seu escritório com apenas uma coisa em mente, Linus nem sequer a retirou do cofre.

Ele poderia ter dito a Chase e Tate que havia se esquecido, mas isso era uma mentira.

Ele não queria usar a coisa.

Não foi possível.

Mas agora era diferente.

Certo?

Agora não era a vida dele que estava em risco, mas a de uma jovem inocente.

Sobrinha do Chase.

Seu olhar encontrou o de Chase. Sob o medo dela, ele detectou uma mensagem tão clara como se estivesse escrita em pedra: *Dê o tiro. Atire nele. Salve Georgina.*

Linus mirou na parte de trás da cabeça do homem.

Não, você pode errar. Você poderia acertar Georgina.

O Sr. Marshall não era um homem alto - a garota chegava ao nariz dele, mesmo quando era puxada para trás.

Naquela época?

Linus baixou a mão.

Mas isso não o mataria.

Será que Tate conseguiria reagir a tempo de garantir que Georgina não levasse um tiro na cabeça?

Talvez.

Pops era um bom atirador. Uma ótima tacada.

A empunhadura da arma estava ficando escorregadia de suor.

Dê o maldito tiro, Linus. Faça isso! Vamos lá!

O Sr. Marshall estava começando a se virar, e Linus entrou em pânico.

Cada fibra de seu ser estava lhe dizendo para simplesmente atirar no homem.

Mas ele não conseguiu fazer isso.

Em vez disso, quando viu a raiva absoluta no rosto do professor, Linus atacou, apontando a arma.

Foi estranho, descoordenado, especialmente porque a arma já estava totalmente estendida na frente dele.

JC se esquivou do ataque desleixado, derrubando Georgina no chão.

Ou ele atirou nela?

Ela está morta?

Marshall acertou o cotovelo no rosto de Linus, quebrando seu nariz e enviando um jato de sangue quente para sua garganta.

Linus caiu, com os olhos lacrimejando tanto que não viu o Sr. Marshall pular em cima dele.

Tudo aconteceu tão rápido e, paradoxalmente, tão devagar que Chase teve dificuldade em entender tudo.

Linus *não atirou* - disse ela tinha certeza. Chase não tinha ideia do motivo, mas o diretor do FBI nunca puxou o gatilho.

Parece que ele... caiu? Caiu para frente, de alguma forma?

Em seguida, Georgina foi jogada para um lado e o Sr. Marshall pulou em cima de Linus.

Ela ouviu um som de estalo, como se alguém estivesse quebrando a fina camada de gelo que ocasionalmente se forma sobre a neve fresca.

Chase já estava pronta para correr e agora aproveitou a oportunidade. Correndo, ela teve a ideia de que Tate poderia atirar nela por acidente.

Ou Linus no chão.

Ou Georgina.

Mas, ainda assim, nenhum tiro foi disparado.

Georgina, milagrosamente, parecia ilesa e, quando Chase diminuiu a distância entre eles, sua sobrinha se levantou.

"Corra! Corra, Georgina!" Chase gritou.

Mas a garota não fugiu.

"Mexa-se! Abaixе-se!"

Faça alguma coisa!

Georgina se moveu, mas não para longe dos combatentes.

Ela parecia estar procurando algo no chão.

Chase estava a vinte passos de distância.

Quinze.

Georgina se abaixou e pegou o objeto.

Dez.

Cinco.

Chase estava quase lá. Ela estava *tão* perto.

Tão perto, porra.

Três.

Perto o suficiente para ouvir Georgina dizer: "Eu não matei Tyler - você matou".

Dois.

O corredor se encheu com o som de uma arma disparando quando alguém finalmente puxou o gatilho.

Capítulo 42

Georgina sabia agora que aquilo não era um sonho.

Não depois do que o Sr. Marshall disse.

Não depois que ele *a* acusou de matar Tyler.

Ela foi jogada para o lado e, embora a batida no chão duro devesse ter sido suficiente para provocar ferimentos na escola, Georgina mal sentiu.

Seus olhos permaneceram fixos no Sr. Marshall e... Linus?

Que diabos Linus estava fazendo aqui?

Ela podia ver o sangue cobrindo o rosto do diretor do FBI, podia ver o Sr. Marshall atacando-o como um cão raivoso.

Assim como a multidão havia atacado Tyler.

E então ela viu outra coisa.

Uma arma no chão.

Chase estava gritando com ela, mas ela ignorou a tia.

Georgina se curvou e pegou a arma.

Um dia de estreias, ela pensou estranhamente.

É a primeira vez que uma arma é apontada para ela.

Primeira vez segurando uma arma.

Primeira vez que dispara uma arma para o ar.

Georgina calmamente se apoiou nos dois corpos no chão, evitando de alguma forma ser derrubada pelos quatro membros que se debatiam desesperadamente.

"Eu não matei o *Tyler* - você matou."

Primeira vez que dispara uma arma contra alguém.

Capítulo 43

Tate ficou ao lado do chefe Archer enquanto o homem fazia uma segunda tentativa de falar com a mídia.

Stitts também estava lá.

Apenas Chase e Linus estavam faltando.

O chefe insistiu para que fosse ele a dar a palestra e Stitts concordou somente depois de discutirem, palavra por palavra, o que deveria ser dito.

Stitts avisou o homem que, se ele se desviasse do roteiro, não hesitaria em cortá-lo.

De forma agressiva, sem remorso.

E com ramificações.

"Hoje, a família de Williamsburg está de luto. Nossa grande cidade foi atacada, duas vezes, em dois incidentes separados, mas relacionados. Perdemos vários homens bons no processo." Archer fez uma pausa para deixar suas palavras se prolongarem. "O primeiro é Martin Martchenko, um guarda de segurança corajoso e amado que trabalhou no Williamsburg Collegiate Institute por quase vinte anos. Suas ações, sem dúvida, salvaram dezenas de vidas. Ele foi um herói no sentido mais verdadeiro da palavra." Outra pausa estratégica. "Aqui, no hospital, perdemos mais dois homens. O policial Ryan Carter, da polícia de Williamsburg, foi morto no cumprimento do dever. Era seu segundo ano de trabalho e, assim como Martin, ele também é um herói. Por fim, o diretor da WCI, Paul Prentiss, também perdeu a vida hoje ao proteger seus alunos. Nossos pensamentos e orações vão para suas respectivas famílias."

Eles haviam discutido esse ponto, com Tate defendendo a posição de que Prentiss, embora não merecesse morrer de forma alguma, não havia feito absolutamente nada para proteger as crianças. Ele também estava transando com todo mundo, inclusive com a secretária e a esposa de JC Marshall.

Ele havia sido rejeitado.

Pelo menos não o estavam chamando de herói.

"O principal perpetrador por trás desses ataques", continuou Archer, "era um professor da WCI chamado JC Marshall. Durante uma tentativa de prender o homem, ele foi baleado e morto, pondo fim aos terríveis eventos de hoje."

Não houve menção ao envolvimento dos alunos. Todos eles eram menores de idade, o que significa que seus nomes seriam excluídos de todos os documentos que descrevem o que aconteceu hoje.

Inicialmente, Archer queria dar o nome de Georgina Adams, destacar sua conexão com o agente do FBI Chase Adams e anunciá-la como heroína também, mas Tate e Stitts rejeitaram a ideia

imediatamente.

As crianças sabiam o que havia acontecido, é claro, o que significava que os nomes acabariam sendo revelados, mesmo com NDAs rigorosos e ordens de silêncio em vigor.

Mas isso não estava em suas mãos.

"Embora lamentemos as mortes trágicas dos indivíduos que morreram aqui hoje, também devemos ser gratos pelo fato de os esforços coletivos da polícia de Williamsburg e do FBI terem evitado mais perdas."

Era isso, o fim do discurso.

Curto e direto ao ponto.

Agora, vamos às perguntas.

"Você pode confirmar ou negar que os alunos também participaram dos eventos de hoje?"

"Como esta é uma investigação em andamento, não estamos preparados para divulgar mais detalhes neste momento." As palavras pareciam causar dor física ao chefe Archer.

Após algumas discussões com o promotor público, foi acordado que a multidão que atacou e efetivamente deixou Tyler Clavin com morte cerebral não enfrentaria nenhuma acusação. No entanto, eles estavam sendo forçados a se submeter a aconselhamento obrigatório por um período mínimo de seis meses.

Sobre essa questão, Tate pediu a opinião de Chase.

Seu parceiro estava de acordo com essa decisão.

Essas crianças - *todos* os alunos, mas a multidão em particular - passariam a vida tentando lidar com o que haviam passado. Por mais que Tate tenha enfatizado que o que eles *fariam*, *poderiam* e *deveriam fazer* só lhes causaria mais dor, eles eram inevitáveis.

Era a natureza humana.

"O que você acha dos rumores de que o Sr. Marshall estava trabalhando com alguns dos alunos para orquestrar o plano de hoje?"

A mesma pergunta, formulada de forma diferente. A natureza da mídia.

"Como eu disse, neste momento, devido à natureza sensível desta investigação, não revelaremos mais detalhes."

A linha de questionamento continuou nesse sentido por mais alguns minutos até que Stitts, como planejado, encerrou a reunião.

Em suma, a coletiva de imprensa estava fadada a levantar mais perguntas do que respostas, mas Tate não se importou com isso.

Uma vez longe das câmeras, o chefe Archer se dirigiu a Tate e Stitts.

"Obrigado por toda a sua ajuda hoje", disse o homem grande, parecendo genuíno.

Ele ofereceu sua mão.

Stitts balançou a cabeça

Tate hesitou, considerou suas opções e acabou fazendo o mesmo.

O chefe Archer pode ter feito muitas coisas erradas hoje, mas todos eles fizeram merda de uma forma ou de outra.

Tate não achava que ele fosse um homem ruim. Além disso, ele sabia que, às vezes, nesse trabalho, a parte mais difícil não era caçar os criminosos, mas tentar não se tornar um deles.

E, ao apertar a mão do Chefe Archer, Tate começou a pensar que o homem poderia ser mais parecido com ele do que havia pensado.

Talvez o chefe Archer, assim como ele, também fosse um camaleão.

Tate sabia que teria de ser a rocha de Chase e de Georgina também. Seus sentimentos teriam de esperar.

Se ele havia aprendido alguma coisa com o desastre de hoje, era que as únicas coisas que realmente importavam eram os laços que ele havia criado com aqueles que amava.

Capítulo 44

Linus Bowen olhava fixamente para a tela do computador, lendo as informações que havia compilado nos últimos dias. Era tudo o que ele conseguiu encontrar sobre Tyler Clavin, Mia Cross, John Schaffer e JC Marshall.

No total, eram quase cem páginas. Tudo, desde mensagens de texto que ele havia retirado ilegalmente dos telefones deles até publicações arquivadas em mídias sociais que ele havia descoberto on-line.

Na verdade, Mia Cross veio de um bom lar. Os pais ainda estavam juntos, a mãe Brooke era uma contadora de alto nível em uma empresa de prestígio. Seu pai, James, era um executivo de nível C em uma instituição financeira. Juntos, eles ganhavam quase sete dígitos.

Oitocentos e sessenta e cinco mil dólares após doações para suas instituições de caridade preferidas, para ser exato.

Para Linus, a história de Mia era uma história clássica de rebelião contra os pais tradicionais que simplesmente se agravou além do seu controle. Ele passou a acreditar na história que Chase lhe contara sobre o fato de ela só querer irritar a escola com uma enchente.

Os pais de John Schaffer ainda não estavam divorciados, mas Linus achava que isso seria inevitável. Todd Schaffer era um vendedor ambulante de desfibriladores. Um mergulho profundo em seus registros de cartões de crédito corporativos e pessoais revelou que ele quase certamente estava traindo sua esposa, Rebecca, que, irônica ou incidentalmente, era professora. Eles estavam se afogando em dívidas e nenhum deles passava muito tempo em casa.

Rebecca, Becca para seus amigos, estava absolutamente traindo Todd. Ela nem mesmo tentava esconder isso, usando o cartão de crédito conjunto para reservar estadias curtas em motéis duvidosos.

Rick Clavin, o pai de Tyler, era um abusador de crianças em série, um namorador e Linus tinha cerca de 90% de certeza de que ele havia matado sua esposa. Em 13 de setembro deth, Laurie Clavin não apareceu para trabalhar. Ela enviou uma mensagem de texto ao seu chefe no restaurante onde trabalhava como garçonne vinte minutos depois da hora marcada para começar, dizendo simplesmente: *Estou doente, não poderei ir hoje*. De acordo com seus registros de emprego, ela havia faltado muito ao trabalho no último ano. Mas ela sempre ligava, nunca mandava mensagens.

Esse foi o último vestígio que Linus encontrou de Laurie.

Com base na triangulação do GPS do telefone de Rick no mesmo dia em que a mensagem foi enviada, Linus suspeitou que ele tivesse jogado o cadáver dela no rio Chickahominy.

Rick ainda não havia visitado o filho no hospital e o havia renegado publicamente em várias ocasiões, incrivelmente assumindo

uma postura de superioridade. Linus também recuperou e-mails de Rick para vários meios de comunicação, contando tudo sobre a vida do filho.

Até o momento, não há quem aceite.

Linus levou a garrafa de Jack Daniels aos lábios e tomou um gole.

Ele havia aberto apenas no início da noite e já estava pela metade.

O registro hospitalar de Tyler por vários ferimentos era quase tão longo quanto a ficha criminal de Rick. Braços quebrados, dedos quebrados, marcas de queimaduras misteriosas.

Havia três investigações de abuso infantil pendentes no Departamento de Serviços Sociais da Virgínia.

Tyler era um garoto bagunceiro, sem dúvida. Não se sabe se ele sabia sobre o provável assassinato de sua mãe. O mesmo vale para o que finalmente o havia desencadeado.

Ou se Tyler teria ido tão longe quanto foi se tivesse tido um professor de geografia diferente.

E ainda havia o JC Marshall.

Filho de um pai abusivo e de uma mãe viciada em drogas, a última das quais havia morrido de overdose três anos antes do incidente no WCI, ele veio de um lar desfeito. Assim como Tyler, ele provavelmente sofreu abuso, mas os registros hospitalares daquela época eram escassos. Como aluno da WCI, ele era alvo de chacota. Linus encontrou três de seus colegas de classe que tiveram a audácia de zombar dele publicamente em suas postagens no anuário.

Depois da faculdade de pedagogia, JC trabalhou em uma escola primária de merda em uma parte ainda mais ruim da cidade. Por duas vezes, ele foi acusado de assediar verbalmente um aluno, mas esses relatórios foram excluídos e Linus teve que procurar muito para encontrá-los. Pouco tempo depois, JC conseguiu um emprego na WCI com uma recomendação brilhante.

Linus não teve problemas para juntar as peças do quebra-cabeça, mesmo quando as informações de que precisava não estavam em lugar algum. Ele suspeitava que o Sr. Marshall havia descoberto algo sujo sobre alguém e usou isso para chantagear sua entrada.

Os celulares de gravação não podiam ser hackeados. Linus conseguiu confirmar que a mensagem de texto *Amanhã* tinha vindo do celular de JC, mas isso foi tudo o que ele conseguiu descobrir. Ainda assim, isso foi o suficiente para ele concluir que essa não era a única mensagem.

Tyler só estava na classe de JC desde o início do ano, e Linus suspeitava que a maior parte desse tempo o professor havia passado cuidando dele. Agiu como uma figura paterna para o garoto que nunca teve uma.

Os registros de armas revelaram que a carabina Scorpion Evo 9mm

encontrada na mochila de Tyler havia sido comprada por um tal de Dale Kartoski. Quando Linus comparou a caligrafia do contrato de trabalho de JC e o formulário de registro de armas, houve uma correspondência direta.

A pistola de Tyler não podia ser rastreada. Talvez fosse a do pai dele. Linus estava pensando agora, mas achava que poderia ser a mesma arma usada para matar Laurie Clavin.

Talvez sim, talvez não.

Linus tomou outro drinque. Ao fazê-lo, viu seu reflexo na garrafa quadrada.

Seu nariz estava quebrado, seus olhos estavam raiados.

Linus suspirou e bebeu mais.

Em seguida, ele voltou sua atenção para o pedaço de papel em sua mesa.

A que ele assinou.

Sua demissão.

Linus começou a chorar.

Ele não podia fazer isso. Mesmo para salvar Georgina, ele não podia puxar a porra do gatilho.

As lágrimas pingaram na página e ele as enxugou com as costas da mão.

Em seguida, ele pegou o objeto ao lado do mouse do computador. Ele o segurou contra a luz, maravilhado com a forma suave e poderosa.

Era a arma de seu cofre, muito maior e mais potente do que sua pistola do FBI.

"Eu não conseguiria fazer isso", disse ele em voz alta, antes de engolir mais do uísque.

Mas agora ele pode.

Ele tinha que fazer isso.

Para Georgina. Para Chase.

Para os *papais*.

Epílogo

Um mês depois

"Eu realmente não quero fazer isso", disse Georgina, balançando a cabeça enquanto estavam sentados no carro de Chase no estacionamento da Grassroots Recovery. "Eu realmente, *realmente* não quero fazer isso."

Chase olhou atentamente para a sobrinha.

A garota estava sentada com as mãos entre os joelhos, algo que ela notou que Georgina fazia com frequência desde o tiroteio.

Era quase como se ela não confiasse em suas mãos.

Chase conhecia a sensação.

Não foi apenas o tiroteio, o acionamento do gatilho que tirou a vida de um homem, mas também o que aconteceu quando ela tocou Tyler Clavin.

Eles haviam conversado muito sobre isso desde o hospital, talvez até mais do que sobre o próprio tiroteio.

E Chase tinha certeza de que, por razões além de sua compreensão, seu "vodu" havia sido transferido de alguma forma para a garota. Essa habilidade, uma ferramenta com a qual Chase sempre contava para se destacar como agente do FBI, agora parecia uma maldição que ela desejava desesperadamente desfazer. Mas a esperança de mudar uma realidade, por mais bizarra que fosse, era inútil.

Mesmo quando essa realidade incluía "vodu".

"Eu era como você", disse Chase suavemente. "Na verdade, eu *sou* como você. Achei que isso não ajudaria, que seria uma perda de tempo. Não vou mentir - isso não vai ser fácil e falar sobre o que aconteceu vai doer. Mas também vai ajudar. O Dr. Matteo é um bom homem, Georgina. Dê uma chance a ele. Por mim. Por favor."

Georgina suspirou e olhou para o impressionante edifício.

Ela era teimosa - Deus, ela era teimosa.

Sim, ela também é como eu nesse sentido, pensou Chase, com um sorriso triste surgindo em seus lábios.

Mas Georgina a surpreendeu.

"Vou tentar, Chase. Vou tentar."

Chase se inclinou, segurou a parte de trás da cabeça de Georgina e a beijou entre os olhos.

"Vocês fizeram o que tinham de fazer. Fez o que tinha de fazer para sobreviver e estou orgulhoso. Mais do que qualquer outra coisa, você e eu somos sobreviventes, Georgina. Nunca se esqueça disso. Nunca."

Lágrimas se formaram em seus olhos e, dessa vez, Chase não as conteve.

Georgina estava de cabeça baixa, com os ombros caídos, enquanto voltava para o carro.

Chase, que havia esperado do lado de fora durante toda a sessão de uma hora, com o estômago em frangalhos, saiu do carro.

"Georgina? Você está bem?"

Ela começou a duvidar de si mesma, mas então Georgina levantou a cabeça e deu um sorriso triste para Chase.

"Você estava certo, acho que isso ajudou."

Chase deu uma risadinha e abraçou a sobrinha.

"Não vou perguntar o que vocês disseram um ao outro, isso é problema seu, mas se você quiser falar sobre isso, sobre qualquer coisa..."

"Oh, nós vamos falar sobre isso." O rosto de Georgina mudou - ela parecia quase maliciosa quando disse: "Porque, em nossa próxima reunião, você virá comigo. O Dr. Matteo acha que é melhor conversarmos *todos* juntos."

Chase não pôde deixar de rir.

E então ela pensou: "*Sem chance*."

Eles voltaram para o carro.

"Você quer almoçar?" Chase perguntou, olhando para o relógio embutido no painel.

Georgina esfregou o estômago dramaticamente e Chase, por um segundo, esqueceu tudo sobre os tiroteios e considerou sua sobrinha apenas uma criança novamente. Uma adolescente sarcástica, incompreendida e idiota.

Não duraria muito tempo, ela sabia disso, mas a sensação ainda era boa.

Eram as pequenas coisas, certo?

Esses momentos, por mais efêmeros que fossem, lembravam a Chase o que Tate havia lhe dito certa vez em uma taça de vinho.

Que, independentemente do que fizessem durante o dia, independentemente das tragédias que se abatessem sobre os outros, ainda era normal que se sentissem bem de vez em quando.

"Claro, quem diria que falar poderia deixar alguém com tanta fome?"

"Você está seguro?" perguntou Tate ao chegar ao restaurante.

"Sim", disse Rachel. "Estou fazendo tudo o que você disse. Não saio à noite sozinha e, durante o dia, sempre carrego na bolsa aquela lata de spray de pimenta que você me deu."

"Bom. Bom."

Tate alcançou a maçaneta da porta.

"Me faz um favor, pai?"

"Claro."

"Não vamos falar sobre o tiroteio de hoje, certo? Ou sobre segurança ou algo do gênero. Vamos apenas ter um bom almoço. Um almoço *normal*."

"Claro, querida."

Um garçom, um garçom diferente daquele da última vez que vieram aqui, levou-os até uma mesa nos fundos do restaurante. Eles estavam na metade do caminho quando Rachel parou.

"Você está bem? Precisa de seus bastões?"

Rachel ignorou as perguntas.

"O que ele está fazendo aqui?", perguntou ela.

Tate olhou para Billy Dalton, que já estava sentado à mesa.

"Papai?" Havia pânico na voz de Rachel.

"Eu pedi para ele vir", disse Tate. "Vou ser legal, prometo."

Apesar de suas garantias, Rachel se recusou a ceder.

"Rach, eu prometo. *Por favor*."

Ela finalmente começou a se mover, com um andar ligeiramente desarticulado. Mas quanto mais se aproximavam da mesa, mais esforço Rachel fazia para andar normalmente.

"Sr. Abernathy, senhor", disse Bobby, levantando-se e estendendo a mão. Rachel ficou tensa ao lado de Tate, mas relaxou quando ele apertou a mão do homem.

"Sr. Dalton, é bom vê-lo novamente."

Houve um momento de constrangimento enquanto Billy tentava decidir como se dirigir a Rachel. Então, Tate viu o rosto da filha começar a se iluminar quando eles decidiram se abraçar.

"É bom ver você, Rachel. Já faz um tempinho."

Todos se sentaram, e Tate pediu uma cerveja para ele e Billy e um refrigerante de vodca para a filha, que, depois de algumas pesquisas, ele descobriu que era a bebida preferida dela.

Como antes, Bobby recusou a oferta, mas Tate insistiu.

Depois que as bebidas chegaram, Tate falou sobre o elefante na sala.

"Primeiro, quero me desculpar pela maneira como agi da última vez que estivemos aqui. Não foi certo, e você não merecia isso, Billy."

"Não, está tudo bem. Eu entendo."

"Não, não está tudo bem." Tate estendeu a mão e apertou o ombro de Rachel. "Confio no julgamento da minha filha, e o fato de ela estar saindo com você significa que você deve ser um bom rapaz." Ele deixou a frase no ar. Desculpando-se ou não, ele queria que Billy soubesse que, se ele fizesse algo errado com Rachel, ele voltaria a ser o homem que tinha sido no primeiro dia em que se conheceram.

"Obrigado. Eu agradeço."

Tate tomou um gole de sua cerveja.

"Então, conte-me um pouco...", ele parou. "Mas que diabos?"

Rachel riu.

"Acho que você não é o único que tem uma surpresa hoje", disse ela.

Chase e Georgina foram até eles, ambos sorrindo.

Quando foi a última vez que vi um deles sorrir? Tate se perguntou.

Ele deu um beijo na bochecha dos dois e depois apresentou o Billy.

"Foi bom vê-lo novamente, Sr. Abernathy. E prazer em conhecê-los. Mas, infelizmente, tenho que correr. Tenho aula."

"Tem certeza de que não pode ficar?" perguntou Tate, ainda confuso sobre o que Chase e Georgina estavam fazendo aqui. Ele ficou mais desconfiado quando viu Rachel e Billy trocando olhares.

"Desculpe-me, mas tenho que ir."

Tate, com as sobrancelhas sempre franzidas, puxou uma cadeira para Chase.

"Por que tenho a sensação de que estou sendo o foco de algum tipo de intervenção aqui?"

Chase riu.

Outra peculiaridade.

"Pessoal?"

Agora, foram Georgina e Rachel que trocaram um olhar. Em seguida, a primeira fez um aceno de cabeça encorajador para Chase.

"Alô?" perguntou Tate.

Ele percebeu que Chase baixou o olhar e respirou fundo.

Que diabos está acontecendo?

Chase ergueu os olhos e olhou diretamente para ele.

"Eu amo você, Tate. Amo mesmo. Você pode ser um pé no saco, mas depois de conversar com esses idiotas aqui, todos concordamos que está na hora."

"Tempo para *quê*?"

"É hora de se casar."

Tate não conseguia acreditar no que ouvia.

"O quê?"

"Marcamos a data do seu casamento, pai!" exclamou Rachel.

"O *quê*?"

"Você pode dizer mais alguma coisa?" disse Chase, parecendo irritado.

Ele não podia.

Tate estava sorrindo demais para dizer alguma coisa.

Eles estavam noivos há quatro anos, e isso era tudo o que ele queria.

Para tornar isso oficial.

Claro, ambos já haviam se casado antes. Ambos já haviam amado antes.

Mas o que Tate sentia por essa mulher estranha e danificada de cabelos brancos era único.

"Eu...", gaguejou ele. Tate sentiu o calor subir em suas bochechas.

"Eu tenho que dizer sim?"

"Vá se foder", sussurrou Chase com um sorriso.

"Pai, você deveria ver o lugar que escolhemos. É incrível. Quero dizer, é caro, mas valerá a pena. E o Chase concordou em fazer de mim e da Georgina damas de honra."

Georgina entrou na brincadeira, parecendo tão animada quanto Rachel. Elas conversaram sobre arranjos de flores, listas de convidados, todas as coisas com as quais Tate não se importava, mas que se importava demais para que elas interrompessem.

No entanto, ele se aproximou e beijou Chase novamente, dessa vez nos lábios.

"Eu amo você", ele sussurrou no ouvido dela.

"Eu também amo você."

Quando ela se afastou, Tate notou um vinco se formando na testa de Chase.

Ele ficou sério.

"Ouça, não quero forçar isso. Se você não estiver pronto..."

Chase balançou a cabeça.

"Não é isso."

"O que é então?"

Chase olhou ao redor da mesa, mas Georgina e Rachel estavam tão concentradas na conversa sobre o casamento que pareciam ter se esquecido da futura noiva e do futuro noivo.

"Você disse algo no hospital."

"Você precisa ser mais específico", comentou Tate. "Eu disse muitas coisas no hospital".

"Bem, você disse ao JC Marshall que se eu dormisse com outra pessoa, você também atiraria nela. Falou sério?"

Tate riu.

"Sim, provavelmente."

O fim

Nota do autor

Às vezes, depois de algumas cervejas deliciosas, fico nostálgico e reflito sobre como toda essa aventura, agora com quatorze - quatorze! - livros, começou. Tudo começou com uma jovem agente novata com uma "habilidade" especial, um vício em drogas e um passado misterioso. Agora, já com três parceiros atrás de si, Chase percorreu um longo caminho. Um longo, longo caminho. Mas Chase, como a maioria de nós, ainda luta diariamente com seus demônios. É disso que mais gosto nela. Bem, essa é *uma* das coisas que mais gosto nela.

Quando concebi Tate Abernathy pela primeira vez, nunca esperei que ele se tornasse um personagem regular da série. Isso não deve ser uma surpresa, pois, como já disse várias vezes, não sou o criador de Chase ou de qualquer outro personagem da longa lista desta série. Sou simplesmente um estenógrafo de tribunal que observa seus movimentos e comportamentos e transcreve o que vê. Eu escrevo tudo (corrigindo *a maioria* dos erros de digitação ao longo do caminho) e envio para vocês, os leais ao Chase Adams que estão aqui desde o primeiro dia.

Eu sei o que você vai dizer, mas Pat, você tem mais três livros de Chase Adams em pré-venda! Você *deve* saber o que vai acontecer, para onde a vida dela está indo.

Minha resposta a essa pergunta é um sonoro... *não*. Eu nem sei o que vou vestir amanhã, muito menos sei onde alguém como Chase (ou Tate, Georgina ou Rachel) vai parar. E, sinceramente, essa é a parte mais divertida desse trabalho (e eu tenho um trabalho muito, muito divertido). Posso acompanhar suas vidas, aprendendo coisas novas sobre eles à medida que vou avançando.

E tudo isso apenas algumas horas antes de você poder aproveitar também (o que posso dizer, ser um escritor não é isento de vantagens).

Como sempre, se você tiver um momento e tiver gostado dessa aventura insana, deixe um comentário ou apenas uma simples avaliação. Odeio ser um disco quebrado, mas elas realmente ajudam.

Vejo vocês na próxima vez, quando Chase retornar em *Frost Bite*.

E não, mais uma vez, não tenho a menor ideia do que vai acontecer nesse filme. Mas posso lhe prometer uma coisa: vai ser muito divertido.

Se você continuar lendo, eu continuarei escrevendo.

Pat

Montreal, 2023

Outros livros de Patrick Logan

Detetive Damien Drake

Beijos de borboleta

Causa da morte

Download Murder

Rei Esqueleto

Tráfego humano

Senhor das Drogas: Parte I

Senhor das Drogas: Parte II

Luta premiada

Quase Infame

Homem de palha

Empresa perigosa

Rosto feliz

Thrillers do FBI de Chase Adams

Frozen Stiff

Suspeito das sombras

Desenho de um morto

Alerta Amber

A história de Georgina

Dinheiro sujo

Cova do Diabo

Mulheres pintadas

Efeitos adversos

Já morto

Evidência direta

Segredos sujos

Sangue contaminado

Dr. Beckett Campbell, médico legista

Bitter End

Doador de órgãos

Injetando fé

Precisão cirúrgica

Não ressuscitar

Extraíndo o mal

Residência do Mal (também conhecida como a primeira morte de Beckett)

Thrillers de Tommy Wilde

Uma noite selvagem

Duas Semanas Wilde

Três meses de Wilde
Quatro famílias Wilde

Thrillers de Penelope June

Morrer para respirar
Morrendo de vontade de falar

Thrillers de Veronica Shade

A cor do assassinato
O cheiro do assassinato
O som do assassinato
O Toque do Assassinato
O sabor do assassinato

Não se esqueça de dar uma passada no meu grupo do Facebook e dizer
oi! <https://www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/>

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2024

Design de interiores: © Patrick Logan 2024

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Junho de 2024

[PL1] Na mochila, encontraram a arma automática, por que ele não a usou? [PL2] Foi por isso que Tyler não usou a arma automática. Porque não era para ele.

Table of contents

1. [Prólogo](#)
2. [PARTE I - Explosão](#)
3. [Capítulo 1](#)
4. [Capítulo 2](#)
5. [Capítulo 3](#)
6. [Capítulo 4](#)
7. [Capítulo 5](#)
8. [Capítulo 6](#)
9. [Capítulo 7](#)
10. [Capítulo 8](#)
11. [Capítulo 9](#)
12. [Capítulo 10](#)
13. [Capítulo 11](#)
14. [Capítulo 12](#)
15. [PARTE II - Mentalidade de multidão](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Capítulo 19](#)
23. [Capítulo 20](#)
24. [Capítulo 21](#)
25. [Capítulo 22](#)
26. [Capítulo 23](#)
27. [PARTE III - Aviso de acionamento](#)
28. [Capítulo 24](#)
29. [Capítulo 25](#)
30. [Capítulo 26](#)
31. [Capítulo 27](#)
32. [Capítulo 28](#)
33. [Capítulo 29](#)
34. [Capítulo 30](#)
35. [Capítulo 31](#)
36. [Capítulo 32](#)
37. [Capítulo 33](#)
38. [Capítulo 34](#)
39. [Capítulo 35](#)
40. [Capítulo 36](#)

41. [Capítulo 37](#)
42. [Capítulo 38](#)
43. [Capítulo 39](#)
44. [Capítulo 40](#)
45. [Capítulo 41](#)
46. [Capítulo 42](#)
47. [Capítulo 43](#)
48. [Capítulo 44](#)
49. [Epílogo](#)
50. [O fim](#)
51. [Nota do autor](#)
52. [Outros livros de Patrick Logan](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)

25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)

69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)

113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)

157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)

201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)

245. [245](#)

246. [246](#)

247. [247](#)